

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação.
Permitida a cópia xerox. A citação deve ser textual, com indicação
de fonte conforme abaixo.

MURICY, Antônio Carlos da Silva. *Antônio Carlos Murici I*
(*depoimento, 1981*). Rio de Janeiro, CPDOC, 1993. 768 p. dat.

ANTÔNIO CARLOS MURICI I
(depoimento, 1981)

Ficha Técnica

tipo de entrevista: história de vida
entrevistador(es): Aspásia Alcântara de Camargo; Ignez Cordeiro de Farias; Lucia Hippolito
levantamento de dados: Lucia Hippolito
pesquisa e elaboração do roteiro: Lucia Hippolito
sumário: Ignez Cordeiro de Farias
conferência da transcrição: Ignez Cordeiro de Farias
copidesque: Elisabete Xavier de Araújo
técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes
local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil
data: 17.02.1981 a 20.05.1981
duração: 57h 20min
fitas cassete: 58
páginas: 768

Entrevista realizada no contexto da pesquisa "Trajetória e desempenho das elites políticas brasileiras", parte integrante do projeto institucional do Programa de História Oral do CPDOC, em vigência desde a sua criação em 1975.

O entrevistado procurou o Programa de História Oral do CPDOC interessando em gravar seu depoimento.

temas: Antônio Carlos Muricy, Castelo Branco, Clube Militar, Comunismo, Costa e Silva, Crise de 1954, Crise de 1955, Crise de 1961, Escola Militar, Escola Superior de Guerra, Escola de Comando do Estado Maior do Exército, Exército, Golpe de 1964, Governo Castelo Branco (1964-1967), Governo Emílio Médici (1969-1974), Governo Getúlio Vargas (1951-1954), Governo João Goulart (1961-1964), Governo Jânio Quadros (1961), Leonel Brizola, Miguel Arraes, Militares, Ministério da Guerra, Política Regional, Repressão Política, Revolução Constitucionalista (1932), Revolução de 1930, Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Tenentismo, Terrorismo.

Sumário

1ª Entrevista: 17.02.1981

Origem familiar; lembranças do pai; a Revolução de 1893; o avô; Curitiba; o pacto de sangue; família materna; formação escolar e religiosa; recordações da infância; o Paraná; o Colégio Militar; Primeira Guerra Mundial; professores e colegas do Colégio Militar; a Escola Militar; os irmãos; idéias comunistas no Colégio Militar; reflexos do levante de 1922 na Escola Militar; prisão em 1932; a Missão Francesa; escolha da arma; recordações da juventude; leituras; a mãe; promoções no Exército; estado de sítio durante o governo Bernardes; transformações do Brasil; discurso proferido na saída do Estado-Maior; influência de Alberto Torres e Oliveira Viana na formação da juventude; luta política e luta ideológica; o Exército como fator de integração nacional; Coluna Prestes; os revoltosos e os militares; companheiros da Escola Militar; no 1º RAM; Mascarenhas de Moraes e o 1º RAM; major Dalmo Ribeiro de Rezende; os brigadas e os subtenentes; Alcio Souto; o Exército e a formação de lideranças.

2ª Entrevista: 20.02.1981

A instrução na Escola Militar; vida no 1º RAM; a questão da antiguidade no Exército; a Missão Francesa e a preocupação com o esporte; esgrima; o casamento e os primeiros anos de casado; conspiração para a Revolução de 1930; o assassinato de João Pessoa; manobra conjunta do Exército e da Marinha em 1930; Revolução de 1930; a Vila Militar e a Revolução de 1930; o brigada Pereira; inquéritos após a Revolução de 1930.

3ª Entrevista: 24.02.1981

Origem do nome Muricy, atividades profissionais da primeira mulher; hierarquia no Exército e a Revolução de 1930; transferência para o 5º Grupo de Artilharia de Montanha em Curitiba; Revolução de 1930 no Paraná; ambiente militar em 1931 no Paraná; infiltração comunista após a Revolução de 1930; força dos tenentes adquiridas com a Revolução de 1930; organização dos Grupos-Escola; como instrutor no CPOR do Rio de Janeiro; rabanetes e picolés; agitações em 1932; Revolução de 1932; a Revolução de 1932 e a hierarquia no Exército; o ministério Leite de Castro e sua substituição por Espírito Santo Cardoso; organização do CPOR; prisão em 1932; Revolução de 1932 no vale do Paraíba; a bateria 120; Filinto Müller; a rendição paulista.

4ª Entrevista: 26.02.1981

Companheiros da vida militar; anulação da punição aos rabanetes; promoções; família Geisel; a desmobilização após a Revolução de 1932; volta para o CPOR do Rio de Janeiro; Canrobert Pereira da Costa; crescimento das agitações comunistas no Brasil; surgimento do integralismo; Plínio Salgado; na Escola de Aperfeiçoamento (1934); os cursos no Exército e a metodologia; comentários sobre as duas esposas; primeiros contatos com dom Helder; como instrutor na Escola de Aperfeiçoamento em 1935 e 1936; levante comunista de 1935; funções do Estado-Maior; concurso para Escola de Estado-Maior; Castelo Branco; curso na Escola de Estado-Maior; comentários sobre a Segunda Guerra Mundial e a Missão Francesa; de Gaulle e Guderian; os instrutores no curso de Estado-Maior; comparação entre o Exército francês e o americano.

5ª Entrevista: 10.03.1981

Na Escola de Estado-Maior; o Estado Novo; o Plano Cohen; os militares e os políticos; os instrutores na Escola de Estado-Maior; início da Segunda Guerra Mundial e os brasileiros em relação a ela; manobra no Rio Grande do Sul no final do curso de Estado-Maior; a questão da arregimentação; no 1º Grupo do 3º Regimento de Artilharia Mista em Curitiba; privilégios dos oficiais com curso de Estado-Maior; transferido para o 3º de Artilharia também em Curitiba; estágio

do curso de Estado-Maior; 2ª Seção da Região Militar no Paraná; as comunidades estrangeiras no Sul durante a Segunda Guerra Mundial; primeiros contatos com Golbery do Couto e Silva; como instrutor na Escola de Estado-Maior; tática e estratégia; organização da FEB; Escola de Leavenworth; o general Trusdel; viagem para Leavenworth; o Exército americano; novamente como instrutor na Escola de Estado-Maior; Castelo Branco como instrutor-chefe da Escola de Estado-Maior após a guerra; o general Lott, comandante da Escola de Estado-Maior; Floriano de Lima Bravner, Castelo Branco, Costa e Silva, Amauri Krueel e Lott; a Lei da Praia.

6ª Entrevista: 11.03.1981

Tenente-coronel em 1946; Alcio Souto e Canrobert; o ano de 1946 na Escola de Estado-Maior; comandando a unidade de Cachoeira (RS); Estilac Leal; características do chefe militar; doença da mulher; no gabinete do ministro da Guerra (1947-50); enfarte em 1949; disciplina no Exército; comentários sobre o Ministério da Guerra; Pedro Geraldo da Almeida; Newton Reis; a anistia de 1945 e suas conseqüências; o papel da Casa Militar; relações políticas entre os generais Dutra e Canrobert; tentativa de intervenção em São Paulo no governo Dutra; a cassação do Partido Comunista; Intentona de 1935; tentativa de candidatura de Canrobert à presidência da República; Eduardo Gomes x Getúlio Vargas (1950); questão do petróleo e do xisto de Taubaté; eleições no Clube Militar (1950); Estilac Leal e o curso de Estado-Maior; Estilac Leal no Ministério da Guerra; criação do posto de general-de-exército; membro do corpo permanente da Escola Superior de Guerra.

7ª Entrevista: 13.03.1981

A Escola Superior de Guerra; o conceito de segurança nacional; Inglaterra e França na Segunda Guerra Mundial; a Primeira Guerra Mundial e a noção de estratégia; companheiros de trabalho na ESG; finalidade da ESG; estagiário e membro do corpo permanente da ESG; metodologia da ESG; aproximação entre civis e militares na ESG; monopólio estatal do petróleo; origens da ESG; viagens de estudo; formulação do conceito de segurança nacional; os documentos L; mudança do currículo (1952); Golbery do Couto e Silva; CEMCFA; conferencistas condados para a ESG; Cordeiro de Farias e Juarez Távora; Conselho de Segurança; Golbery e Ernesto Geisel; estudos sobre planejamento.

8ª Entrevista: 18.03.1981

Método de trabalho na Escola Superior de Guerra; áreas estratégicas; doutrina de segurança nacional e SNI; a política e a ESG; o monopólio estatal do petróleo; Cordeiro de Farias e a ESG; eleições no Clube Militar; nacionalismo; comunismo e Forças Armadas; o Clube Militar; Cruzada Democrática; segundo governo Vargas; Manifesto dos Coronéis; Getúlio Vargas; ministros da Guerra no Segundo governo Vargas; EMFA; ligações com a Aeronáutica; Jurandir Mamede, Sisen Sarmento, Juarez Távora, Cordeiro de Farias, Bejo Vargas, Gregório Fortunato; Carlos Lacerda na Escola Superior de Guerra; crise política de 1954; a Aeronáutica em 1954; assembléia no Clube Militar; acirramento da crise e suicídio de Vargas; a carta-testamento; manifesto dos generais contra Getúlio; tentativas de organização de república sindicalista durante o governo Vargas; o DIP; Getúlio Vargas; escolha de Lott para ministro da Guerra no governo Café Filho; candidaturas para a presidência da República em 1954; a morte da mulher; conversa com o ministro da Guerra sobre sua nova classificação; nomeação para o Grupo de Artilharia de Costa Ferroviário em Niterói (1955); a Artilharia de Costa; contatos com antigos companheiros da ESG e do EME; o 11 de novembro de 1955; reunião no gabinete do comandante da Artilharia de Costa; conspirações contra o 11 de novembro.

9ª Entrevista: 19.03.1981

Companheiros do Grupo de Artilharia de Costa Ferroviário; doença do general Canrobert; reunião no Clube da Aeronáutica pelo aniversário da morte do major Vaz; morte do general Canrobert;

discurso de Mamede no enterro de Canrobert e suas conseqüências políticas; os militares no governo Café Filho e as articulações contra Juscelino; Juarez Távora candidato à presidência da República; a máquina governamental nas eleições; Cordeiro de Farias no 11 de novembro; a Artilharia de Costa na crise de 1955; o 11 de novembro de 1955; prisões em novembro de 1955; articulações contra J.K., reunião de generais na casa do general Denys; Jacareacanga e Araganças; convite para chefiar a Missão Militar Brasileira em Washington; conversa com o ministro Lott antes de embarcar para os Estados Unidos; general Lott; Coelho dos Reis; o episódio da espada de ouro e a atuação de Castelo Branco; Ademar de Queirós; Ariel Pacca; viagem para os Estados Unidos; na Missão Militar Brasileira em Washington; o segundo casamento (1956); o lançamento do Sputnik; o episódio com o Batalhão Suez; viagem de volta ao Brasil; general Moura; ligações com dona Darcy Vargas e Amaral Peixoto em Washington; considerações sobre a família; comandante do CPOR no Recife; promoção a general; Orlando e Ernesto Geisel em 1955; acordo entre o general Denys e Jânio Quadros; contatos com os antigos companheiros enquanto esteve fora do Rio; os signatários do Manifesto dos Coronéis.

10ª Entrevista: 23.03.1981

Os discursos de Canrobert e Mamede; no comando do CPOR do Recife; a família da mulher e as amizades no Recife; Antônio Baltar; os grupos de casais; a esquerda em Pernambuco; eleição de Arrais para prefeito do Recife; Francisco Julião e as Ligas Camponesas; a Igreja e os problemas sociais no Nordeste; Lott x Jânio; o governo Cid Sampaio; Juscelino Kubitschek, Aragarças e a construção de Brasília; a integração do país; a ESG e os grandes problemas brasileiros; comparação entre Brasília e Washington; a industrialização e a agricultura no Brasil; Juarez Távora, ministro da Agricultura; promoção a general e transferência para Cruz Alta; conversa com o ministro da Guerra, general Denys; viagem do Recife para Cruz Alta; no comando da guarnição de Cruz Alta; o governo Brizola; chefe do Estado-Maior do III Exército; ambiente militar no III Exército; contatos com o governo gaúcho; a greve dos bondes em Porto Alegre; visita de Jânio Quadros a Ponta Grossa e contato com Machado Lopes, comandante do III Exército; promoção de Machado Lopes e reunião dos generais do III Exército; preparativos para a viagem de Jânio Quadros a Porto Alegre (agosto de 1961); relações entre Brizola, Jânio e Machado Lopes; os militares e Jânio Quadros; efeitos do discurso de Carlos Lacerda (agosto de 1961).

11ª Entrevista: 24.03.1981

Pronunciamento de Lacerda (24.08.1961); a comemoração do Dia do Soldado em Porto Alegre; a renúncia de Jânio Quadros; crise política de agosto de 1961; o III Exército e o governo gaúcho na crise de 1961; a Cadeia da Legalidade; a questão da posse de Jango; general Machado Lopes na crise de 1961; o Rio Grande do Sul e o comando central; viagem ao Rio de Janeiro para contatos com os militares; viagem de volta a Porto Alegre; Jânio em Cumbica após a renúncia; discussão com Machado Lopes e entrega do cargo; encontro de Machado do Lopes e Brizola no palácio Piratini; abandonando Porto Alegre; no Rio de Janeiro e em contato com Cordeiro Farias, novo comandante do III Exército; o parlamentarismo; Brizola e Jango; Jânio Quadros e a renúncia; as Forças Armadas e o congresso em relação a Jânio Quadros e a renúncia; Brizola.

12ª Entrevista: 26.03.1981

Chabi Pinheiro; conferência sobre guerra revolucionária em Natal; no Rio de Janeiro sem comissão; viagem ao vale do Urucuia; dispersão dos militares antijanguistas; o ministro Segadas Viana; transferência para Natal (1962); Cordeiro de Farias e Machado Lopes no comando do III Exército; Tancredo Neves; San Tiago Dantas; o parlamentarismo; guerra revolucionária; no comando da 7ª Região Militar; ambiente político e social no Nordeste; luta contra o comunismo; a cartilha do Movimento de Cultura Popular e o método Paulo Freire; Francisco Julião; a Igreja e os problemas sociais; ligação com os intelectuais; campanha de Arraes para o governo de Pernambuco; Germano Coelho; João Cleofas; contatos com os antigos companheiros da ESG e do Clube Militar; os

militares no IV Exército; Costa e Silva e Castelo Branco como comandantes do IV Exército; Argentina Castelo Branco; ligações com o general Muniz de Aragão; relações com os subordinados; atuação da Igreja no Rio Grande do Norte; dom Eugênio Sales; o governador Aluísio Alves; o ambiente no Rio Grande do Norte; o prefeito de Natal;

13ª Entrevista: 01.04.1981

Comparando Pernambuco e Alagoas; início das agitações no governo João Goulart e o papel do Exército; guerra revolucionária; formação da opinião pública; viagens do embaixador Lincoln Gordon e de Leonel Brizola a Natal; discurso de Brizola e sua repercussão; cerimônia no quartel-general em desagravo ao general Muricy; viagem ao Recife e encontro com Castelo Branco; manifestações de apoio ao entrevistado; a conferência sobre guerra revolucionária e suas conseqüências; Castelo Branco no comando do IV Exército; o ministro da Guerra Jair Dantas Ribeiro; transferência para a Subdiretoria da Reserva; comportamento dos militares no Nordeste; conspiração no Rio de Janeiro; contatos com o general Golbery e com o IPES.

14ª Entrevista: 02.04.1981

O ambiente político em 1963; conspiração no Rio de Janeiro e em São Paulo; Costa e Silva e Castelo Branco na conspiração; Cordeiro de Farias; a Escola Militar nas crises políticas; os grandes núcleos revolucionários; convite para comandar a tropa mineira; o general Mourão Filho; a conspiração em Minas Gerais; o general Denys; o documento LEEEX; Amauri Krueel e a revolução em São Paulo; João Goulart; março de 1964 e a notícia de golpe organizado pelo governo; últimos preparativos para o levante; os civis na revolução; o IPES; general Golbery; os estados-maiores de Castelo Branco e de Costa e Silva na conspiração de 1964; levante em Minas Gerais.

15ª Entrevista: 06.04.1981

Revolução de 1964 em Minas Gerais; generais Mourão, Guedes e Denys; os generais e a revolução; o Destacamento Tiradentes; arrancada em direção ao Rio de Janeiro; adesões durante a marcha; o grupo de artilharia do 1º Regimento Floriano; a tropa do general Cunha Melo; primeiras notícias da queda do governo; negociações com a tropa do general Cunha Melo; encontro com o general Mourão; Costa e Silva assume o comando do Exército; nomeação de Mourão para a Petrobrás; a promoção do general Mourão; chegada da tropa revolucionária ao Rio de Janeiro; mudanças do comandos após a revolução; AI-1; primeiras divergências entre os revolucionários; Cordeiro de Farias; a escolha do novo presidente; comentários sobre a queda do governo Jango.

16ª Entrevista: 22.04.1981

Escolha de Castelo Branco para presidente da República; transferência para Recife como comandante da 7ª Região Militar; o ambiente no Nordeste após a Revolução; prisões em Recife; o plano de ação psicológica; contato com os intelectuais; palestras na TV sobre a Revolução de 1964; ligações com a Igreja; dificuldades para manter a tranqüilidade no Nordeste; general Justino, comandante do IV Exército; companheiros de trabalho; governo Castelo Branco; o Estatuto da Terra; o governador Paulo Guerra; eleições em Alagoas em 1965 e nomeação do general Tubino como interventor; castelistas x costistas; a sucessão presidencial; posse de Israel Pinheiro e de Negrão de Lima; atentado a Costa e Silva no aeroporto dos Guararapes; as bombas do dia 31 de março de 1966 em Recife.

17ª Entrevista: 29.04.1981

No comando da 7ª Região Militar; terrorismo; comemoração do 2º aniversário da revolução (1966); a Igreja e o comunismo; promoções e funções no Exército; dom Helder Câmara; ligações com o meio católico em Recife; o governador Paulo Guerra; indicação de Muricy para candidato ao

governo de Pernambuco; convenção da Arena para a escolha do candidato ao governo de Pernambuco; governo Castelo Branco; Castelo Branco e Carlos Lacerda.

18ª Entrevista: 04.05.1981

Transferência para o Rio de Janeiro como comandante da 1ª Região Militar (1966); promoção a general-de-exército; no Departamento Geral do Pessoal; funções de general; o Exército americano e o Exército brasileiro; governo Castelo Branco; os radicais após a Revolução de 1964; as cassações; comentários sobre eleições; o AI-2; Milton Campos; a arte da política; candidatura Costa e Silva; a questão das lideranças; Nora-Laje; a opinião pública; abertura; Cordeiro de Farias; política externa; general Guedes e o DGP; no DGP; morte de Castelo Branco; o caso Márcio Moreira Alves; reunião de generais com o ministro Lira Tavares; AI-5; governo Costa e Silva e estudos para uma nova constituição; Pedro Aleixo; agitações políticas no governo Costa e Silva.

19ª Entrevista: 05.05.1981

No Departamento Geral do Pessoal; o caso do Riocentro; general Válder Pires; chefe do Estado-Maior do Exército (1969); compra de material bélico americano; grupos de estudo e o problema da doutrina militar; viagem ao Paraguai; o jovem no terror; ligações com a Igreja.

20ª Entrevista: 07.05.1981

No Estado-Maior do Exército; a História do Exército Brasileiro; governo Costa e Silva; general Aragão; general Afonso Albuquerque Lima; castelistas x costistas; a reforma constitucional; radicalismo nas Forças Armadas; nacionalismo; a questão da abertura; doença do presidente Costa e Silva; reunião do Alto Comando das Forças Armadas no Palácio Laguna; a substituição de Costa e Silva; Carlos Chagas; Pedro Aleixo e as Forças Armadas; reuniões dos altos comandos; Carlos Medeiros e o AI-12; reuniões do Conselho de Segurança Nacional e do Alto Comando do Exército (31.08.1969); conversa com o general Aragão; respondendo pelo Ministério do Exército.

21ª Entrevista: 19.05.1981

Seqüestro do embaixador Elbrick; agitações nas Forças Armadas contra o governo Costa e Silva; setembro de 1969; os militares e as negociações durante o seqüestro do embaixador; ato institucional autorizando o banimento; reunião do Alto Comando (05.09.1969); o caso dos pára-quedistas; hierarquia nas Forças Armadas; a sucessão de Costa e Silva; Carlos Chagas e general Portela; concentração do poder em momentos de crise: os ministros civis na crise de 1969; Gama e Silva; reunião do Alto Comando (15.09.1969); as cassações; idéia de um mandato-tampão; a comissão dos 3M; general Afonso Albuquerque Lima; reunião do Alto Comando (17.09.1969); escolha de nomes para a sucessão de Costa e Silva; general Médici e general Geisel; Iolanda Costa e Silva e Andreazza; Muricy comunica a Costa e Silva sua substituição pelo general Médici; contatos entre os militares durante a crise política de 1969.

22ª Entrevista: 20.05.1981

Costa e Silva comunicado de sua substituição; reunião do Alto Comando para escolha do general Médici; chegada do general Médici ao Rio de Janeiro; visita de Médici a Costa e Silva; reunião do Alto Comando para confirmar o nome do novo presidente e a nomeação do vice-presidente; escolha do ministério; a Emenda Constitucional nº 1; comentários sobre centralização de poder; critérios para a escolha do novo presidente; legitimação de Médici pelo Congresso; cassações; bodas de ouro do general Médici; o governo Médici; o general Rodrigo Otávio; promoção do general Albuquerque Lima; censura, informação e tortura; passando a chefia do Estado-Maior para o general Malan (1970); passagem para a reserva (1970); atividades empresariais na vida civil; estatização e livre-empresa.

1ª Entrevista: 17.02.1981

L.H. - General, gostaríamos de começar este depoimento com as suas primeiras lembranças de infância, seu local e data de nascimento, a sua vida em família etc.

A.M. - Eu nasci no Paraná, em Curitiba, na antiga rua Santa Maria, no Batel. Filho do major José Cândido da Silva Muricy, que naquele tempo servia no Regimento de Artilharia, e de Josefina Carneiro Muricy, segunda esposa do meu pai.

Meu pai teve uma vida cheia de problemas, na sua juventude. Ele fez parte da Companhia de Guerra, que se formou por ocasião da Proclamação da República; assinou o 'pacto de sangue' dos revolucionários que seguiam Benjamin Constant. Mais tarde foi para o Paraná, trabalhou na Estrada Estratégica de Foz do Iguaçu, com o general Firmino de Mendonça. Esteve em Foz do Iguaçu na época em que aquilo era completamente desconhecido. Teve a oportunidade de descobrir o que se chama 'O Mirante', que então se chamou "Tenente Muricy" e onde hoje está situado o Hotel das Cataratas, com aquela vista completa das cataratas...

L.H. - Foi descoberto pelo seu pai?

A.M. - Por meu pai. Depois disso ele voltou para o Paraná, e lá em Curitiba ele teve que... Veio a Revolução de 93, ele foi destacado para Florianópolis, então Desterro. No Desterro ele tomou parte no sítio e depois na rendição. Fugiu, veio para Curitiba. Novamente foi lançado à frente, na região de Tijucas. Aí, a tropa em que ele estava, comandada pelo coronel Pimentel, foi cercada por Gumercindo Saraiva. Combateram vários dias, tiveram de se render. E só foi salvo porque Gumercindo Saraiva era um homem largo de visão, era um grande homem, apesar de gaúcho e de ter fama de degolador. Isso se referia principalmente ao seu irmão, do qual não me recordo o nome.

O Gumercindo deu um salvo-conduto a meu pai, permitindo que ele fosse para o Paraná e se escondesse - a região era muito perigosa - em Piriquitos, em Ponta Grossa. De lá ele voltou, porque, então, a primeira mulher dele tinha tido a primeira filha.

Mais tarde meu pai foi deputado pelo Paraná. Fez uma viagem ao interior do Paraná - ele tinha espírito aventureiro - numa região em que...

A.C. - A primeira mulher dele era do Paraná, também?

A.M. - Também. Ela era filha do senador e depois governador do estado, José Pereira dos Santos Andrade. Depois, ele fez esta excursão. Escreveu um livro - vou lhe trazer - sobre a Revolução de 93, os episódios que ele viveu, e mais outro sobre essa viagem, que foi editado pelo estado e de que temos poucos exemplares. É muito interessante também como aspecto sociológico do Paraná naquela época. É muito interessante porque meu pai tinha um espírito observador muito grande e, principalmente, ele soube sentir o homem do interior do Paraná. Ele guardou de memória, e depois por assentamentos, o modo de falar daquela gente. Fez um livro de muito valor, do ponto de vista sociológico e lingüístico de muito valor, mas ficou guardado e só agora foi publicado. Mas sem nenhuma repercussão. Uma distribuição interna, quase.

L.H. - O seu pai tinha um irmão que também era militar?

A.M. - Meu pai tinha um irmão, João Cândido da Silva Muricy, que era cadete e que, na Revolução de 93 esteve embarcado em um dos navios de Floriano. Mais tarde esse irmão dele veio para Florianópolis, já casado, teve filhos, morou em Florianópolis muitos anos, depois voltou para Curitiba. Foi diretor da Escola de Aprendizes e Artífices. Ele chegou até capitão. Os nomes de toda a família começavam com J. Era João, João José, Júlia, Joaquim e por aí.

A.C. - Era família de militares?

A.M. - Não. Meu avô era dr. José Cândido da Silva Muricy, cujo nome hoje faz parte de uma das ruas centrais de Curitiba. Meu avô era baiano, formado em Medicina. Amigo pessoal do Zacarias de Góis e Vasconcelos. Quando o Zacarias de Góis e Vasconcelos foi nomeado presidente da província do Paraná, que acabava de se desmembrar da província de São Paulo, ele foi estudar o que era o Paraná. Verificou que em todo o território paranaense havia apenas um médico, o dr. Fèbvre. Como consequência, ele virou-se para meu avô e disse: "Juca, eu vou para lá, mas levo você de qualquer jeito, porque não vou sem médico." E lá se foi o meu avô.

Meu avô já era um homem de quase trinta anos; chegando lá, nas relações de amizade, amigo do governador, encontrou a família Ferreira da Luz, que tinha uma menina de 12 anos. Ele disse para ela: "Menina, eu vou a Mato Grosso fazer esse trabalho; quando voltar eu caso com você." E realmente casou com minha avó, aos 14 anos, e teve uma porção de filhos. Muitas vezes ele chegava em casa - ele era um homem sério, barbado, compenetrado - e encontrava minha avó ou brincando com bonecas ou trepada em árvores... [risos] Isso é da crônica familiar.

Meu avô foi realmente um paranaense ilustre, embora não tivesse nascido no Paraná. Ele foi o fundador da Santa Casa de Misericórdia; o fundador do Museu do Paraná; fez diversas obras sanitárias no estado; foi um dos homens que trabalharam na imigração para o estado do Paraná. Hoje existe até uma colônia chamada Muricy, perto de Curitiba, perto de São José dos Pinhais, em honra a ele. Essa colônia é habitada por poloneses.

Meu avô escreveu muito sobre o Paraná. Tanto que fez um relato da visita de Pedro II ao estado, que está no Instituto Histórico, em que Pedro II diz: "Eu não concordo com o dr. Muricy. O dr. Muricy diz isso, o dr. Muricy diz aquilo, mas isso aqui não é bem assim." Isso é uma observação de d. Pedro II a respeito.

L.H. - Quer dizer, seu avô era o ponto de referência do imperador em relação ao estado.

A.M. - Ele era um homem de grande cultura e, principalmente, era um homem interessado. Como médico, por exemplo, verificou desde logo a virtude das ervas e do tratamento através de plantas medicinais. Era a sua especialidade, e ele chegou mesmo a ter uma espécie de livro, de receituário, que ele levantou unto com índios e caboclos. Esse livro se perdeu, quando na Revolução de 93 minha avó teve de sair do Paraná. Porque meu avô Muricy já tinha morrido. Minha avó casou-se a segunda vez com... Aí entra uma complicação de família. Minha avó casou-se com o cunhado da filha. Então, teve uma filha. Deu uma complicação de parentesco que não se sabe mais nada... Com a revolução, minha

avó saiu do Paraná às pressas, porque eles eram contra os federalistas, eram maragatos. Tiveram de fugir, e esse livro se perdeu.

Há vários episódios e coisas interessantes. Por exemplo, quem começou a Santa Casa de Misericórdia foi o meu avô paterno. Quem terminou a Santa Casa de Misericórdia foi o cunhado dele, que foi o avô da minha primeira mulher. Isso é uma síntese do lado do meu pai e do meu avô.

A.C. - Ele teve função política? Ou era mais uma figura respeitada?

A.M. - Meu avô foi só um grande médico e um grande defensor do Paraná. De tal maneira ele foi um grande médico, de tal maneira ele era querido, que há até um episódio, que conheço, único.

Na família havia uma chácara, a chácara dos Luz. Toda a área do Batel hoje era quase toda da família Luz. Meu avô, ao casar com uma Luz, teve uma área que ficou para ele. Pois bem, nessa área, o povo de Curitiba se reuniu, nem belo ano, e resolveu fazer uma casa para o dr. Muricy. quem tinha dinheiro dava tijolo, telha, cal etc. Quem não tinha ia trabalhar. Num dia de aniversário, entregaram a casa a ele.

L.H. - Feita em mutirão, mesmo.

A.M. - Feita em mutirão pelos seus clientes. Acho que é um caso único.

A.C. - Que é exatamente esse bairro, Batel?

A.M. - Batel é um bairro residencial. Fica a oeste do centro de Curitiba. Curitiba nasceu na região onde hoje há a catedral, onde há a igreja da Ordem, que era o largo central de Curitiba. Ali ainda existe um pouco da velha Curitiba. Ali formou-se o núcleo de onde Curitiba se esparramou nos diversos sentidos. A oeste, havia o Batel. No Batel é que estava a chácara de meu avô. Para oeste ainda, havia o grande sítio da família de minha avó - que se chamava Iria Narcisa Ferreira da Luz, nome bem português -, que era a sesmaria do Barigüi, onde é hoje um bairro completamente construído, mas que era fora da cidade. Era sesmaria da família, pertencia à família. Foi doada em 1600 e não sei quantos, naquela época de invasões. A família de minha avó é família tradicional desde a origem da terra.

I.F. - General, essa família Luz tem alguma ligação com a família Luz de Santa Catarina? Com o Hercílio Luz?

A.M. - Exatamente, todos são primos.

L.H. - O Hercílio Luz?

A.M. - O Hercílio era primo-irmão de minha avó. O ramo Luz no Paraná tem uma série de Luzes, inclusive o Brasília Itiberê da Cunha Luz, que era musicista... Morreu há pouco tempo. A família é muito grande. Como toda região de cidade pequena do interior, houve um momento em que eu dizia, ou poderia dizer: "Metade de Curitiba é minha parenta." As famílias são todas entrelaçadas.

Há vários livros a respeito da formação de Curitiba. O principal deles é o livro de João Negrão, sobre a genealogia paranaense e dela fazem parte todos os ramos da família. São cinco volumes, a respeito das famílias antigas do Paraná. Essa é a família do meu pai.

L.H. - Eu gostaria ainda de falar um pouco a respeito da figura de seu pai e de seu tio, já que se envolveram nesses movimentos todos. Como é que o positivismo penetrou... Quer dizer, seu pai foi positivista?

A.M. - Meu pai não foi positivista. Meu pai, embora nascido em tradições católicas, cristãs, se manteve afastado. Veio para o Rio de Janeiro, foi morar em casa do Zacarias de Góis e Vasconcelos, que era o padrinho dele. Foi para a Escola Militar da Praia Vermelha, onde foi colega de Rondon e Lauro Müller. Ele nunca foi positivista. Ele era maçom, chegou ao grau 30 ou 32 de maçonaria. Ele tinha admiração por Benjamin Constant, mas nunca foi um seguidor de Benjamin Constant.

A.C. - O senhor falou em 'pacto de sangue', o que foi isso?

A.M. - O 'pacto de sangue' foi uma reunião principalmente de alunos da Escola Militar, feita às vésperas do Quinze de Novembro, em que eles tomavam o compromisso de lutar até a morte. Esse documento existe, está arquivado não sei onde, mas existe a descrição. Meu pai foi um dos signatários.

L.H. - E Floriano? Como é que a figura de Floriano...

A.M. - Ele tinha um encantamento por Floriano. Meu pai era florianista. E isso ele demonstra nesse livro sobre a revolução, quando ele trata dos episódios de Santa Catarina e do Desterro. Ele mostra que ele considerava o Floriano um grande homem, um grande administrador, um grande brasileiro. Tanto que há um episódio de discussão, em que um dos contendores ou discutidores disse assim: "Você é um terrível florianista!" Há essa frase que meu pai registrou.

L.H. - E seu tio também?

A.M. - O meu tio, nessa ocasião, não estava em Santa Catarina, estava no Rio de Janeiro. Ele era mais moço que meu pai e não tinha terminado ainda o curso da Escola Militar, quando houve a Revolução de 93. Ele ainda era cadete. Meu pai já era oficial; era tenente.

Amanhã eu trago um volume de A Revolução de 93 e um volume da viagem, a respeito do meu pai.

L.H. - Isso seria muito interessante. E a sua família materna?

A.M. - Então, aí está o lado paterno. Agora minha família materna. O avô materno é David Antônio da Silva Carneiro, antigo ervateiro do Paraná. Foi sócio do barão de Serro Azul, morto na Serra. Depois, quando morreu o barão, ele comprou a parte da baronesa e ficou dono da Ervateira Americana. Era um homem circunspecto, com uma barba enorme; nós tínhamos um medo dele que nos pelávamos!

L.H. - Ele era originário do Paraná?

A.M. - Não. Originário de Iguape, família de Iguape. Família que eu acredito tenha sangue judeu, porque ele era David Antônio da Silva Carneiro. Ele tem uma neta Rachel; tem um outro neto, um primo meu também com nome judeu... E, além do mais, os Carneiros eram todos cristãos-novos. Ele era um grande comerciante e, principalmente, foi um homem que fez fortuna. Foi um homem rico, no Paraná. Morreu do coração no Rio de Janeiro. Ele habitou aqui no Rio um dos primeiros - talvez o primeiro - edifícios de apartamentos do Rio de Janeiro, o "Edifício Lafon", em frente ao Clube Militar, perto do Obelisco, que dava para a praia de Santa Luzia, onde o mar passava. Minha avó Olímpia era de família catarinense, família Da Costa. Veio de Santa Catarina e subiu para Antonina. A minha bisavó era dona Maria Mestra. Era a única mulher letrada de Antonina. Na casa dela, todo mundo falava dona Maria Mestra, e há episódios muito interessantes que ficaram na tradição da família. Uma vez minha avó quis fazer um sapato. Encomendou o sapato, e o sapateiro disse que não era possível. Ela, então, fez o sapato, e o sapateiro disse: "Mas dona Maria Mestra tem parte com o diabo." [Risos]

Outro episódio: quando o imperador foi ao Paraná, alojou-se na casa da família de minha avó. Minha avó, como dona-de-casa, a mais velha das irmãs, era a dona da casa mesmo. Foi quem atendeu o imperador. Quando o imperador partiu, ela tirou o sapato, o pé dela estava um pilão. Enquanto o imperador esteve lá, ela não deu a menor demonstração. Ela tinha dado um talho no pé e estava infeccionado. Não deu a menor demonstração de sofrimento nem mancou. Ninguém sabia de nada, até que ela tirou o sapato. O pé não cabia mais. Essa era dona Maria Mestra.

Minha avó morreu muito cedo, só me recordo dela com uns seis anos, ou antes, uns cinco anos... Ela me deu uma grande decepção involuntariamente. Perto do meu aniversário, pedi a ela uma bola de futebol. Ela me comprou uma bola de futebol americano, aquela oval. Fiquei tão decepcionado! Eu queria uma bola redonda e ganhei uma bola oval... Disso eu me recordo até hoje.

L.H. - Pelo que o senhor está contando, há uma boa parte de sua família que é catarinense...

A.M. - Há poucos catarinenses, quer dizer, não tenho muita ligação.

L.H. - Mas que entram pelo Paraná.

A.M. - Entram pelo Paraná.

L.H. - Sua família se envolveu naqueles problemas de disputa de fronteira que houve entre o Paraná e Santa Catarina?

A.M. - Que eu saiba não. Eu era menino e não tive conhecimento daquele problema, nem meu pai teve, porque nessa ocasião já tinha vindo para o Rio.

L.H. - Quer dizer, o problema do Contestado...

A.M. - Na ocasião do problema do Contestado, 1912 a 1916, já estávamos no Rio. Meu pai, em 1912, veio para o Rio, e eu vim com ele. Foi quando saímos do Paraná. Meu pai veio

para a construção do Forte de Copacabana. Há inclusive fotografias que se perderam, da montagem dos canhões, do 305 do Forte de Copacabana. Ali ele foi trabalhar junto com um dos grandes chefes militares do Brasil, o Tasso Fragoso. E eu o conheci nessa ocasião. Tomei conhecimento de que existia um homem chamado Tasso Fragoso, e nós éramos colegas de turma dos filhos dele. Das filhas, aliás.

L.H. - Seu pai é transferido para o Rio em que ano, mais ou menos?

A.M. - Em 1912. E daí foi para a fábrica de Estrela, na raiz da serra de Petrópolis. Fomos morar em Petrópolis, ele descia diariamente. Depois fomos morar na Raiz da Serra. Uma região maravilhosa, naquele tempo. Casa grande, terreno, brincadeiras... Eu estava me preparando para o Colégio Militar, onde fazíamos tudo, menos estudar... Quem estava nos orientando era um primo meu, que é pai do atual ministro da Guerra - o Heitor Pires de Carvalho Albuquerque. (Há um problema interessante de família, de que já vou falar.) Ele vivia desesperado, porque marcava as lições, e nós não cumpríamos. Mas meninos de nove anos, soltos na Raiz da Serra, no meio do mato... como é que a gente ia estudar? Não era possível.

Voltando ao problema da família, a família Muricy e a família Pires de Albuquerque têm muitos imbricamentos. Em primeiro lugar, meu avô e minha avó tiveram uma porção de filhos. Todos com J, como eu disse. A mais velha, Josefina, casou-se com um Pires de Albuquerque, Antônio Carlos Pires de Carvalho Albuquerque. Tenho o nome de Antônio Carlos por causa dele, ele era muito amigo do meu pai. Eles tiveram uma porção de filhos, José Pires; Leonor; Heitor, que é o pai do atual ministro do Exército, Julinha, e por aí fora. Mais tarde, como eu disse, minha avó enviuvou e casou-se com o cunhado da filha, Luís Pires de Carvalho Albuquerque, irmão do Antônio Carlos.

L.H. - Volta outra vez...

A.M. - Volta à família. Ficou uma tia que era sobrinha do primo... Coisas complicadas que sempre acontecem. A minha tia Maria Clara era tia e prima-irmã dos sobrinhos dela.

L.H. - É, os ramos se cruzam todos.

A.M. - Mais tarde eu casei com uma filha do Antônio Pires de Carvalho Albuquerque. Então a minha primeira mulher era Ondina Pires de Carvalho Albuquerque. Depois, uma das minhas irmãs casou-se com um irmão da minha cunhada, o Renato Pires de Carvalho Albuquerque... De modo que temos muitos parentes Pires de Albuquerque, por causa dessas ligações. Bem, isso é o que há de importante na família.

L.H. - Os seus primeiros estudos, general, foram feitos onde?

A.M. - O primeiro estudo, propriamente, era num colégio quase maternal. Eu devia ter uns três anos ou quatro. Era um colégio de freiras, eu era bem garoto. Éramos três irmãos quase da mesma idade: minha irmã Iria, meu irmão José Cândido, eu e mais uma irmã Josefina, apelidada Finita. Nós tínhamos diferença de um ano de idade e vivíamos sempre juntos. Nesse colégio, a única lembrança que tenho foi uma pedra que joguei e que pegou a cabeça

de uma menina. Todo mundo queria saber quem tinha sido, e eu me escondi num canto para ninguém saber que tinha sido eu.

L.H. - Como era o nome do colégio?

A.M. - Colégio...

I.F. - Onde era o colégio?

A.M. - Na rua Aquidabã, antigo Caminho de Mato Grosso. Paralela à Comendador Araújo. A rua Aquidabã hoje é Emiliano Pernetá. Era um colégio de irmãs, daqui a pouco eu me recordo do nome. Mas onde estudei realmente foi na Escola Americana.

Na Escola Americana nós fomos matriculados. Era a melhor escola de Curitiba, naquela época. A minha professora era Duzolina Stroppa, nome de solteira. Ela passava lá em casa, com um irmão e a irmã mais moços, pegava nós três e levava para a escola. Lá fui alfabetizado, aos cinco anos de idade.

L.H. - O interessante é que o senhor disse que seu pai era maçom e o senhor começa a vida num colégio de freiras. Qual era a formação religiosa que o senhor tinha em casa?

A.M. - Em casa, minha mãe ia à igreja. Meu pai, absolutamente não ia à igreja.

L.H. - Mas ele não se opôs...

A.M. - Não se opôs, nunca se opôs a que tivéssemos a menor... Então tivemos uma formação religiosa muito descompassada, digamos assim. Tive essa formação até eu ser homem. Depois de oficial, voltei à convicção religiosa completa e, desde então, desde tenente, sou um homem que me confesso, comungo, vou à minha missa. Depois, houve um período em que a minha primeira mulher teve um parto difícilíssimo. Naquele tempo cesariana... Foi uma das primeiras cesarianas que houve no Rio de Janeiro, em 1928. Ela teve infecção puerperal. Então, com isto, o médico recomendou que espaçássemos os filhos ou não tivéssemos mais filhos. Com isso deixamos de comungar, mas íamos sempre à missa. Depois eu recomecei, com o segundo casamento. Quando ela morreu, recomecei, porque aí cessou o impedimento. Aí voltei novamente a levar minha vida normal de católico que crê.

L.H. - E como era essa Escola Americana, onde o senhor estudou?

A.M. - A Escola Americana era uma escola extraordinária e que existiu quase metade do século. Eu já era oficial quando fui para Curitiba e ainda existia a escola. Mas perdi o contato, porque eu fui muito menino, e aos seis para sete anos vim para o Rio de Janeiro. Agora, sobre dona Duzolina, guardo um episódio interessante. Perdi o contato com ela. Eu me dava muito com o irmão dela. O pai dela era um velho... para mim... era um oficial de veterinária, Stroppa. Teve vários filhos, e a mais velha era a Duzolina. Por sinal que a esse respeito há um episódio da minha infância, também importante. Meu pai gostava muito de cavalos. Ele sempre teve cavalos em casa e também era muito amigo do Stroppa – nome italiano – que também gostava de cavalos. com isso ele veio a conhecer o que foi na época

o maior equitador brasileiro, o Antônio Jorge. O Antônio Jorge ia muito lá em casa. Ele era casado com dona Josefina. Acabaram a vida, ele morrendo em Nova Friburgo. O Antônio Jorge era um cavaleiro extraordinário. E eu, menino, gostava de ver como ele montava. Desde menino, tínhamos em nossa casa um pátio muito grande, um terreno com estrebaria, com cavalos, com gado, com plantações... Vida maravilhosa, que hoje não existe mais. Uma casa com um hectare de terreno é coisa que não existe mais.

[FINAL DA FITA 1-A]

L.H. - E o senhor montava desde cedo?

A.M. - Montava. Era um garoto de cinco ou seis anos, vivia montando. Vivíamos vendo tudo isso e brincando com os nossos cachorros, e era uma vida maravilhosa. Hoje, essa área está toda edificada. Entre a nossa casa e a casa do tio do meu pai, o Juca Luz, que morava no alto do Bigorriha - são nomes interessantes a guardar - ficava um campo que era uma maravilha. Cheio de banhados... Porque Curitiba sempre teve muitos banhados e muito sapo. Então uma das nossas brincadeiras era brincar com os sapos. Estou contando muita estória...

A.C. - A Escola Americana, da qual o senhor falou, tinha alguma razão para se chamar Escola Americana?

A.M. - A direção era americana. Era metodista, a Bíblia era matéria corrente. Eu aprendi a Bíblia na Escola Americana, menino. A história de Moisés, a história da fuga para o Egito, tudo isso fazia parte das aulas. Eu tinha uns quatro para cinco anos. Pois bem, nessa ocasião ainda se dava perfeitamente...

A.C. - Mas não ensinavam inglês, não?

A.M. - Não. Talvez nos anos mais adiantados, não sei. Lá tudo era em português mesmo.

L.H. - Mas era uma escola confessional? Era metodista.

A.M. - Não, eles eram de uma seita... Eram protestantes. Mas eu não sei mais dizer.

L.H. - Isso interferia com a postura católica de sua mãe?

A.M. - Não, havia muita liberalidade. Uma coisa interessante da formação paranaense é exatamente ter o Paraná, além daquele núcleo tradicional de famílias de origem portuguesa, também um núcleo de imigrantes de todo o mundo. O que acontece, então, é que havia uma liberdade de ação completa e nós nos habituamos a ouvir os nomes os mais díspares. Agora me veio uma lembrança; muitos anos depois, eu já capitão, servindo no Paraná, comandante da unidade, disse: "Aqui é muito fácil chamar um soldado: 'Izkiozki!'" Veio logo um: "Pronto!" [Risos] Tinha 'Izkiozki` à vontade... Então, na formação do Paraná havia alemães, católicos e não-católicos; poloneses, com a grande maioria de católicos; e italianos. Tudo isso formava um amálgama de tal maneira eclético, que as religiões todas viviam e conviviam. A coisa é de tal maneira que o núcleo positivista no Paraná é muito

intenso, por causa do Dario Veloso, que organizou um templo: o templo das Musas, que era um templo positivista.

A.C. - Isso é uma coisa curiosa, realmente, bem própria do Paraná essa convivência, porque em geral no Nordeste há muito problema. É uma convivência muito difícil!

A.M. - Vim a conhecer o Nordeste muito tempo depois. É completamente diferente. A característica do Paraná é essa facilidade de penetração das famílias. Inicialmente havia uma certa retração. Na minha família os parentes se casam, se recasam... Tenho tanto parente no Paraná, uns de origem portuguesa. Mas depois começou a aparecer pessoal de outras origens, também se casando. Então começa a diversificar...

L.H. - É uma terra nova, terra de imigração.

A.M. - Completamente.

A.C. - O senhor veio para o Rio cedo?

A.M. - Vim para o Rio menino.

A.C. - Mas o Paraná marcou profundamente o senhor, a sua formação. O senhor manteve o contato?

A.M. - Por uma razão. Porque embora tendo ido para o Colégio Militar e para a Escola Militar no Rio de Janeiro e ter ficado nesta cidade, nunca perdi o contato com o Paraná. As nossas férias, praticamente, eram no Paraná. Éramos alunos internos, eu e meu irmão José Cândido, que era mais velho do que eu um ano. Chegavam as férias, íamos embora para o Paraná. Eu ia, geralmente, para a casa do meu padrinho, Juca Loiola, e ele ia para a casa do padrinho dele, os Azambujas. Era uma família do Rio Grande que já tinha ido para o Paraná. Aliás, meu tio saiu do Rio Grande para estudar pintura na Europa e veio subindo, pintando. Quando chegou no Paraná, encontrou minha tia, resolveu pintar minha tia e ficou no Paraná.

L.H. - [Risos] Parou ali mesmo...

A.M. - De maneira que... Vamos dizer, de nove férias escolares, cinco foram no Paraná. Ao mesmo tempo, o número de primos no Paraná era imenso; várias famílias. A família era tão unida, por exemplo, que se deu um episódio. Em 1918, meu avô Davi Carneiro resolveu juntar os netos num mesmo colégio. Então, foram para Barbacena cinco primos, cinco netos dele: o Inácio Carneiro Azambuja; Davi Carneiro, naquele tempo Neto; José Cândido Filho, meu irmão, eu e mais o Lauro Carneiro de Loiola, que foi deputado, muito tempo, por Santa Catarina.

L.H. - Mas por que Barbacena?

A.M. - Porque era um colégio de grande valor como ensino, e onde já estava o Inácio, que era o neto, desse grupo, o mais velho. Como o Inácio já estava lá - eu e meu irmão

estávamos no Colégio Militar do Rio; o Lauro já tinha ido para lá, e o Davi ia para Barbacena. Nós, então, fomos também e ficamos cinco primos no mesmo colégio.

L.H. - Por quanto tempo?

A.M. - Um ano só. Nesse ano, 1918, meu avô Davi Carneiro morreu. Pouco antes da gripe espanhola. Voltamos todos para o Rio de Janeiro, Menos o Lauro Loyola, que foi expulso por indisciplina e que acabou sendo um dos deputados mais importantes de Santa Catarina e um industrial de grandes posses financeiras...

L.H. - Em que ano o senhor ingressa no Colégio Militar aqui no Rio?

A.M. - Em 1917 ingressamos, eu e meu irmão José Cândido, aqui no Colégio Militar. eu tinha dez anos, e ele 11.

L.H. - O senhor tem alguma lembrança, nesse período, de notícias da Primeira Guerra Mundial, comentários na família sobre a guerra?

A.M. - Nós tínhamos assistido... Já estava em plena guerra. No ano que estivemos em Barbacena, houve o armistício. Ainda me recordo da formatura de armistício, em honra da paz, tudo isso feito no pátio do Colégio Militar de Barbacena. Acompanhávamos, naturalmente, pelos jornais, todo aquele problema. Lembro-me de um episódio: meu avô Davi Carneiro estava muito doente do coração. Resolveu ir se tratar na Europa, com grandes cardiologistas. Era um homem de posses. Foi para a Europa com uma das minhas tias que era solteira. Foi também com ele um filho que era médico, o Raul Carneiro; e levou ainda o motorista dele, o Antônio. O Antônio era um preto forte, boníssimo, que chegou à França e arranjou uma namorada, que o induziu a entrar no Exército francês e ele morreu na primeira batalha em que lutou. Essa foi uma recordação que ficou do Antônio. Morreu na guerra. Outra recordação ligada à família foi justamente a invasão da Bélgica, que se deu em agosto de 1914. Meu avô estava indo para a Europa, então havia uma preocupação imensa com a viagem dele. Além disso, nessa ocasião nasceu uma das minhas irmãs. Então são fatos ligados à família e à guerra.

Mais tarde, naturalmente por causa disso, eu e meu irmão tínhamos uma coleção imensa de soldadinhos de chumbo e brincávamos com os soldadinhos de chumbo, com exércitos... Era natural que isso acontecesse. Essas são as recordações que tenho da Primeira Guerra. Posteriormente, quando fui fazer o curso de Estado-Maior, a estudei a fundo. Mas aí já com outro critério.

L.H. - Claro. E sobre esse período de internato, em Barbacena...

A.M. - Aliás, no Colégio Militar, aqui no Rio, nós éramos internos. Só saíamos aos sábados.

A.C. - E lá em Barbacena? Sua família ia? Visitava? Nunca foi?

A.M. - Não. Lá meu avô foi uma vez, apenas. Nós ficamos o ano inteiro lá. Éramos cinco, estávamos sempre juntos, porque não saíamos. Nem aos domingos. Não tínhamos o que fazer em Barbacena.

L.H. - Como se dá essa transferência para o Rio? A partir da morte de seu avô?

A.M. - Com a morte do meu avô voltamos para o Colégio Militar do Rio. E fomos até o fim, completamos o curso.

L.H. - Houve dificuldade de adaptação nos estudos, alguma coisa no gênero?

A.M. - Não.

I.F. - Seu avô tinha razão? O colégio lá era melhor do que o daqui?

A.M. - Não tenho base para dizer. Tive excelentes professores lá e excelentes professores aqui. Tive, no Colégio Militar, professores, cuja lembrança até hoje me dá saudade, porque eram homens de um valor excepcional. Severo, por exemplo. Ele era positivista. O Severo foi nosso professor de física e química. Era um homem de valor. Austeridade à toda prova. Induziu várias pessoas a entrarem no positivismo; aliás meu primo Davi Carneiro tornou-se positivista por causa dele. Esse homem era extraordinário.

Tive um professor como o velho Daltro Santos. Um grande professor de história. Um orador primoroso. De tal forma, que quando o Daltro ia dar aula - o pavilhão era um grande passadiço, com mais de cem metros. As salas, uma ao lado da outra, tinham uma porta e uma janela para esse passadiço - havia alunos do lado de fora ouvindo as aulas do Daltro, tão bonitas elas eram. Eram aulas num português maravilhoso, contando as coisas com uma facilidade, um encanto extraordinário. O Daltro era formidável.

Tive o velho professor, o velho Hemetério José dos Santos, que foi o paraninfo da nossa turma. Preto, um homem que no tempo do Império fez o concurso para o colégio Pedro II e foi laureado pelo imperador. Ele era professor do Pedro II e do colégio Militar. Era um homem que exigia a pronúncia mais perfeita do português. Ele mandava um de nós ler. Dizia: "Leia!" A gente lia: "O 'pedrêro`..." E ele dizia: "Outra vez!" E a gente: "O 'pedrêro`..." E ele: "Outra vez!" E nós: "O 'pedrêro`" E ele: "O pedreiro! Carpinteiro! Açougueiro! Sem vergonha! Canalha! Seu patife!" [risos] Isso era o Hemetério.

L.H. - O senhor disse que ele era preto. Nesse sentido o Exército é muito menos...

A.M. - Ele era civil.

L.H. - Pois é, mas o Exército é muito menos preconceituoso do que a Marinha, não é?

A.M. - De uma maneira geral, é. Sendo que no Exército, nós temos casos de pretos de grande valor. tivemos, que me recorde, o coronel Palimércio de Rezende, que conheci e que esteve na Revolução de 32, era um preto querido; o general João Batista de Mattos, que foi meu instrutor na Escola de Aperfeiçoamento e de Estado-Maior, depois foi companheiro de trabalho nesta última escola e que depois chegou a general-de-divisão e que era presidente da Ordem de São Benedito...

L.H. - Dos Pobres?

A.M. - Não, dos Homens Pretos. Ali na rua Uruguaiana. Ele, casado com uma preta, comandou várias regiões militares, conquistou grande prestígio no meio militar e no meio civil em que convivia.

L.H. - Mas isso não ocorre na Marinha, não é?

A.M. - Na Marinha não conheço nenhum caso. No Exército nós temos... O outro que quero recordar o nome, esse de cavalaria, vestia muito bem, montava muito bem. Quando morreu, o cavalo foi levado ao cemitério, na hora do enterro. O cavalo parecia entender que se estava despedindo do seu dono. Ele montava todos os dias, e esse cavalo vinha sempre comer na mão dele. Daqui a pouco eu me recordo do nome.

I.F. - O senhor estava falando sobre o professor de português; ele marcou muito o senhor?

A.M. - Marcou muito. O outro, o Ferreira da rosa, professor de português. O Ferreira da Rosa era português. Esse era um homem interessantíssimo. Esse homem nos obrigava a redigir. Geralmente ele fazia excursões conosco e depois mandava a gente contar. Uma das excursões foi ao velho morro do Castelo, que não mais existe. Foi quando eu conheci o morro do Castelo. E, ao mesmo tempo, aprendíamos história. Por que se chamam bondes os veículos que andam sobre rodas no rio de Janeiro? Era uma das composições que fomos obrigados a fazer.

Ah! Estou me esquecendo do meu professor de matemática, o Noel Noronha. O Noronha era um professor maravilhoso de matemática.

L.H. - O senhor foi bom aluno no Colégio Militar?

A.M. - Fui. Eu era meio vagabundo e muito levado. Confesso que em matéria de comportamento não era...

L.H. - Não era dos melhores... [risos]

A.M. - Não. Mas fui muito bom aluno. Tinha uma memória muito boa, uma cabeça muito boa. Podia ter sido melhor aluno se fosse mais estudioso. Mas em todo caso me classifiquei, fui até capitão-aluno. Não posso me queixar.

L.H. - Quais as matérias de que o senhor gostava mais nessa época? que disciplinas o encantavam mais?

A.M. - O que veio a vida inteira: história, geografia e matemática. Sempre tive uma facilidade imensa em matemática, sempre fui muito bom aluno de matemática, tanto no colégio quanto na escola. Aliás é fácil ver aqui... Eu ontem estava pegando aqui a transcrição da Escola Militar.

L.H. - A sua fé de ofício?

A.M. - Minha fé de ofício.

A.C. - Que é uma coisa muito séria, não é? Nós outros, civis, não temos essa preciosidade...
[Risos]

A.M. - Deixe eu ver aqui onde é que está a escola.

A.C. - ...referência desde o início.

A.M. - Em 23 entrei... Aqui estão os meus graus: aprovado plenamente com grau sete na segunda aula, oito na outra, prática com cinco... Em virtude do aviso foi equiparado... Em dezembro de 25, nos exames finais, fui aprovado plenamente com nove na primeira, terceira e quarta aulas. quase tudo é matemática; grau oito na quinta e grau seis na segunda. Na prática... Isso representa somente o segundo lugar na turma. O primeiro lugar na turma de artilharia foi do Orlando Geisel.

L.H. - Mas isso já na Escola Militar?

A.M. - Na Escola Militar.

L.H. - O senhor se lembra de seus colegas do Colégio Militar? Que se formaram com o senhor?

A.M. - De quase todos.

A.C. - Alguns acompanharam o senhor pela vida afora?

A.M. - Alguns são meus companheiros a vida inteira, desde o Colégio Militar. Por exemplo, o Lyra Tavares; o Afonso Emílio Sarmiento, que foi secretário de Segurança; não, quem foi secretário de Segurança foi o Antônio Faustino da Costa; foi auxiliar; o Osvaldo Niemeyer Lisboa; o Isaac Nahon; o João Gualberto Gomes de Sá, que está muito mal, está morrendo agora no Paraná; o Juvêncio Fraga Leonardo de Campos; o Jarbas Aragão. Sou capaz de me recordar de todos.

L.H. - Eram quantos? Se formaram quantos?

A.M. - Do Colégio Militar, terminamos o sexto ano uns setenta a oitenta.

L.H. - Eram seis anos de curso no Colégio Militar?

A.M. - Seis anos.

L.H. - E o ingresso na escola?

A.M. - Era automático. Naquele tempo, o aluno do Colégio Militar entrava automaticamente na Escola Militar. Com uma característica: como terminamos o curso nos

fins de 1922, nós fomos a turma do centenário. Tinha havido a Revolução de 22 e a Escola Militar tinha ficado vazia. Permaneciam talvez uns trinta alunos. E, assim, houve interesse em que fôssemos logo para a escola. Entramos, então, numa escola militar vazia.

L.H. - Que efeitos teve a Revolução de 22 na sua turma?

A.M. - Isso aí vai dar como repercussão uma cadeia que eu tenho aqui... [Risos]

A.C. - Deve ter sido um terrível efeito, entrar nos escombros da escola...

A.M. - A Revolução de 22 deu como consequência para mim uma cadeia em 1900 e tantos. Ainda se vê: "Em maio, a 25, foi público ter sido preso por trinta dias, em virtude de ordem do senhor ministro da Guerra, contido no aviso tanto, de acordo com o número tanto do artigo tal,..." Isso foi uma briga de "rabanetes" e "picolés", em 1932. Portanto, a Revolução de 22 deu uma repercussão de cadeia, dez anos depois. Pessoalmente. Agora, fora isso, eu tinha um irmão, Gilberto Cândido da Silva Muricy, que foi desligado da escola, eu tinha uma porção de amigos e continuei amigo... Meu irmão Gilberto morreu aos 28 anos, ainda desligado da escola. Morreu de tifo.

L.H. - Ele participou da rebelião na escola?

A.M. - Em 22.

A.C. - Quantos irmãos eram?

A.M. - Hoje somos dez. Éramos 14. Três do primeiro casamento do meu pai e 11 do casamento com minha mãe. Do primeiro casamento do meu pai, só está vivo o José Cândido de Andrade Muricy, que é escritor e músico. Do segundo casamento existem nove vivos.

L.H. - O senhor podia nomear todos para nós?

A.M. - Do primeiro casamento do meu pai: Iria, que morreu com oito meses; José Cândido de Andrade Muricy, que está vivo, com 85 anos; Gilberto Cândido da Silva Muricy, que já faleceu. Chamo a atenção para o nome de José Cândido de Andrade Muricy, e o motivo já vai aparecer. Depois, do segundo casamento, veio minha irmã Iria, que é viúva de um rapaz brasileiro de origem alemã, Carlos Otto Hermann Nielsen Köptckl; depois, José Cândido da Silva Muricy Filho - reparem que tenho dois irmãos José Cândido - depois vim eu, Antônio Carlos da Silva Muricy; uma irmã, Josefina, viúva do Gastão Melo; depois um irmão, falecido, David Divad da Silva Muricy - Divad, David ao contrário -; uma irmã, Olímpia, viúva do Renato Pires de Carvalho Albuquerque, de quem já falei; depois vieram duas irmãs...

A.C. - Qual é o parentesco do Renato com o ministro Válter Pires?

A.M. - É primo-irmão. Vêm depois a Marina e a Ana Maria, que são solteiras; um menino que morreu, o Raulzinho, e dois que estão vivos, Eurico e Marcelo, e acabei eu tomando

conta deles, que meu pai já estava velho, trouxe-os do Paraná e botei-os num colégio, eles são um pouco crias minhas.

A.C. - Quantos são militares?

A.M. - Dois, porque o José Cândido foi para a aviação. Foi da primeira turma da aviação do Exército.

A.C. - O José Cândido que morreu?

A.M. - José Cândido da Silva Muricy Filho. Porque eu tenho dois irmãos José Cândido.

A.C. - Quer dizer, era o senhor, seu irmão Gilberto que morreu...

A.M. - Primeiro tem o...

A.C. - Eu digo os militares.

A.M. - O meu irmão Gilberto que morreu cedo.

A.C. - Então seriam três militares.

A.M. - Seriam três. Quando nasceu o meu primeiro irmão, o José Cândido Andrade Muricy, a família toda começou: "Ah, afinal de contas o nome Santos Andrade vai desaparecer, porque não tem nenhum filho homem..." E meu pai, por essas questões de família, botou então José Cândido de Andrade Muricy. Mas não se conformava de não ter um filho com o nome dele. Quando, no segundo casamento, nasceu o primeiro filho homem, ele botou José Cândido da Silva Muricy Filho. Então, na família, temos José e José Cândido. Ambos são José Cândido. Isso é uma particularidade do anedotário...

L.H. - Voltando um pouco ao seu período de Colégio Militar, quase no final do ano, ocorre o 5 de julho. Dentro do colégio, que tipo de repercussão teve a revolta?

A.M. - Nós, alunos do colégio, nos entusiasmos. Estávamos acompanhando aquela campanha toda. Meninos de 16, 17, 18 anos, facilmente inflamáveis... Estávamos acompanhando aqueles episódios das cartas falsas e outras coisas que tais e, naturalmente, toda a mocidade era contra o presidente. Havia, dentro do colégio, um ânimo de também lutar. Mas isso não passava do ânimo de lutar, apenas. Porque não tínhamos nem armamento, nem instrução para isso. Era um ardor... Todo mundo cantava Seu Mé. Seu Mé era canção de todo dia, aliás havia paródias... [Risos]

L.H. - O senhor se lembra de algumas, não?

A.M. - Tínhamos um professor de topografia, o coronel Alcântara, um homem sério, muito gordo mas que por causa de sua repetição constante do termo, nós o chamávamos 'o Canevá'. Ele era duro, reprovava mesmo. Então, um dia, ele vai subindo a alameda do Colégio Militar, e havia um grupo cantando a seguinte canção, com a música do Seu Mé:

"Canevá, Canevá

Hei de passar em topografia, ha, ha, ha

Mas eu só sei colar...

De toda a matéria eu nada sei, hoje em dia,

Cala a boca, Canevá, com a tua topografia

Embora saibamos que tu és um 'cabra` mau,

Não me tocas o pau

Não me tocas o pau".

[Risos]

Pois bem, isso ele ouviu, subiu, anotou: todos foram reprovados. (gargalhadas). O Canevá era um homem engraçado... Ele chegava na turma, no fim do ano, olhava assim e dizia: "Fulano, tu estás me cheirando a defunto." Podia contar que estava reprovado. Quando ele dizia que estava cheirando a defunto...

A.C. - O clima era muito esse, não é? Um clima severo.

A.M. - De muita severidade. Mas, no meio dessa severidade, havia uma camaradagem impressionante. Por exemplo, um dos homens rigorosos, que era esse professor de português, nós o fizemos o nosso paraninfo. Foi o paraninfo da nossa turma no Colégio Militar. O aluno, um jovem, não é contra o rigor. É contra a injustiça. A injustiça dói, o rigor não.

A.C. - Talvez contra a indiferença, também. Às vezes o professor é simpático, mas indiferente.

A.M. - Ah, não tenha dúvida. Os professores mais apertados que tivemos foram os professores que melhores lembranças nos deixaram. Não tenha dúvida não.

L.H. - Isso é muito comum mesmo.

A.M. - O Severo era um homem severo. O Daltro não era severo, mas era um grande professor. O nosso Noronha era exigentíssimo. Nós temos admiração por ele até hoje.

A.C. - Eram turmas pequenas? Quantos alunos mais ou menos?

A.M. - Uns oitenta.

A.C. - Recebiam aulas juntos, todos?

A.M. - Em duas turmas. O professor dava aula numa turma, depois passava e dava aula na outra. Em cada turma havia mais ou menos quarenta alunos.

L.H. - E a distância entre os alunos e os professores era muito grande?

A.M. - Ah, era. No regime militar era. Apesar disso, com certos professores tínhamos muita intimidade. O professor Cajati, oficial de Marinha, por exemplo, professor de desenho, era um homem educadíssimo. Nós íamos à casa dele, ele nos recebia com carinho. Ele criava um ambiente excelente. E outros também.

[FINAL DA FITA 1-B]

A.M. - ... A primeira vez que tomei conhecimento do comunismo foi com um professor comunista, no Colégio Militar.

L.H. - No Colégio Militar?

A.M. - No Colégio Militar, com o Décio Coutinho. Ele era professor de geografia, um homem inteligente. Em 1919, mais ou menos, foi a primeira vez que ouvi falar em comunismo, acabava de haver a Revolução Russa, em 17. Meu irmão, que era da outra turma - já disse que havia duas turmas - teve, no terceiro ou quarto ano, um professor, não me lembro o nome dele, que injetava idéias comunistas nos alunos.

L.H. - Mas isso era feito em sala de aula?

A.M. - Em sala de aula e da maneira que os comunistas sabem fazer: insidiosamente...

A.C. - Como era o comunismo deles? Porque havia tantos comunismos... Naquela época era organizado?

A.M. - Não, naquele tempo ninguém sabia direito o que era. Mas eles pregavam as idéias de Marx. Por exemplo, o Décio Coutinho; ele era professor de geografia. Então ele mostrava o imperialismo inglês, que naquele tempo dominava o mundo. Explicava como os ingleses foram se apoderando de todos os pontos de passagem obrigatórios, para obrigar o

comércio - o que é uma verdade - e através disso, ele ia mostrando o que era a economia capitalista e o que era imperialismo. Assim ele ia, aos poucos, soltando veneno como esse problema do 'domínio' do capitalismo. O que hoje dizem das multinacionais.

A.C. - O controle imperialista inglês.

A.M. - Exato. Assim eles iam infiltrando as idéias, jogando em cima.

L.H. - A direção do Colégio Militar sabia das idéias desses professores?

A.M. - Mais tarde soube e procurou afastá-los, mas eles já tinham envenenado. Na Revolução de 35, por exemplo, um dos responsáveis pelo levante da Escola Militar foi um rapaz que era tenente, Ivã, que foi levado ao comunismo por esse outro professor, da turma do meu irmão, de que não recordo o nome. Induziu muita gente ao comunismo.

A.C. - Falavam na Revolução Russa?

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.H. - Eu queria que o senhor nos falasse um pouco de uma impressão que nos relatou, há pouco, de ter entrado para uma escola militar vazia. Que sensação dava isso a vocês?

A.M. - Nós chegamos na Escola Militar e havia um ambiente de imensidão vazia. A escola de Realengo era uma escola fria. Escola tipo quartel. Uma escola em que o conforto era considerado depois dos aspectos de aula, do funcionamento da vida familiar. A Escola Militar tinha passado por uma transição. Ela tinha uma tradição antiga de desorganização. Veio a missão militar.

A.C. - Missão Francesa?

A.M. - Não, antes. A chamada 'Missão Indígena', à qual pertenceram quase todos os que fizeram a Revolução de 22. Tinha o Denis - eu não era aluno naquela ocasião - tinha o Colônia Macedo Soares, tinha o Juarez, tinha uma porção de oficiais que fizeram o levante da Escola Militar em 1922.

Então a escola ficou, nesse período da Missão Indígena, de uma disciplina férrea. Houve uma mudança de mentalidade. Quando esvaziou a escola, e saíram os alunos e os instrutores, foram novos oficiais para lá, procuraram manter aquele regime também enérgico, mas eles não eram ainda adaptados àquela vida. E a escola estava vazia. Os alunos que lá permaneciam faziam parte de dois grupos: um o grupo dos que tinham se oposto à revolução; o outro, o grupo dos chamados 'inconscientes'. Já ouviram falar, não é? Resolvemos, então, não dar a menor importância aos inconscientes. Nós tínhamos amigos, parentes, e éramos simpáticos aos ex-alunos desligados.

A.C. - Esse era o ambiente dominante?

A.M. - Era. E a escola vazia. Nós fomos para lá. A minha turma, juntando os diferentes colégios militares, chegou a uns 150 alunos, mais ou menos, no primeiro ano. Havia uns oito no segundo ano e uns seis a dez no terceiro ano. Essa era toda a escola. Então foi aberto uma espécie de anexo, o chamado Curso Anexo, que era um curso preparatório e que hoje se forma na Escola Preparatória de Cadetes. Fez-se um curso preparatório para aqueles rapazes que quisessem ir para o Exército e que ainda não tivessem o curso secundário completo. Completariam-no na Escola Militar.

L.H. - Como forma de completar as matrículas?

A.M. - Até completar. Então, quando cheguei na Escola Militar éramos 140, vamos dizer assim - há uma fotografia, dessas que eu trouxe aí, da turma - com mais uns vinte ou trinta ex-alunos, de alunos anteriores, e mais uns quinhentos ou seiscentos de pessoal do Curso Anexo. Essa era a escola.

Nós ficamos numa posição quase de domínio, porque, não só éramos alunos do Colégio Militar - forma-se uma espécie de camaradagem entre os alunos do Colégio Militar - éramos também os alunos, não só de maior número, mas, praticamente, os mais graduados dentro da escola. O pessoal do Curso Anexo ainda era secundarista. Isso nos dava uma posição de certo privilégio.

L.H. - E essa minoria de remanescentes? Como é que era a relação de vocês com ela?

A.M. - Com alguns, muito boa. Com outros, não. Não aceitávamos certos homens, alguns dos quais vieram depois para a vida e foram alguma coisa.

L.H. - Quem eram essas pessoas?

A.M. - Por exemplo, o Trota, que morreu agora. O Frederico. Ele era dos inconscientes. Do pessoal que tinha ficado, o Zé Leite, que nós chamávamos assim, pois não era Zé Leite; era José Ângelo Gomes Ribeiro, filho do ministro João Gomes. Foi comandante do Regimento de Artilharia na Revolução de 24... Todo mundo só o conhecia como Zé Leite. Por que, não me pergunte. Coisa de cadete. Filho do general João Gomes. Esse, todo mundo queria muito bem. E houve, inclusive, um episódio muito interessante: devido à falta de oficiais - porque houve uma falta enorme de tenentes na tropa, três turmas deixaram de entrar. O governo resolveu então, abreviar para aqueles que tinham vindo das escolas de engenharia, fazer o curso em dois anos, porque tínhamos alunos, companheiros de turma que eram ex-alunos de engenharia. Entre eles...

I.F. - Da Politécnica?

A.M. - Politécnica ou engenharia do estado. Entre eles o Francisco de Assis Correia de Melo, o 'Melo Maluco'. Ele é da minha turma de entrada na escola e de uma turma antes de saída, porque veio da engenharia. Então ele e outros fizeram o curso em dois anos.

L.H. - Era uma tentativa do governo de preencher...

A.M. - De preencher o mais depressa possível os claros.

A.C. - Foi uma turma privilegiada, quer dizer, muito bem-vinda, bem recebida.

A.M. - Não foi nem bem recebida nem mal recebida. Nós tivemos dependência lá dentro da escola, nem sequer tivemos trote. Não havia veteranos.

A.C. - Era uma turma de reis, não é? Naquele vazio todo...

L.H. - Essa deficiência de instrutores que o senhor disse que havia, porque saíram instrutores da escola, isso prejudicou o ensino de certa forma, no início, pelo menos?

A.M. - No início houve um desajustamento. Logo em seguida, começaram a chamar novos instrutores, e a coisa foi-se guiando pela orientação deixada pela Missão Indígena. Os novos instrutores procuraram seguir a orientação da Missão Indígena, e tivemos instrutores extraordinários.

A.C. - Quais os que o senhor lembra?

A.M. - Estou me lembrando - a coisa vai para frente e vai para trás - principalmente dos homens de artilharia no meu terceiro ano, do capitão Fiúza de Castro, por exemplo, que foi depois o general Fiúza. Um grande instrutor, e seus auxiliares, um deles era formidável. Tinha o Joaquim Justino Alves Bastos, que foi comandante do IV Exército. Tinha o [inaudível] instrutor de artilharia. Tinha o Júlio Teles de Menezes. Esse foi um dos homens de maior caráter que conheci na minha vida. Um homem de uma seriedade absoluta e que, principalmente, compreendia o mundo do cadete. Tenho com ele um episódio, que passo a contar para mostrar como era o homem, pois ele já faleceu. Eu estava no terceiro ano, às vésperas de sair aspirante, já namorava a minha futura primeira mulher. Haveria, no meio da semana, uma festa. Por uma dessas circunstâncias, não me lembrei de pedir dispensa, para sair durante a semana. Mas quando chegou a tarde, a hora de acabar tudo, resolvi ir à festa. Tranqüilamente, fiz o que era comum na Escola Militar: depois do jantar, pulei o muro para pegar o trem. Na hora que pulo para pegar o trem, caio, olho e vejo o Teles de oficial de dia na minha frente.

L.H. - Caiu quase nos braços dele!

A.M. - Quase! Ele vira-se para mim e diz: "Aonde vai, seu Muricy?" Eu, honestamente, disse: "Pegar o trem." Ele parou e disse: "Vá e amanhã me procure." Eu fui, a festa estava estragada... [Risos] Mas fui à festa e no dia seguinte me apresentei a ele. Ele olhou para mim e disse: "Muricy, você está no terceiro ano, no fim do ano, está para terminar o curso, é um dos primeiros alunos da turma e deve se lembrar que daqui a meses você vai ser oficial. Um oficial é antes de tudo um homem que dá exemplo, tem de dar exemplo." Começou, então, a me dar uma lição de moral, e eu não sabia mais onde me meter. Foi pior do que ter pegado a maior cadeia do mundo. Quando acabou, disse: "Vá e lembre-se que um oficial tem de ser exemplo." Esse era o Júlio Teles de Menezes.

A.C. - Isso repercutiu na sua vida para sempre?

A.M. - Nunca mais deixei de ser um oficial... Nunca deixei de ser exemplo, graças a Deus. Na minha vida, procurei ser exemplo. Só levei essa cadeia por uma outra razão, quando chegar o momento eu digo. Mas essa tinha que ser, senão...

A.C. - Por razões menos graves do que o pulo do muro...

A.M. - Não, essa era grave, mas era uma solução única para resolver uma situação de posição nossa. Podíamos ter eliminado a nossa posição. A síntese é a seguinte: acabada a

Revolução de 30, voltaram todos os ex-alunos. Eram quatrocentos e tantos, quinhentos. E esses ex-alunos, onde é que ficam? Em que lugar encaixá-los? Eles não eram oficiais; eram alunos, portanto, presunção de serem oficiais.

Nós já tínhamos cinco, quatro, três, dois anos de oficiais. Já tínhamos nossa posição dentro do Exército. Então vinha o negócio e houve uma campanha para colocá-los à nossa frente. Iríamos ter um momento em que desceríamos em cada arma, eu ia descer talvez uns setenta ou sessenta. Isso corresponderia talvez a uns quatro, cinco ou seis anos na minha carreira. Então, nisso, houve uma série de assembléias dos rabanetes no Clube Militar, e resolvemos passar um telegrama para o ministro reclamando. O ministro fez o que devia: nos empurrou na cadeia. Mas depois veio a Revolução de 32, e surgiu uma solução: criaram um quadro paralelo. Essa cadeia teve como consequência, então, a criação do quadro paralelo, que não prejudicou ninguém.

A.C. - Então a prisão valeu.

A.M. - É, valeu. Então, você vai compreender por que tive essa cadeia. Depois da lição de moral que tive, porque até no colégio, na escola, não fui bem comportado.

L.H. - Pois é, eu queria colocar uma questão para o senhor. O senhor disse que não foi bem comportado no colégio e até esse momento na escola também... Mas o senhor já se preocupava, na escola, de alguma forma, com esse problema da instrução? Porque depois vamos ver que o senhor foi instrutor muito tempo.

A.M. - Sempre fui muito bom aluno. Eu era brincalhão, fazia as peraltices de rapaz e acho que quem não faz está errado. Porque o rapaz que não fez antes vai fazer depois. Então preferi fazer tudo isso... Agora, no fim, o que era da obrigação estava sempre feito. Sempre fui considerado muito bom aluno. Na Escola Militar saí em segundo lugar na minha turma.

A.C. - Eu queria perguntar ao senhor sobre o estilo, o tipo de formação que a escola dava naquela época. Era uma formação mais técnica ou mais humanística? Como é que o senhor veria isso?

A.M. - Era mais técnica. Porque a Escola Militar, até a entrada da Missão Indígena, dava uma formação humanística. Eu vi, na fé de ofício do meu pai, que era da antiga Escola da Praia Vermelha, que eles aprendiam tudo, menos militância. Durante o período que mediou, do começo da República até a Missão Alemã, até aquele grupo de oficiais alemães que tem o Klinger... Os 'jovens turcos'; eles trouxeram uma mentalidade já mais militar. Quando o velho Malan e o Leite de Castro trouxeram a Missão Militar Francesa - eu estava nos últimos anos do colégio Militar, saí do Colégio Militar em 22 - começou uma renovação para dar à Escola Militar um cunho de formação propriamente de oficial. Ainda havia remanescentes de certas coisas que eram úteis, mas hoje acho que fizeram falta à minha formação certas coisas que fui aprender mais tarde, quando fiz o concurso para a Escola de Estado-Maior.

L.H. - Por exemplo?

A.M. - Por exemplo: uma coisa que é preciso conhecer até o fim: economia política. Hoje em dia, ninguém pode crescer e sentir o panorama mundial sem conhecer um pouco disso.

L.H. - E na escola não havia economia política?

A.M. - Não. Aprendi quando fui fazer concurso para a Escola de Estado-Maior, que é uma das disciplinas do concurso. Aliás, tive aulas com um homem extraordinário, Francisco Clementino de San Tiago Dantas. Um homem extraordinário.

A.C. - O senhor, por exemplo, comparando com o tipo de formação que os oficiais recebem hoje, acha que foi um tipo de educação técnica que lhe foi dada?

A.M. - Hoje ainda continua técnica. Porque realmente não se modificou o Exército. A vinda da Missão Militar Francesa, a vinda da Missão Indígena à Escola Militar deu um caráter militar, realmente, aos aspirantes e tenentes. Então eles saíam da escola com o espírito de soldado e conhecendo as coisas militares.

L.H. - Como é que o senhor sentia isso na prática?

A.M. - Na vida de quartel. Com a vinda da Missão Francesa, por exemplo, estruturou-se a instrução no Exército, nos corpos de tropa, coisa que mais ou menos se mantém até hoje, em vários períodos: um primeiro período que era da instrução do recruta - se recebe o homem bruto e se forma o soldado básico. São dadas noções de disciplina, de ordem-unida, de instrução moral, instrução geral. Forma-se o homem capaz de se apresentar como soldado, e começa-se a dar um pouquinho de noção de luta.

O segundo período é o período de companhia de subunidade. Começa-se a trabalhar dentro de subunidades, ou pelotão, ou bateria, ou companhia; depois é o período de grupo, ou batalhão e finalmente o período de manobra. Então dá-se, dentro, do corpo de tropa, num período normal... O coroamento de tudo é a manobra, no fim do ano, em que o soldado vive a vida de campanha. Já vem vivendo antes, mas aos poucos. Então a vida do soldado passou a ser uma parte no quartel, no período de recruta, e uma parte no campo.

L.H. - Na Praia Vermelha não havia isso?

A.M. - Não, era tudo tranqüilamente teórico, e as cadeiras eram: astronomia, filosofia, [risos] ensinava-se tudo isso...

L.H. - Tudo menos a ser soldado...

A.M. - Tinha uma parte de fortificação que era, também, para ser soldado. Esse então era o aspecto. Basta ver o currículo da Escola Militar no meu tempo, e já se sente isso. Vou dar aqui, mais ou menos, o currículo do curso que eu fiz no primeiro ano: cálculo diferencial e integral; geometria analítica; física; administração; higiene. Matérias todas ligadas mais ou menos à parte prática, não tem nada de humanismo.

A.C. - Administração e higiene são matérias importantíssimas.

A.M. - Higiene é básico. Depois de administração, direito... Agora estou misturando, direito já era no segundo ano, mas não importa: direito, mecânica, fortificação, aplicações da química e da física às artes da guerra, tem a parte de mobilização, e outras cadeiras de que não me recordo.

A.C. - Mas havia história também? E geografia?

A.M. - História militar, história geral, geografia militar. Então esses aspectos cobriam toda a escola. Era um currículo absolutamente ligado às Forças Armadas. Tínhamos um dia de aula e um dia de instrução. Três vezes por semana tínhamos aulas teóricas; e três vezes por semana tínhamos instrução militar o dia inteiro no campo.

L.H. - Isso já desde o primeiro ano?

A.M. - Desde o primeiro ano. Já era herança da Missão Indígena.

L.H. - Os dois primeiros anos a turma toda fazia junto?

A.M. - Inicialmente. Na minha turma fizemos os dois primeiros anos todo mundo na infantaria. No terceiro ano nos separamos pelas armas. Mais tarde, só o primeiro ano ficou sendo em conjunto. O segundo e terceiro ano eram feitos pelas armas.

L.H. - Como é que se faz a escolha da arma?

A.M. - A escolha da arma se faz por classificação. Pelo menos na minha turma, quando terminamos o primeiro ano, pusemos em ordem decrescente de graus e... "Que arma quer ir, que arma quer ir?..."

A.C. - Os bons queriam artilharia?

A.M. - As armas mais escolhidas eram a engenharia e a artilharia. Agora, para os gaúchos era a cavalaria, porque havia uma quantidade enorme de unidades e regimentos de cavalaria no Rio Grande. Então, a vontade de voltar aos pagos fazia com que eles, embora muito bons alunos, também fossem para a cavalaria. A infantaria tinha muita gente que era convicta e tinha muita gente que nós chamávamos... os que sobravam é que iam para lá. Eu não me lembro, mas tinham um nome que eu não me recordo no momento.

L.H. - Quer dizer, em ordem, vamos dizer assim, de nobreza das armas, como é que o senhor classificaria?

A.M. - Não classifico, porque os cavalarianos têm um orgulho enorme de pertencer à cavalaria. E alguns infantas têm orgulho de ser infantas.

L.H. - Mas em geral a infantaria era a mais...

A.M. - A infantaria era a que pegava gente muito boa e a gente mais fraca. Então ela tinha os extremos.

A.C. - E havia o pensamento, também, de que a guerra é a infantaria?

A.M. - A arma base é a infantaria. A infantaria é a arma que vai conquistar, que vai lutar, que vai realmente formar...

A.C. - É a arma dos heróis, não é?

A.M. - É a arma dos que vão com o peito à frente. É o que a cavalaria faz também, e o artilheiro menos. Então o pessoal caçoa, diz que o artilheiro fica atrás dos canhões, fica na retaguarda e deixa o infante brigar... essas coisas de brincadeira. E há brincadeira entre as armas: que o infante não sabe montar, que o engenheiro não sabe montar. O cavalarião monta muito bem, o artilheiro montava bem, também era arma montada, hoje não é mais, nem cavalaria existe mais.

L.H. - O senhor, apesar dessa convivência que teve na infância na sua casa havia cavalo, essa coisa toda - não teve vontade de ir para a cavalaria?

A.M. - Não. Meu pai era artilheiro. E tive, naturalmente, a propensão de seguir a arma do meu pai.

A.C. - Ele construiu o forte?

A.M. - Ele construiu, ele esteve na comissão, no final da comissão. O homem que dirigiu foi o Tasso Fragoso. Tenho uma palestra sobre o Tasso Fragoso, inclusive está aqui, vale a pena conhecer.

L.H. - O senhor então escolheu artilharia por...

A.M. - Por uma questão quase de tradição, de acompanhar o meu pai.

L.H. - Aquele seu tio era artilheiro também?

A.M. - De cavalaria. Mas ele não fez carreira militar. Ele saiu logo, saiu como capitão. Ele não terminou a carreira. Ficou no Paraná, depois em Santa Catarina, não teve nenhuma projeção.

A.C. - E seu irmão?

A.M. - Meu irmão Zé Cândido saiu comigo, fomos companheiros de infância a vida inteira, nossa diferença de idade é de apenas um ano. O Gilberto foi desligado, foi para o Paraná, morreu de tifo, então foi outra coisa. O José Cândido e eu saímos juntos, fomos para artilharia. Em 1927 criou-se a arma de aviação, e abriu-se o recrutamento em todo o Exército e ele, então, fez parte da primeira turma da aviação. Ele ficou sendo, mais tarde, uma espécie de braço direito do Eduardo Gomes. Ele era muito amigo, até hoje é muito amigo. O Eduardo quer muito bem a ele.

Mas, dessas coisas engraçadas. Ele fez uma carreira, brilhante, na aviação. Foi um homem-chave em 1932, na aviação. Ele foi promovido por bravura e, mais tarde, ficou doente. Teve uma doença que antigamente era um tabu e hoje não é mais: tuberculose. Foi reformado por incapacidade física. Ele é magro, não tem um cabelo branco. Tem hoje uma fazenda no interior do Paraná. Sai do Rio de Janeiro dirigindo uma Brasília e vai dormir em Avaré; no outro dia sai cedo e ao meio-dia está na fazenda. Ele mesmo dirigindo. Eu vou fazer 75, e ele vai fazer, no mês que vem, 76 anos.

L.H. - Esse é o antigo tuberculoso?

A.M. - O antigo tuberculoso... [Risos] Ele já matou todos os que o reformaram e mais os colegas de turma.

L.H. - Agora, general, eu queria fazer uma pergunta. O senhor disse que um belo dia, na escola, pulou o muro para ver sua noiva. Como era sua vida de rapaz? Como era a vida de rapaz de um pessoal da sua idade? Naquele tempo, o que vocês faziam, nas folgas?

A.M. - Na vida de interno a gente passava a semana inteira reunido. Então fazíamos as brincadeiras normais, de tocar violão, cantar, conversar, ler... Eu li muito, eu era um "ledor" incansável. E, naturalmente, quando chegava sábado e domingo a gente saía. Naquele tempo havia a Brahma na galeria Cruzeiro, e a gente ficava ali, tomando chope, conversando e vendo as moças que tomavam o bonde. Na hora, porque os vestidos eram muito compridos...

[FINAL DA FITA 2-A]

A.M. - ...então a gente via um pedacinho de perna... e ficava satisfeito! [Risos]

L.H. - E o banho de mar?

A.M. - Naquele tempo, a gente tomava banho de mar todo vestido. Eu ainda tenente e capitão, passei férias em Icarai. Era banho de calção e camisa. E a minha mulher usava roupa de banho, não existia maiô, não. Era roupa de banho, era outra coisa. De maneira que isso era completamente diferente. Banho de mar, a gente nem ligava. Era coisa em que o pessoal nem pensava, não existia esse problema de praia como hoje.

A.C. - Apesar do calor?

A.M. - Apesar do calor.

I.F. - O senhor acha que naquela época havia uma troca de idéias muito maior entre a juventude do que hoje em dia? Por causa da televisão, do cinema...

A.M. - Bom, havia sim. Conversava-se muito. Formávamos rodas para comentar a vida, inclusive para filosofar. Naturalmente que, nessa idade, a gente conversa sobre tudo, principalmente sobre aqueles assuntos de maior curiosidade. E um dos assuntos de maior curiosidade é o problema sexual. Então conversava-se muito sobre isso, sobre problemas de

vida, cada um contando a sua experiência, da sua terra. Como era cada um de um canto, o que era o Rio Grande, o que era o Paraná, o Nordeste. Discutíamos e conversávamos muito, aliás, naquela ocasião já começavam a haver certos problemas de ordem social, e já se discutia tudo isso. Mas sem a exacerbação de hoje. Eu sinto, por exemplo, meus filhos do segundo casamento, que estão hoje com vinte e poucos anos, a literatura deles é uma literatura... Naquele tempo, se se pensasse... Tenho um filho de 24 anos, que tem uma biblioteca de sociologia que é uma coisa louca! Quer ser cineasta... É uma profissão que naquele tempo nem se podia pensar!

L.H. - O senhor diz que era um leitor incansável; o que o senhor lia?

A.M. - Eu lia principalmente romances. Eu lia muito em francês e muito em português. Aprendi francês desde menino. Li o meu primeiro romance em francês aos 12 anos.

L.H. - O senhor se lembra qual foi? [Risos]

A.M. - Le roi de Paris. Li o meu primeiro romance aos nove anos de idade. Chamava-se Romance de uma rapariga pobre, aqueles folhetins. Por um acaso, há três anos, entrando num sebo, vi e comprei. E se quiserem ver o que é romance, vou trazê-lo aqui.

A.C. - Eu quero!

A.M. - Quer mesmo? Então vai ver o primeiro romance que eu tenho.

L.H. - A minha avó falava muito desse romance. [Risos]

A.M. - Pois é, o Romance de uma rapariga pobre. Li o Rocamboles, aos oito, nove anos, antes de dez anos. Li A filha do condenado. Esse foi um dos romances tipo folhetim que eu li. Li A escrava Isaura. Hoje sou um homem que conheço, praticamente, todos os livros de Eça, literatura portuguesa, de Herculano e de Camilo Castelo Branco. Conheço praticamente todos os romances de Dumas, de Balzac, de Zola, da literatura francesa.

A.C. - O senhor leu Balzac em francês?

A.M. - Ah! Tudo em francês. Li os romances... principalmente os portugueses. Os brasileiros antigos, conheço quase todos. Machado de Assis, todo; José de Alencar; Bernardes, que tem um trecho que até estava na antologia. Foi por causa disso que fui ler sobre a derrubada do gigante da floresta, o jequitibá. Isso aí me despertou a curiosidade para ler esse romance. Eu era um homem que lia. Nas férias, por exemplo, eu passava o dia inteiro lendo. À noite eu saía para encontrar os amigos e bater papo.

I.F. - E trocar idéias sobre as leituras?

A.M. - É, sobre as leituras. De maneira que era a distração. Nunca fui farrista. Embora o meu irmão, esse Gilberto, tivesse sido um dos maiores farristas que já conheci na minha vida. No Colégio Militar, ele estava duas turmas na minha frente. Frequentemente

desaparecia o seu Gilberto. Um homem boníssimo, todo mundo queria bem. Então vinha um inspetor para mim e dizia: " 16 vai procurar o 21, estão procurando a ele." Era o número dele. Saía eu procurando o Gilberto. "Seu 21... Onde é que está seu 21?" Ele tinha um grupo, que era o irmão do Juraci, o Jurandir, o 'Caolho', por ser estrábico; um jogador de boxe, o Jessé, e um outro do qual não me recordo o nome. Eles estavam sempre nos lugares mais complicados do mundo. Fui achá-los, uma vez, numa pensão no Catumbi. [Risos] Não tinham nem onde dormir. Era um colchão no chão. Viviam lá com umas mulheres, umas coisas horríveis... [Risos] E eu fui tirá-lo de lá. Dizia: "Gilberto, vamos embora para o colégio, você vai ser desligado por ponto"... Então, voltou tudo para lá. De vez em quando seu Gilberto sumia.

L.H. - O senhor não seguiu a linha do seu irmão?

A.M. - Não... Ele era boêmio, absolutamente boêmio.

L.H. - O senhor nessa época já passava as férias no Rio? Não ia mais para o Paraná?

A.M. - Não; ia. Ainda ia! Aliás, uma das vezes, fui para a casa de uma parenta, que morreu agora, com 98 anos. Ela tinha uma coleção de livros, eu os devorava, principalmente os de Paulo de Koch. Naquele tempo eram considerados livros que moça não podia ler. Mas eu devorava a coleção de Paulo de Koch. Li toda.

Nessa ocasião eu tinha muitos livros de autores portugueses. Eu lia muito!

A.C. - E o senhor lia esses livros assim tipo de ensaios, essas reflexões, mais filosóficos...

A.M. - Os filosóficos eu vim a ler mais tarde. Confesso que na minha mocidade não li nada de filosofia.

A.C. - Não, eu digo de Voltaire, de...

A.M. - Ah, li! Montesquieu li quase todo, conheço muito, o Voltaire, o Molière conheço bastante, conheço a obra completa de... como é aquele?... Teatrólogo francês... (Declama Racine em francês)

L.H. - Racine?

A.M. - Racine. Conheço bem Racine. Li muito.

L.H. - E Euclides da Cunha, o senhor leu?

A.M. - Quem é que podia deixar de ler o velho Euclides?

I.F. - [Risos] O senhor leu quando? Nessa época também?

A.M. - No Colégio Militar. No Colégio Militar eu devorei livros. Entre os 14 e os 20 anos, até um pouco mais, até os 28 anos devorei os livros. Porque aí entra uma fase dura da

minha vida. Fui morar em Deodoro e, então, como não tinha dinheiro, passava a semana estudando e lendo. Isso é uma outra história, depois chegaremos lá.

L.H. - Eu queria voltar a esse problema da escolha da artilharia e do seu terceiro ano na escola. No terceiro ano, então, o senhor já tinha todo um tipo de instrução voltada para a artilharia. O que era exatamente essa instrução?

A.M. - Essa instrução consistia, principalmente, nos seguintes assuntos: primeiro, a técnica de tiro. A técnica de tiro envolve estudos que obrigam ao conhecimento da lei de probabilidades, o cálculo de probabilidades. Obrigam ao estudo de balística. É uma das cadeiras da Escola Militar. Obrigam ao estudo de conhecimento do material, dos diferentes tipos de material de artilharia; análise das tabelas de tiro, onde entra o cálculo de probabilidades e estatística. Isso é a parte de técnica de tiro.

O outro assunto era relativo à topografia. Já no Colégio Militar tínhamos tido aulas de topografia e agrimensura. Mas na Escola Militar tivemos o que se chama a topografia do artilheiro. É a topografia especializada para a artilharia, que também exige conhecimentos, inclusive de um pouco de astronomia por causa do levantamento astronômico. Tinha o problema de organização militar. A outra era a parte propriamente de tática. Tínhamos a parte tática geral e a parte tática da arma de artilharia. Conhecimento de diferentes situações em que se pode encontrar uma tropa em campanha.

L.H. - Desculpe interromper, mas nessa parte tática geral... Porque às vezes, essa especialização leva...

A.M. - Isso é a vida inteira, quer dizer, você vai até lá no Estado-Maior e lá é que se penetra.

L.H. - Mas às vezes uma especialização leva a que se ignore um pouco o que acontece nas outras armas. Essa tática geral dava algum conhecimento do que acontecia...

A.M. - Na Escola Militar muito pouco. Tínhamos, nessa ocasião, por exemplo, história militar. Na parte de história militar a gente sentia muita coisa, por exemplo: estudamos, naquela ocasião, a Guerra de Secessão Americana, onde a gente sentia o problema, tivemos algumas noções, poucas, muito poucas, da guerra de 14...

A.C. - Estudavam muito as guerras napoleônicas, não?

A.M. - Não, isso foi mais tarde. Isso foi na Escola de Estado-Maior, quando aprendi todas as campanhas napoleônicas. Ainda tenho na cabeça alguma coisa sobre isso.

A.C. - Era muito importante, não é?

A.M. - Isso aí é o concurso para Estado-Maior. Porque depois vou contar como o meu concurso foi diferente dos outros. Uma loucura! Dessas loucuras que a gente faz na vida foi o concurso da minha turma para a Escola de Estado-Maior.

L.H. - Na Escola Militar ainda era a Guerra de Secessão?

A.M. - Mas muito ligeiramente. Muito fraca. E onde aprendi mais foi na parte de tática de artilharia, porque o capitão Fiúza foi um excelente professor e nos deu excelentes noções de tática de artilharia.

L.H. - E os exercícios? Havia exercícios de tiro, essas coisas?

A.M. - Ah, nós íamos, conhecíamos o material e íamos para o campo. tomávamos posição, acampávamos, atirávamos, dentro de uma situação tática por diversos tipos de tiro. Aí entrava a técnica de tiro, diferentes tipos de observação e de regulação de artilharia, de eficácia. Fazíamos esses exercícios.

L.H. - E onde é que era feito isso?

A.M. - No campo de Jericinó. O célebre Jericinó, que foi a antiga fazenda de Sapopemba. Ainda outro dia, fui à Vila Militar, estava comentando. Como foram clarividentes os chefes militares do começo do século! Aliás, nesse caso, principalmente, como principal responsável, o então ministro da Guerra, marechal Hermes da Fonseca. Ele, baseado nas instruções e na vinda dos 'jovens turcos', organizou, criou, a Vila Militar. A Vila Militar foi construída em 1906, 7, 8. Em 1912, eu ainda fui a Deodoro, que se chamava Sapopemba, e onde o José Pires de Carvalho e Albuquerque, meu primo e tio do Válder Pires, morava. Porque ele fez parte da comissão de construção da Vila Militar.

A.C. - Mas a Vila foi no tempo do Hermes? Porque em 1906 não era Hermes...

A.M. - O Hermes foi depois, mas ele era ministro. Ele foi presidente em 1912...

A.C. - De 10 a 14.

A.M. - Mas ele era ministro. Ele foi um excelente ministro. Só ter organizado a vila Militar! Ele foi o que deu o campo de instrução de Jericinó, que depois foi ficando imprensado. Já quando fui instrutor de artilharia, na Escola de aperfeiçoamento, eu já achava que o campo estava pequeno. E andei pensando na necessidade de fazer campos de instrução fora do Rio de Janeiro, porque já não é possível mais.

L.H. - Mas naquela época, em comparação com a Praia Vermelha, era...

A.M. - Naquela ocasião não tinha nada. Era liberdade de ação, um campo de extensão muito grande, e faziam-se exercícios em toda parte.

I.F. - Quer dizer, a ocupação militar destes bairros de Realengo, Marechal Hermes, Deodoro, tudo foi antes, não é?

A.M. - Foi antes, naquele tempo não tinha nada. Ricardo de Albuquerque, Nova Iguaçu, Pavuna... Olha, eu andei a cavalo por aqueles lugares todos. De Parada de Lucas a Santa Cruz, andei a cavalo com a minha bateria. Conheci aquilo tudo na pata do cavalo. Hoje mudou, hoje acabaram os campos.

I.F. - Percebi pelas matérias que a formação matemática é muito importante para o artilheiro. É por isso que só os melhores alunos podem escolher artilharia?

A.M. - Não... Artilharia é como eu disse: o indivíduo escolhe pela classificação. Eu posso ser o primeiro e dizer: quero ir para a infantaria ou quero ir para a engenharia.

I.F. - Mas um mau aluno geralmente não consegue chegar à artilharia.

A.M. - Um mau aluno, geralmente, quer escolher coisa que não dê muito trabalho, como a matemática. Porque a matemática nem sempre é bem ensinada no Brasil. Até hoje. Há, ainda hoje, no Brasil, menino que se forma no curso secundário e tem pavor de matemática. Eu vejo isso porque tive um filho, do primeiro casamento, que é arquiteto. Excelente arquiteto! E tenho, do segundo, seis. Todos bons alunos, mas, quando chega na matemática, eles baixam um pouco. Exceto um que tem uma cabeça privilegiada e quer estudar teatro.

A.C. - [Risos] Com tanta matemática!

A.M. - Minha filha, essa garotada de hoje é tão diferente da do meu tempo!... Procuo adaptar-me a eles, mas é difícil... Mas sou muito camarada deles. Eles me chamam de 'gorducho', me batem na barriga e vou deixando, porque acho que pai e filho devem ser, antes de tudo, amigos. E isso eles são: muito meus amigos e eu deles. Eles têm confiança em mim. Eu quero meu filho falando comigo claramente, e eu falo com eles também claramente.

L.H. - E seu pai? O senhor era amigo do seu pai?

A.M. - Era. Meu pai era um temperamento engraçado... Ao mesmo tempo que era de uma rigidez para certas coisas, era um homem formidável! Meu pai foi um dos homens melhores que conheci na vida. O maior coração que conheci. Ele era bem filho do velho dr. José Cândido da Silva Muricy. Era um homem extraordinário! Por exemplo, ele sentava na cabeceira da mesa. Era uma mesa grande: dez, 12 filhos e minha mãe ao lado dele. Logo começava uma algazarra, ele pegava um garfo e batia na mesa. Ficava um silêncio absoluto. Para mostrar um aspecto dele. Outro aspecto dele: acabávamos, ele dizia: "Vou contar coisas da revolução." Então ele contava suas histórias da Revolução de 93. Depois ele contava um outro episódio, o que ele fez uma vez em que foi à estrada estratégica de Foz do Iguaçu, quando encontrou um padre alemão e falaram em latim, porque ele não sabia alemão nem o padre sabia português. Então conversaram em latim. Essas coisas assim, que são muito engraçadas...

A.C. - Era bem a formação dele, não é?

A.M. - Ele redigia muito bem, era um escritor nato. Os livros dele são leves, esses dois livros, e ele tem mais uns dois. Ele era um homem interessantíssimo. Esse livro da viagem que ele fez, por exemplo, ele relatava essa viagem de uma maneira, que nós ficávamos presos a ele. Ele era um homem que nos reunia, ao mesmo tempo que usava de muita energia, possuía um grande coração. Por que grande coração? Dois fatos da vida dele

servem para exemplificar: um em 1930; outro em 1918. Ele foi reformado em 1918, com uma diminuição de compulsória, feita numa `cauda orçamentária'. Já ouviram falar o que é `cauda orçamentária'? Essa história do Brasil que vocês nunca ouviram. Antigamente era obrigatório terminar o ano com um orçamento. Os políticos iam apresentando projetos, que iam sendo encalhados. Então, eles não votavam o orçamento. Não votavam, não votavam... Na última sessão do ano, eles aceitavam votar o orçamento, desde que entrasse uma cauda com tudo aquilo que eles quiseram botar e que não foi aceito. Então saía o que se chama a `cauda orçamentária'. Meu pai era oficial da artilharia, dos mais antigos e já com uma certa idade.

L.H. - Qual era a patente dele?

A.M. - Ele era major. E com uma determinada idade. Chegou a hora da promoção, ele foi preterido, sob a alegação de que tinha muitos filhos. [Risos] São coisas do passado. Ele não foi promovido e, de repente, numa `cauda orçamentária' de dezembro de 1918, sai a redução da compulsória de dois anos. Havia esse problema de promoção, então reduziram a idade para a compulsória para dois anos. Ele estava exatamente na faixa e pôde se reformar. Essa lei saiu no dia 1^o de janeiro, no dia 8 de janeiro ele estava reformado, como tenente-coronel.

A.C. - Que idade ele tinha?

A.M. - Cinquenta e seis anos.

L.H. - O ministro, nessa época, era o Setembrino?

A.M. - Não me recordo mais se era o Setembrino ou se... Em 1918 não era o Setembrino.

A.C. - Como é que se dava o sistema de promoções, na época? Porque justamente uma das conseqüências da modernização do Exército, Missão Francesa...

A.M. - Agora deixe-me acabar isso aqui, depois conto essa estória. Meu pai, então, ficou numa situação financeira difícil e vendeu umas terras no Paraná. E vendeu uma terra muito bem. (Meu pai, andeiro como era, tinha comprado muitas terras em outros tempos.) Posteriormente foi convidado pelo Afonso Camargo, na Revolução de 30, para comandar a polícia no Paraná. Era comandante da polícia do Paraná, quando veio a Revolução de 30. E ele tinha chegado um dia na polícia, e o governo do estado do Paraná estava endividado de tal maneira que não pagava à polícia. Calmamente ele pegou seu dinheiro e pagou à polícia. Separou um pouquinho do dinheiro que recebera e pagou à polícia. Ficou com um título de dívidas do estado. Estourou a Revolução de 30, e os títulos não foram reconhecidos. Ele perdeu todo o dinheiro com que pagara à política. E através da vida, quando a gente dizia: "Ah, papai, aquele dinheiro?" Ele dizia: "Aquele dinheiro não. Aquele dinheiro matou a fome de muita gente! Aquele dinheiro foi muito bem-empregado! Aquele dinheiro, graças a Deus, eu pude dar!" Esse era meu pai. E nós estávamos numa situação financeira apertada em casa.

Mais tarde ele venceu a questão, essa lei da reforma era inconstitucional. Ele levou dez anos ou mais, brigando na Justiça, brigando, brigando... Aliás eu, já oficial, o ajudei, e ele acabou ganhando. Então ele teve uma melhora, porque ele foi a general. Ele tinha esse direito, aqueles cálculos todos, saiu general na reserva. Veio a Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 44. Ele começou a ficar doente, foi piorando, piorando, até que depois de vários meses de doença entrou em coma. Nós nos juntamos em torno dele, pois estávamos esperando sua morte de uma hora para outra. Nessa hora, estava minha mãe, estávamos nós, os filhos, noras, genros, netos... Ele saiu da coma, olhou, olhou e disse: "Eu sou um homem feliz. Estou morrendo cercado de todos os que me querem bem. Quantos infelizes estão morrendo nos campos da Europa sem terem uma mão amiga em que possam segurar." Entrou em coma e nunca mais saiu dela.

A.C. - Soldado até o fim, não é? Pensando nos campos de batalha...

A.M. - Isso era o meu pai.

L.H. - Com quantos anos ele morreu, general?

A.M. - Com oitenta. Ia fazer oitenta.

A.C. - Morreu de quê?

A.M. - Arteriosclerose e um aneurisma abdominal. Ele teve uma porção de coisas. Ele foi piorando. Era um homem com muita saúde, mas foi, foi... Ficou seis meses em cima de uma cama.

L.H. - E que lembranças o senhor tem de sua mãe?

A.M. - Minha mãe morreu há dois anos, com 94 anos. Minha mãe era a mais fraca dos irmãos. Foi a que durou mais.

L.H. - Enterrou todos?

A.M. - Todos. Houve uma ocasião em que meu pai estava numa cama, minha mãe na outra, e nós sem saber quem morria primeiro. Os dois escaparam. Minha mãe estava tão fraca que nós a pegávamos no colo como uma criança, para levá-la para a cadeira e descer as escadas. Minha mãe era uma criatura excepcional. Sou um homem, graças a Deus, que tive uns pais excepcionais. Minha mãe era uma grande conselheira. Todos os grandes problemas da família, podíamos conversar com ela. Ela ouvia e tinha uma palavra certa para dizer. Esses problemas que havia na família, de um que brigava... Ela dava opinião sensata para acabar, conciliar. Era de um equilíbrio! Uma coisa extraordinária. E, como em toda família, os problemas eram grandes. Em toda família existe alguém que é o tronco, que é o homem para quem se corre. Antigamente era o meu pai. Em seguida foi o José Pires. Hoje sou eu. Então, todos os problemas convergem. Meu pai e minha mãe estavam no meio da trovoadas, sempre com a palavra certa... Essa era a minha mãe. Frágil, muito frágil...

L.H. - Mas com uma força...

A.M. - Eu caçoava com ela: "Dona Yaya, a senhora é a única mulher que puxa orelha de general, chefe do Estado-Maior... Pode puxar..." [risos] Era uma criatura formidável. Morreu. Esteve um ano morrendo. Eu tive pais excepcionais. Como também Deus me deu duas esposas excepcionais. Sou um homem absolutamente feliz e realizado na minha família, na minha casa. Então eu digo assim: "Só tenho que agradecer a Deus." Deus tem sido muito bom comigo. Isso tudo é uma digressão.

L.H. - Mas uma digressão importante.

A.C. - Eu queria saber sobre seu pai porque, de uma certa forma, pelo que o senhor disse hoje, a carreira dele, o final de carreira...

A.M. - Foi cortada.

A.C. - E não sei se seria por essa razão, mas, na época - esse período, justamente, pouco modernizado do Exército - as promoções eram muito políticas, às vezes. Por proteção... Teria sido por isso que [inaudível]

A.M. - Em grande parte. Ele levou duas caronas que ele lamentava muito.

A.C. - Não havia critério de merecimento?

A.M. - Havia um falso merecimento. Ele levou duas caronas e viveu sempre magoado. Uma foi do Leite de Castro. Outra do Ribeiro da Costa. Não, Ribeiro da Costa era muito amigo dele. Foi Azevedo Costa. Ele foi preterido nas promoções de major para tenente-coronel, e daí ter sido atingido pela compulsória, com a redução de dois anos.

A.C. - Como é que isso se dava?

A.M. - Naquele tempo eu era menino, de maneira que não tenho dados positivos. Mas havia muita promoção a pedido. No tempo do marechal Hermes, eu era menino. Mas a gente ouve. Quem queria ser promovido procurava o Pinheiro Machado. E saía promovido na certa.

A.C. - Não havia essas escolas, esses cursos?

A.M. - Não. O indivíduo chegava num posto, tinha um prazo mínimo de permanência, daí em diante podia ser promovido. Só começou a haver limitação de uns anos para cá. E cada vez tirando mais do arbítrio do presidente. Essa foi uma preocupação minha também, mais tarde, quando já tinha voz no conselho dos generais. Lutei muito para diminuir o arbítrio. Primeiro dos generais e dos ministros e depois do presidente. Daí a criação do Alto Comando e da função de seleção do Alto Comando. Hoje, a Comissão de Promoções tem uma faixa, escolhe, manda para o Alto Comando.

[FINAL DA FITA 2-B]

A.M. - O Alto Comando separa e escolhe. Depois vai para o ministro, para o presidente, uma faixa: três para escolher um. Antigamente ele tinha cinquenta para escolher um.

L.H. - É, o arbítrio diminuiu bastante. Para as promoções havia muito pistolão, muito apadrinhamento. E para as transferências?

A.M. - Também.

L.H. - Os desafetos, geralmente...

A.M. - Isso ainda hoje existe um pouco. Fui chefe do Departamento de Pessoal e fui muito rígido para certas coisas e muito aberto para outras. Eu procurava ser principalmente equânime, procurava dar a quem merecia e a quem precisava.

I.F. - O Departamento de Pessoal é que regula as transferências?

A.M. - Dois anos e oito meses gerindo o pessoal do Exército, e com alguns exemplos, inclusive. Eu aprendi com o general Canrobert. Do Canrobert vou contar histórias excepcionais. Foi um dos grandes mestres da minha vida. Tive grandes professores, grandes orientadores. Eu me fiz porque tive bons chefes. Foi um dos pontos por que lutei, quando foi minha vez de dirigir, a escolha dos comandos para os aspirantes que terminam a escola. Quando terminávamos a Escola Militar, íamos para unidades em que tudo era errado. Então saía um mau oficial, porque não tinha tido orientação. Outros, como eu, foram para unidades excepcionais. Tive chefes que foram realmente guias, instrutores, principalmente nos formaram moralmente. Tive, então, sorte na vida. Sou um homem que agradeço a Deus, todos os dias, a vida que me deu. Todos os dias! Tive muito embate, a minha vida é cheia de lutas. Graças a Deus pude chegar ao fim da vida com um único arrependimento: o problema de Pernambuco. O resto não foi bem, mas estou satisfeito com o que fiz.

L.H. - O senhor, então, saiu aspirante em 1925, da Escola Militar? Quer dizer, nesse ano temos a campanha eleitoral e a eleição do presidente Washington Luís, e em 26 a passagem de governo.

A.M. - Do Washington Luís não, ainda era Bernardes.

L.H. - Sim, era Bernardes ainda.

A.M. - Aí estamos justamente ainda no período Bernardes. Quando saí oficial, o Bernardes ainda era presidente. O Bernardes viveu em estado de sítio permanente. Nós vivíamos em prontidão.

L.H. - Como é que esse estado de sítio do governo Bernardes afetava a escola?

A.M. - Nessa ocasião, havia já a efervescência que tinha começado em 1922 e que foi até 1930. Esse período era um período de conspirações, nisso eu sou e era mestre... eu e vários amigos. Aliás, o meu irmão Gilberto, esse que morreu, que estava no Paraná, esteve várias

vezes com o Juarez, se não me engano com o Cordeiro, com o Seroa da Mota, com um outro lá. Escondia-os num sitiozinho da família e procurava dar-lhes apoio.

Então, esse era um período em que a ação policial era muito forte, muito violenta mesmo. Há, por exemplo, o episódio do suicídio do Niemeyer, que era um grande comerciante, Boreido Maia de Niemeyer. Uns dizem que ele foi jogado, outros que se atirou da janela da polícia, na rua da Relação. Ele morreu e isso causou um impacto muito grande. O problema conspiratório era intenso. Meu irmão Gilberto, por exemplo, estava no Rio de Janeiro, quando veio a notícia de que ele e outros seriam presos. Então, meu pai despachou-o para o Paraná, onde ele ficou até morrer. Foi por isso, para não ser preso.

Havia prisões sem razão, outras com razão, porque havia conspiração. Havia, principalmente, uma aproximação grande entre os oficiais revolucionários de 22 e de 24, com a oficialidade dos diferentes quartéis. Quando cheguei, por exemplo, no 1º. Regimento de Artilharia, estavam presos lá três oficiais revolucionários: Roberto Carneiro de Mendonça, que depois foi interventor no Ceará, muito meu amigo; o Olindo Denys, irmão do marechal; um outro de cavalaria, cujo nome não me recordo; e o coronel Valdomiro Castiho de Lima. Aliás, era interessante que o comandante do regimento era um homem de uma austeridade louca, o coronel José Apolônio da Fontoura Rodrigues, e quando o Valdomiro queria ir ao dentista, saíam os dois a cavalo, do quartel, iam ao dentista e depois voltavam escoltados.

A.C. - Eu queria que o senhor dissesse isso para gravar, a sua grande sorte...

A.M. - A minha grande sorte foi ver o Brasil se transformar na minha frente. Aliás, sorte da minha geração. A geração do começo do século teve essa ventura: ver o Brasil se transformar à nossa frente. Eu disse isso numa das minhas palestras, se não me engano, no meu discurso de despedida do Estado-Maior do Exército. Vou ler a minha despedida do Estado-Maior para verem que sempre pensei isso mesmo: "A minha geração, a sofrida geração do início deste século, viveu e vive a fase talvez mais grandiosa de nossa história como país independente. Fase tão intensamente repleta de transformações, de choques, de conflitos ideológicos e - consequência do vertiginoso desenvolvimento tecnológico - de mudanças de mentalidade e dos próprios valores morais e espirituais, que chegam a serem esquecidos, em benefício de um materialismo que amesquinha o homem, que não nos foi possível ter descanso, a não ser em prazos sempre muito curtos. Mas, apesar de todas essas dificuldades, e talvez por isso mesmo, tenho orgulho de ter estado presente a tudo isso, e de pertencer a essa geração.

Assistimos e vivemos duas grandes guerras. E pudemos, na segunda, desempenhar papel de real destaque, cooperando - isso aí é o Brasil, não sou eu, pessoalmente - com o esforço e o sangue de bons brasileiros, para o combate à ditadura nazi-fascista e para o fortalecimento da democracia em nosso tempo.

Assistimos e vivemos os vários movimentos que levaram o Brasil à melhora das condições sociais e políticas. Assistimos e vivemos a sanha sanguinária do comunismo internacional, ateu e materialista, em sua tentativa solerte, que ainda perdura, de escravizar o povo brasileiro, e a magnífica reação deste mesmo povo. Assistimos e vivemos a gloriosa e sólida transformação de nossa terra, que de país essencialmente agrícola e de economia apoiada na monocultura do café, no começo do século, se transformou em país em plena

expansão industrial e agrícola, o que já o situa entre um dos grandes desse continente, e o situará, em poucos anos, entre os grandes do mundo.

Assistimos e vivemos a passagem do Brasil, completamente desconhecido de seus filhos, pela inexistência de dados e pela falta completa de meios de informação, e onde um Alberto Torres se fazia exceção, para um Brasil em que a maioria de seus filhos acompanha atenta os acontecimentos; discute com maior ou menor conhecimento de causa os seus problemas gerais e regionais, procura cooperar para o progresso.

Assistimos e vivemos uma terra imensa, e em grande parte desconectada, com verdadeiras ilhas isoladas, onde era mais fácil ao nortista e ao nordestino ir à Europa do que à capital do país, transformar-se numa grande pátria, em via total de completa integração.

Assistimos e vivemos o descaso pelo homem brasileiro, o seu abandono à própria sorte; e o apoio que hoje, cada vez mais, recebe, fazendo renascer esquecidas esperanças. Assistimos e vivemos períodos difíceis como a ditadura, o falso desenvolvimentismo, o caos e a anarquia do início da década de 60. E também períodos magníficos, como o que teve início em 31 de março de 1964, quando partimos verdadeiramente para o nosso futuro.

Assistimos e vivemos, dia a dia, a revolução democrática brasileira e pudemos ver os primeiros frutos das sementes plantadas no governo austero de Castelo Branco e no governo humano de Costa e Silva. Apreciamos agora a consolidação etc etc."

Então, isso é que é a verdade. A nossa geração viveu... O Brasil se transformou. Eu conto, aí adiante, numa palestra. Na minha casa, em Curitiba, tomava-se água mineral de Vichy. O Brasil não explorava água mineral. Quanta riqueza está aí. Na minha casa, em Curitiba, a manteiga era manteiga Demagni, vinda da França. Fazenda, era casimira inglesa. No Brasil fabricava-se chita, que era fazenda popular. As coisas bonitas, meu avô comprava em Buenos Aires e trazia para minha mãe.

Esse era o Brasil que conheci menino. Hoje é completamente... Quando eu era criança, havia uma usina de aço, a Usina Esperança - em Itabira do Campo - que produzia trinta mil toneladas. Era a usina da família Queirós, da Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça. Hoje o Brasil produz 15 milhões de toneladas.

Energia? Eu ainda peguei o bonde de burro, em Curitiba e em algumas ruas do Rio de Janeiro. Menino, quando vim aqui pela primeira vez, em 1909. Então, esse Brasil é outro.

A.C. - O mundo é outro.

A.M. - O mundo é outro, mas o Brasil, que é o que me interessa diretamente, é outro. O oeste do Paraná era floresta. O Paraná ia até Ponta Grossa, quando muito até a clareira de Guarapuava. O oeste e o norte paranaense surgiram de 30 para cá. A cidade de Londrina eu vi nascer.

A.C. - O senhor falou há pouco de Alberto Torres. O senhor leu Alberto Torres naquela época?

A.M. - Li sim senhora.

A.C. - O senhor podia falar um pouco dessa leitura, de que maneira lhe marcou, ela marcou muito os militares, não?

A.M. - Ah, muito! O que acontece é que, pela formação, o militar tende a se voltar para os problemas brasileiros. E, naturalmente, tem a curiosidade de saber o que é o Brasil. A geografia do Brasil é muito deficitária. A própria história é muito deficitária. Houve um homem que considero extraordinário, chamado Fernando de Azevedo. Ele fez uma coleção que se chama Brasiliana. A coleção Brasiliana foi a coisa mais extraordinária que já houve no Brasil, para dar conhecimento aos brasileiros do que era o Brasil. Eu era um devorador... cada volume que saía eu comprava. Um dos primeiros a sair foi o Alberto Torres. Um outro que saiu logo foi Evolução do povo brasileiro, do Oliveira Vianna. Esses dois livros foram meus livros de cabeceira, durante muito tempo. Aliás, foram dois de Alberto Torres. O primeiro pugnando pela transformação no Brasil. Aquilo calou na minha alma de tenente. Daí comecei a pensar nos problemas brasileiros.

Eu acompanhei toda a pregação de Laborian para a implantação de siderurgia no Brasil. Estive ao lado de Edmundo Macedo Soares, quando ele lutou e conseguiu, junto ao Getúlio, já durante a guerra, a implantação de Volta Redonda. Eu era capitão, peguei um pouco do meu dinheirinho de capitão para comprar ações de Volta Redonda, para ajudar Volta Redonda, pois nunca esperei retorno de Volta Redonda.

Vou contar algo bem significativo. Eu ia de férias, do Rio para o Paraná, de duas formas: ou pegava o navio, dormia a bordo, chegava em Santos e no outro dia ia a Paranaguá, pegava o trem às duas da tarde, para chegar às seis e meia em Curitiba; ou então eu pegava o trem aqui, o noturno, ou o diurno, ia para São Paulo, de São Paulo pegava o trem São Paulo-Rio Grande, viajava 28 horas para chegar às sete da noite em Curitiba. Isso era como se ia. Por terra não se ia ao Paraná. Quem não viveu isso não sente o que foi o Brasil.

A.C. - Essas leituras que o senhor fez, Oliveira Vianna, Alberto Torres, lhe deram consciência dos problemas nacionais e vontade de reagir?

A.M. - E a vontade de lutar pelo Brasil. A mim e à minha geração. Todo o pessoal da minha geração que tinha consciência, começou a estudar os problemas brasileiros nessa época. A década de 20 foi uma época de transformação do Brasil, da mentalidade do jovem brasileiro, em luta pelo Brasil. Foi aí que sentimos que estávamos atrasados, que precisávamos produzir de qualquer maneira. E não era só atrasado politicamente, era econômica e socialmente.

A.C. - Quer dizer, a literatura da época é muito isso. A consciência do atraso.

A.M. - Basta ler o que está na Brasiliana. Acho o trabalho de Fernando de Azevedo a coisa mais importante que houve no início deste século. Muito mais importante do que muita coisa que se diz aí. Porque esse trabalho deu ao brasileiro a consciência do Brasil. Deu aos jovens que nós éramos a vontade de lutar por um Brasil melhor; de nos sacrificar para fazer o Brasil ser o Brasil.

A.C. - A coleção Brasiliana começa em 30, não é?

A.M. - Antes.

A.C. - Os livros são de antes, mas a coleção é de 30.

A.M. - O Oliveira Vianna é 22, feito para o centenário.

A.C. - Ele é republicado na Brasiliiana.

A.M. - Republicado. O Alberto Torres foi 1917, 1918.

A.C. - O senhor leu na Brasiliiana?

A.M. - Li uma parte na Brasiliiana e tinha lido antes. Por exemplo, o Oliveira Viana li na Coleção do Centenário, e depois comprei na Brasiliiana, quando saiu. No período de tenente, no 1º de Artilharia, que era um grupo de tenentes para valer. Foi uma grande escola, éramos principalmente voltados para os problemas da artilharia, éramos tenentes ardorosos, voltados para os problemas brasileiros.

A.C. - O senhor levantou um problema muito interessante: havia esse protesto político dos militares etc e, por baixo do pano, um protesto que era muito sólido, o protesto das idéias.

A.M. - Há pouco tempo, a Faculdade Cândido Mendes resolveu fazer uma série de programas de palestras. E fui convidado para fazer uma palestra. Lá estava cheio de garotos, e eu comecei dizendo: "O período de 1920 a 1964 tem que ser encarado de uma forma diferente do que se coloca". Porque esse é um período em que havia um problema político. E que, como problema político, levava à formação de grupos com interesses políticos, mas sem ódio. Porque havia um problema ideológico, que levou ao comunismo, e a 35, a 37, e foi bater na Revolução de 64. Esse problema ideológico interferia de tal maneira, mas tão misturado com o político, que muita gente não percebia as nuances entre o que era político e o que era... Esse foi um dos motivos que me levou a fazer a série de conferências lá de Natal, que eu chamo de 'A guerra revolucionária e o papel decisivo dos civis'. Para mostrar que realmente é preciso, dentro do emaranhado de coisas políticas, ver o que é ideológico e o que é puramente político. Naquela ocasião havia muita coisa política que sempre houve no Brasil. Havia lutas políticas, havia a guerra do 'café com leite', Minas com o Rio Grande, a luta pelo poder. Havia a luta ideológica. E havia a luta pela unidade do Brasil, feita por um grupo de homens de grande espírito, entre eles Calógeras. Essa unidade é uma das coisas mais importantes. O brasileiro não conhece o Brasil enquanto não ler a Formação histórica do Brasil, de Calógeras. Calógeras é um marco porque é sintético, ou melhor, é de uma precisão extraordinária. Nós temos obras imensas: o Rocha Pombo tem uma porção de livros; o Calmon tem uma porção de livros. Eu li muita história, muita geografia, como já disse gosto desses assuntos. Mas quem realmente... Há um outro também que foi sintético. Fez um livro secundário, mas que é uma beleza, sobre história do Brasil, o...

A.C. - Não é o Roberto Simonsen?

A.M. - Não, esse aí escreveu sobre história econômica. O Simonsen eu conheci porque era muito amigo do José Pires. O Roberto Simonsen escreveu sobre a história econômica do Brasil. Daqui a pouco eu me lembro. A memória de vez em quando falha, apesar de ser

boa. Esse período deu a nós, jovens naquela ocasião, curiosidade para conhecer o Brasil. Nós não o conhecíamos, e o Brasil não se conhecia.

A.C. - O senhor acha que foi uma consciência da nacionalidade? Que Calógeras dá muito, também.

A.M. - Não, olha: 1930 é consequência de um descobrimento do Brasil.

A.C. - O descobrimento veio antes, não é?

A.M. - O descobrimento do Brasil pelos brasileiros. O descobrimento do Brasil pelos brasileiros gerou a Revolução de 30.

L.H. - De certa forma, o fato de a Escola Militar ter muitos alunos que vinham do Nordeste, que vinham do Sul, que vinham de várias partes, quer dizer, essas conversas que o senhor disse que havia na escola...

A.M. - Mais do que isso: a vida.

L.H. - ...Não dava a vocês uma sensação exata da ignorância a respeito do Brasil?

A.M. - Nós não sabíamos nada. Sentíamos que não sabíamos nada. Agora, sou um homem feliz, inclusive na minha carreira. Porque sou um homem que vivi, servi no rio, Paraná, Rio Grande e Nordeste. Conheço praticamente todo o Brasil. Senti o povo brasileiro, todas as áreas, e pude, portanto, lutar com conhecimento de causa em muitas coisas que fiz e cooperar com outros companheiros, porque eu conhecia o Brasil. Tenho essa grande felicidade. Só não conheço, por paradoxal que seja, um estado do Brasil: o Acre. Conheço todos os territórios: Rondônia, Roraima, Amapá, Fernando de Noronha. Estive em Porto Velho, estive em Guajará-Mirim e não fui ao Acre. Até hoje me arrependo disso.

L.H. - De certa forma, a vida militar ajuda muito esse tipo de coisa, porque...

A.M. - Principalmente quando a gente exerce certas funções. Porque há militares que ficam muito isolados... Mas tive a sorte de servir, e quando digo servir, é servir integrando-me. Sempre me integrei ao meio onde eu estava. Acho que a pior coisa é um indivíduo isolado. A minha mulher também, nesse particular, se integrou completamente.

A.C. - General, apesar das limitações da época, como o senhor diz ninguém conhecia nada, o Exército talvez fosse a única rede que cobria o território.

A.M. - E era. Quando não conhecia diretamente, conhecia através dos companheiros. Então realmente o Exército é aquilo que muita gente não entende: um fator de integração nacional.

O general Lira tem uma palestra, e há conferências. Eu mesmo fiz alguma coisa e trouxe aí. Fiz uma palestra na Escola Superior de Guerra sobre a política do Exército face à conjuntura, que estou trazendo aí. Mas tudo isso mostra que o Exército realmente é um fator de integração, porque nós perdemos um pouco a noção da origem. Sou paranaense e

tenho mais ligações no Nordeste do que no Paraná. Tenho ligações no Rio Grande do Sul, que estou perdendo. A minha ligação com o Rio de Janeiro é imensa. Conheço gente lá em Mato Grosso. O pessoal às vezes se espanta, porque eu conheço A, conheço B, conheço C, lá da Amazônia, do Rio Grande. Conheço porque a vida me levou a conhecer.

A.C. - Quer dizer, comandar uma unidade é se infiltrar um pouco, penetrar naquele mundo.

A.M. - Principalmente viver aquele mundo. Eu vivi, principalmente, duas áreas: o Rio de Janeiro e o Nordeste. Tenho seis anos de vida no Nordeste e uma porção de anos de ligação com o Nordeste. Só fui conhecer o Nordeste como coronel, por causa do casamento com a minha segunda mulher.

A.C. - Ela é nordestina?

A.M. - Ela é pernambucana. A minha primeira mulher era carioca. Era minha parenta. E a segunda é nordestina. Depois eu conto a estória do meu casamento.

L.H. - Esse descobrimento do Brasil, essa idéia de conhecer o Brasil me remete de volta à década de 20...

A.M. - Foi na minha vida de tenente, que eu conheci.

L.H. - Isso me remete um pouco à Coluna Prestes.

A.M. - Acompanhei a Coluna Prestes, mas não tive nenhuma ação nos movimentos revolucionários até 30.

L.H. - Como é que o senhor acompanhou?

A.M. - Acompanhava por uma razão: o meu irmão Gilberto, que era ex-aluno, tinha ido para o Paraná para fugir, e lá ele estava em ligação com todos os que, no Paraná, preparavam a revolução. Ele levou o Juarez e vários outros para a sua fazenda. Então, mais ou menos, sabíamos das coisas. Ao mesmo tempo, tínhamos uma porção de amigos no meio do pessoal revolucionário. Como eu disse, no meu quartel havia vários presos, dos quais eu me fiz amigo íntimo. Principalmente do Olindo Denys e do Roberto Carneiro de Mendonça. Tínhamos uma porção de amigos. Então, dessa maneira, fomos adquirindo uma tendência, sentíamos a necessidade de mudar o Brasil. Nós sentíamos que o Brasil não poderia continuar com aquela política.

Vou relembrar um fato que presenciei. Eu, menino, vi, no Paraná e depois no Rio de Janeiro, o que eram as eleições. A eleição de bico de pena era a coisa mais simples do mundo. Levava-se o eleitorado para uma mesa, cada um ia lá, tomava café, ganhava um sapato e ia embora. A ata era feita a posteriori. Então, elegia-se quem queria. Os chefes eleitorais diziam: "Fulano é que é o eleito". E era eleito. A fraude, ou a burla eleitoral, era tranqüila, em todo o Brasil.

Outra coisa que havia era a predominância do 'café com leite' sobre o resto do Brasil. Nós todos tínhamos a sensação de que era preciso mudar. Havia uma consciência da

necessidade de mudar, que empolgava não só a nós, tenentes e capitães, mas a todos. E eu, na Revolução de 30 fui contrariado... Mas isso é outro episódio. A vida é engraçada.

A.C. - Poderia contar um pouco as suas conversas com o Carneiro de Mendonça e essas pessoas que estavam presas? Eram relações cordiais que o senhor tinha com elas, não eram?

A.M. - Muito!

A.C. - E eles passavam, transmitiam... a insatisfação deles?

A.M. - Eles transmitiam aquela insatisfação do ambiente, que também sentíamos. A grande massa do Exército pensava da mesma maneira que os revolucionários. E nós torcíamos! Quando Prestes estava fazendo a Coluna, nós torcíamos para o Prestes! Quando saíam atrás dele nós estávamos torcendo. Quando o Juarez foi preso, lá no Piauí, perto de Teresina, ficamos com pena. Naquela ocasião eu não conhecia ainda o Juarez, vim a conhecê-lo e ser amigo dele mais tarde.

L.H. - Mas já eram figuras...

A.M. - Já... O Prestes era endeusado. Eu me dava com vários oficiais que tinham um encanto pelo Prestes! Nessa ocasião vim a conhecer o Filinto, que tinha estado exilado na Argentina, tinha voltado e estava morando com um cunhado dele, na Vila Militar. Então, muitas vezes - ele, sem função, ainda respondendo a processo, e tudo isso - nós conversávamos. Mas nossa conversa era sobre problemas militares, problemas amenos e também problemas brasileiros. Mas todos nós comungávamos a mesma necessidade de mudar. Éramos contra Bernardes.

I.F. - O senhor, então, confirma uma idéia que nos transmitem de que a Coluna Prestes não teve muita dificuldade com as forças legalistas, os militares, porque eles, na verdade, não tinham muita ânsia de lutar contra, porque...

A.M. - Os militares? Alguns companheiros meus que foram mandados combater...

I.F. - No íntimo, no íntimo, seus companheiros torciam por eles.

A.M. - ... No fundo, no fundo, eles não tinham muito desejo do combate, embora tivessem combatido.

[FINAL DA FITA 3-A]

A.M. - Foi como aconteceu comigo, na Revolução de 30; embora o coração mandasse para um lado, eu fiquei com o outro lado. Existem circunstâncias, porque depois vou mostrar, que obrigam o homem...

L.H. - Claro, a estar de um lado, querendo ficar do outro.

A.M. - Mas o coração tem que ficar de um lado. Então, nisso aí está certo. Agora, o que houve de verdade, é que havia uma consciência nacional, que não era só dos militares. Havia o descobrimento do Brasil pelos brasileiros. Estava-se dando nessa época. Este é que é o aspecto fundamental da Revolução de 30.

A.C. - E há um aspecto, que me parece muito curioso e importante, é que essa turma da escola, essas três turmas que foram expulsas, elas se espalharam pelo país transmitindo essa insatisfação.

A.M. - Exatamente. Eles de certa forma desejavam a revolução, e grande número deles veio com a revolução. Eles sabiam que a revolução os traria de volta ao convívio das Forças Armadas, do Exército. Então, eles todos eram mais ou menos ligados à conspiração revolucionária.

A.C. - E disseminaram, também, pelo meio em que eles viviam, essa insatisfação.

A.M. - Ah, não tenha dúvida!

L.H. - Então, de certa forma, o fato de Washington Luís não ter concedido anistia a esses revoltosos engrossou mais ainda as fileiras dos descontentes?

A.M. - Naturalmente. O Washington Luís era um homem... Eu era tenente. Portanto havia uma distância. O meu observatório era pequenininho, não posso dar uma opinião segura. Mas ele era um homem que tinha uma formação rígida. E quando o indivíduo tem uma formação rígida, se enquista numas tantas idéias e não as abandona mais. Seu pensamento está deformado e influi nos que o cercam. Então ele não foi como o Bernardes, não agiu psicologicamente. Com Bernardes, por exemplo, nós todos vivíamos loucos porque ficávamos de prontidão. A gente passava cinco, seis dias de prontidão.

L.H. - Como era essa prontidão? Era na escola? Ou...

A.M. - No quartel. A gente ficava preso, no quartel, cinco, seis dias. Quando chegava em casa chamavam para prontidão de novo. Eu passei, no tempo do Bernardes, uns cem dias de prontidão. Era uma loucura!

L.H. - Aparentemente, houve um certo alívio, quando houve a passagem de governo, não é? Porque acabou o estado de sítio... Havia alguma esperança?

A.M. - Bernardes tinha qualidades, mas era político e, também, se cercou mal psicologicamente. Então sua atuação não facilitou a harmonização do povo brasileiro. Ele era um homem que tinha qualidades. Hoje, que estou longe dos fatos, vejo o Artur Bernardes com outros olhos, com a experiência. Naquele meu tempo de tenente, eu achava que estava tudo errado. Hoje vejo que não era assim. A gente vai compreendendo melhor a vida. Mas o Bernardes criou, pela forma, pela ação policial e pelas prisões, aquele ambiente que se formava...

L.H. - De hostilidade mesmo?

A.M. - E havia conspiração. Aquela vontade de derrubá-lo. Existia. Existia. Mas isso não chegou a se concretizar nos grandes centros, a não ser em 30. E em 30, o meu observatório era o Rio de Janeiro, quando toda a revolução foi preparada para a periferia, no Nordeste e no Sul. Então aí é outro aspecto, sobre o qual não posso dar uma opinião segura. Não fiz parte. Sei por ouvir dizer.

L.H. - Mas na passagem de governo do Bernardes para o Washington Luís, o seu observatório ainda era o Rio de Janeiro? O senhor sentiu na população, nas pessoas, nos seus amigos, algum alívio, alguma esperança?

A.M. - Não posso responder porque posso falsear. Eu não tinha ainda observatório para tanto. E qualquer coisa que eu diga será uma inverdade.

A.C. - Em que ano o senhor saiu da escola?

A.M. - Dezembro de 25.

L.H. - Quem era a turma que se formou com o senhor na artilharia?

A.M. - Em artilharia o primeiro da turma foi o Orlando Geisel, eu, o Orlando Rangel, o Henrique Geisel, João Manuel...

A.C. - Henrique Geisel? É irmão também?

A.M. - Também. Morreu há um tempo atrás. Os Geisel é uma outra conversa. Com os Geisel tenho muita intimidade. Eu costumava dizer: "Meteu a mão num saco, tirou. É Geisel, é bom." [risos]. Mais o João Manuel Lebrão; o Afonso Emílio Sarmiento, o Poty de Albuquerque Souto Maior, o Dario Coelho, o José Fernandes, o Ivã Pires Ferreira. Desses aí, chegaram a general o Naom, o Orlando, eu na ativa, - o Dario Coelho... Quando tiver o arquivo, pego rapidamente. Eu tenho a relação.

L.H. - Esses todos eram artilheiros?

A.M. - Todos. Na infantaria, por exemplo, o Oscar Passos, que foi presidente do MDB, quer dizer, do PSD. Senador, como nós chamamos. O Quintelinha, o João Gualberto Gomes de Sá. Na cavalaria tinha o José Horácio da Cunha Garcia. O irmão dele é que depois me escreveu uma carta.

A.C. - O irmão dele quem é? O senhor disse que um ficou de um lado e outro ficou de outro. Esse José Horácio ficou do seu lado.

A.M. - É. Depois eu me lembro do outro. Procuro não forçar senão é pior. Na engenharia tinha o Lira, o José Luís Betâmio Guimarães, o Homero de Abreu que morreu cedo.

A.C. - Os que chegaram a general são poucos? É uma filtragem terrível, não é?

A.M. - É uma filtragem... é um funilzinho.

I.F. - Voltando a essa questão de promoções, o senhor falou sobre rabanetes e picolés. Pelo que percebi, na realidade, essa luta entre rabanetes e picolés foi apenas para defender os postos a que tinham direito, porque, ideologicamente, vocês torciam pelos outros.

A.M. - O problema entre picolés e rabanetes foi apenas um problema de colocação dentro da vida militar, da carreira militar. Mesmo porque tenho vários amigos íntimos...

I.F. - Não foi uma disputa ferrenha, foi defesa mesmo da carreira militar.

A.M. - Não foi uma disputa pessoal, foi uma disputa absolutamente impessoal. Eu tenho alguns conhecidos que até hoje são meus amigos e são picolés.

I.F. - Como o senhor disse, estavam em jogo seis anos, pelo menos, de carreira?

A.M. - Exato.

I.F. - Havia muito interesse mesmo, nessa conciliação.

A.M. - Porque o problema ficou difícil. O governo tinha que encontrar uma solução. Para forçar isso nós fizemos esse documento. O governo acabou anulando a punição. Foi o Leite de Castro.

L.H. - É por isso que está riscada? Eu estava curiosa para saber por que na caderneta essa punição está riscada. Então o governo anulou?

A.M. - Anulou. Está aqui escrito: "Punição cancelada..." Isso aqui fui eu que botei. Mas, na realidade, isso aqui devia ser cancelado completamente. Mas como isso já tinha sido substituído, deixei assim para se ver, e botei aqui: "Punição cancelada pelo aviso 745, de 23.12.32." Então, por isso é que deixei assim. Para poder ficar. Senão ficava uma borração...

A.C. - O senhor pensou muito na história, não é?

A.M. - Acho que a gente vive para a família, para os filhos. Então eu queria que amanhã eles soubessem que houve isso. Isso aqui é um papel, não me atrapalhou na vida.

L.H. - É, mas eu estava muito curiosa para saber por que estava todo cortado. [Risos]

A.M. - Agora vamos fazer o seguinte: vamos falar um pouco sobre o 1º. Regimento de Artilharia.

L.H. - Era exatamente aí que eu queria entrar. O senhor escolheu ir para o 1º. Regimento de Artilharia ou foi designado?

A.M. - A mesma coisa. O sistema no Exército é muito sábio. O oficial faz curso e é colocado por ordem de classificação intelectual, daí decorrem certas coisas: escolha de armas, classificação ao terminar a escola, e assim por diante. Quando terminamos a Escola Militar, recebemos uma relação, especificando as vagas para aspirantes em tais e tais unidades: aqui há uma, aqui há duas, aqui há três, aqui há quatro. Então, eu era o segundo da turma e escolhi o 1º. Regimento de Artilharia Montada.

L.H. - Por que o senhor escolheu essa unidade?

A.M. - Eu digo isso numa palestra. Fiz um artigo uma vez para Letras em marcha: 'O meu 1º. RAM', que foi a minha grande escola. Por que escolhi? Por uma razão muito simples: sentimentalismo. De um lado, sentimentalismo; de outro, vontade de ficar no Rio. Eu estava namorando a minha primeira mulher, que era carioca, tinha terminado a Escola Normal e era professora. Trabalhava no Instituto Lafayette. Depois é que ela foi nomeada para a prefeitura. Antigamente levava-se muito tempo para ser nomeado. E meu pai tinha sido do 1º. de Artilharia. Lá é que ele foi atingido pela compulsória, em 1918. Ele serviu no 1º. de Artilharia. Então eu quis servir no 1º. de Artilharia onde meu pai tinha servido e quis servir no 1º. de Artilharia porque estava no Rio. Minha namorada, quase noiva, morava no Rio. Então não me interessava ir para fora. Ainda me perguntaram: "Você não vai para o Paraná?" Eu disse: "Não, eu não vou." Meu irmão, como eu fiquei no Rio - éramos companheiros desde meninos, um ao lado do outro - ficou no Rio também. Mais dois companheiros também ficaram: o Gabriel Rafael da Fonseca e o Antônio Alves Cabral, que depois foi para a aviação e foi até brigadeiro na Aeronáutica. Então escolhemos ficar. Essa é a razão por que fiquei.

L.H. - O que é artilharia montada?

A.M. - Naquele tempo havia diversos tipos de artilharia. Havia dois grandes grupos: artilharia de costa e artilharia de campanha. Artilharia de costa, os fortes e artilharia de campanha constituída de unidades de diversos tipos. Havia as unidades montadas, tracionadas a cavalo. Os canhões eram três parelhas, guia, média e tronco; um soldado montado pegando um cavalo de mão; e o carro de munição de duas parelhas. Os serventes, que são os homens que usam o canhão, sentavam nas viaturas e nelas iam transportados. Essa é a artilharia montada. O material de reconhecimento era transportado em pequenas carroças, pequenas viaturas tracionadas a cavalo e ali levava-se tudo. A cozinha era à tração a cavalo ou a burro, e a gente ia para o campo levando a cozinha puxada e o material pesado, e assim ia tudo. Isso é a artilharia montada. Havia a artilharia a cavalo, que era sediada no Rio Grande do Sul e tinha uma unidade em Mato Grosso, que era a artilharia das divisões de cavalaria. Elas eram tracionadas por cavalos, e os serventes também iam a cavalo, atrás, para poder rapidamente deslocar... Essa a artilharia a cavalo.

Havia a artilharia de montanha, em que os canhões eram todos desmontados em fardos e transportados no lombo de burros. Quanto aos oficiais, sargentos e soldados, alguns iam a pé e outros montados em animais.

Havia a artilharia pesada, naquele tempo era o 105 e o 155. Esse é o chamado grupo de obuses, que havia em São Cristóvão, e que tinha baterias de 105 Krupp e 155 Schneider, da Primeira Guerra. Na artilharia de campanha havia então esses tipos.

Cada divisão de infantaria devia ter, pelo menos, dois regimentos de artilharia montada. Aqui na 1ª Região havia duas unidades de artilharia montada: o 1º de Artilharia Montada, que eu chamo de 1º RAM, é na Vila Militar; o 2º RAM é em Santa Cruz. Lá no buraco de Santa Cruz. O grupo da pesada era em São Cristóvão, ali perto da Quinta, onde hoje está um grupo de material antiaéreo. foi por isso que escolhi a artilharia montada.

A.C. - Qual o nome do regimento?

A.M. - 1º Regimento de Artilharia Montada.

L.H. - Quem comandava o regimento?

A.M. - Esse meu regimento, quando eu me formei, saí com meu irmão. Mas antes contarei o episódio da nossa chegada...

Quando chegamos ao regimento, ele era comandado por um oficial gaúcho. Fechado, feio fisicamente, e nós, tenentes irreverentes, o chamávamos de Jacaré. Era um homem de uma integridade absoluta. Chamava-se José Apolônio da Fontoura Rodrigues. Pai do general Joaquim Antônio Rodrigues. E tio de Fontoura Rodrigues que saiu agora general. O coronel Apolônio era um homem de uma integridade absoluta. Esse homem tinha uma força moral imensa. Um homem que não fez o curso de Estado-Maior, comandou a Escola de Aperfeiçoamento. Não fez a Escola de Estado-Maior por que achou que não devia ficar subordinado aos franceses.

L.H. - Questão de princípios.

A.M. - Era um homem respeitado no Exército, de uma energia a toda prova, grande matemático. A tal ponto que, quando chegávamos no quartel, ele chegava na nossa frente e dizia: "Qual é o problema de hoje, tenente?" Nós levávamos problemas de matemática, difíceis, para ele resolver. No dia seguinte ele trazia a resposta. E olha que nós éramos um grupo de tenentes que sabia matemática. Porque entre eles tinha o Ernesto Geisel, tinha o Antônio Henrique Almeida Morais, Antônio Carlos da Silva Muricy, o Antônio Ivanhoé Gonçalves Martins, tudo gente boa em matemática.

A.C. - O Ernesto estava lá também?

A.M. - Dois anos depois o Ernesto foi para lá. Era um homem que tinha coisas extraordinárias. Há episódios como este no 1º de Artilharia: o subcomandante, que naquele tempo se chamava fiscal, era outro homem extraordinário. Impetuoso, violento, grande cabeça: João Cândido Pereira de Castro Júnior. Ele aparece naquele movimento, ele foi reformado por causa do movimento depois da Revolução de 30, não me lembro mais qual, em que ele esteve envolvido e foi reformado. Era o chefe do material bélico. O João Cândido Pereira de Castro Júnior era um grande chefe, muito irônico, um homem de muita fibra. Um dia o capitão-tesoureiro vai falar com o fiscal, o Castro Júnior, e ele diz uma coisa, o Castro Júnior retruca. O capitão-tesoureiro vira-se para ele e diz: "Mas coronel, isso não é verdade!" Quando ele disse que não era verdade, o Castro Júnior reagiu: "Me

chamando de mentiroso!" A primeira coisa que ele viu foi um tinteiro, que jogou na cara dele.

O gabinete do Castro Júnior era ao lado do gabinete do Apolônio. O Apolônio ouviu, abriu a porta - aliás, era uma cortina separando - olhou e não disse uma palavra. Quando chegou a tarde, era formação militar, o ajudante preparava o boletim, onde são transcritas todas as ordens da unidade. Quem batia a máquina, quem dirigia, era o brigada Pereira, que era uma figura excepcional. (Depois contarei do brigada Pereira). O brigada Pereira chegou para o comandante e disse: "Comandante, tem alguma coisa a mais para o boletim?" O Apolônio respondeu: "Tem. Prendo, por 25 dias, o tenente-coronel João Cândido Pereira de Castro Júnior e, por dez dias, o capitão tal... enquadrado na lei tal." O Pereira levou um baque! Um coronel prendendo assim um tenente-coronel, que era o auxiliar imediato dele! Graças a esse episódio tirei uma lição que nunca mais esqueci. Esses dois homens romperam um com o outro. O Castro Júnior recorreu para as instâncias superiores. Teve reduzida a sua prisão. Não anulada, dos 25 dias passou para 15, e o tesoureiro, de 15 passou para 20, pois ele tinha provocado a questão. Mas dentro do quartel ninguém dizia que eles estavam brigados. Tratavam-se como dois chefes, com todo o respeito, com toda a circunspeção, sem traduzir no serviço a situação que eles tinham. Isso é uma coisa extraordinária! Isso é uma lição que a gente nunca mais esquece! Assunto de serviço é uma coisa, assunto pessoal é outra. Esses dois homens tiveram essa atitude. Nunca mais esqueci.

Tenho outro episódio para caracterizar o coronel Apolônio. Ele era um homem que tinha uma preocupação imensa com o que ele chamava os bens da Fazenda nacional. Se este microfone caísse e quebrasse, ele perguntaria: "Quem foi que derrubou?" Dizia-se: "Ah, não foi..." E ele: "Não, alguém derrubou." Retrucava-se: "Ah, porque..." E ele: "Vai pagar." E pagava mesmo. Há outros episódios. Eu saía de casa, eu era tenente, morava na Tijuca tinha de estar às seis horas da manhã na Vila Militar... Então fui morar no quartel. Saía às quartas e sábados. À tarde. Era quando eu podia namorar e depois noivar. Mas um dia, eu chego, tinha dado um pé de vento e a minha janela estilhaçada. Chamei o meu ordenança e disse: "Manda já comprar um vidro e bota no lugar." Dentro de pouco tempo, de acordo com o regulamento, deu um toque de comandante. Na primeira oportunidade os oficiais vão ao encontro do comandante e se apresentam. Deu o toque de comandante, e fui ao encontro do coronel Apolônio. Cheguei, me apresentei a ele: "Bom dia, coronel." Ele - um gauchão - disse: "Tenente, o senhor já viu a janela do seu quarto?" E eu: "Já, sim senhor, coronel. Já providenciei a substituição do vidro quebrado pelo vendaval." E ele: "Tenente, fez muito bem, senão eu ia fazer carga em boletim." E eu era, como se diz, um 'peixinho` dele, quer dizer, cupincha.

L.H. - Ele gostava muito do senhor?

A.M. - Gostava muito. Ele gostou muito dos tenentes que ele tinha lá, ele era muito bom. Ele gostava de nós, tenentes, e os capitães tinham um ciúme louco... porque ele vivia mais com os tenentes e traquejava os capitães. Então...

A.C. - Ele gostava por quê?

A.M. - Porque ele sentia que era uma oficialidade de vontade. Nós éramos tenentes que vivíamos dentro do quartel, trabalhando sem parar. Nessa ocasião, eu saía de casa com

estrelas e chegava em casa com estrelas no céu. Depois de casado eu via a minha mulher de noite, a não ser sábado e domingo. Sábado à tarde e domingo. Não tinha tempo para mais nada. Eu chegava no quartel às seis horas da manhã e saía às seis horas da tarde.

A.C. - E os capitães não eram a mesma coisa...

A.M. - Não, os capitães moravam também, trabalhavam, mas eram mais descansados. Os capitães eram bons, alguns excelentes, vou falar sobre alguns também. Porque tenho que mostrar o que era a escola em que me fiz tenente. Quero que sintam a importância de um jovem bem-enquadrado, como isso forma sua mentalidade.

L.H. - Como era a sua rotina diária no regimento?

A.M. - Era a seguinte: seis horas da manhã, alvorada. Seis e meia, rancho. Sete horas começava a instrução. Às 11 parava a instrução, era intervalo para o almoço. À uma hora da tarde começava a instrução de novo, ia até às quatro, cinco horas da tarde. Aí tocava ordem, enquanto não tocava ordem, que é o boletim etc., ninguém saía. Aguardávamos a saída de ordem. Havia ocasiões em que a ordem saía às sete, oito da noite. Ficávamos esperando a ordem.

Havia diversos tipos de instrução. Havia a instrução que dávamos aos soldados; havia a instrução nossa de oficiais, em que nós escalávamos os oficiais para determinados assuntos, e era uma disputa, para cada um jogar n'água o outro... O interesse era jogar n'água o outro. O camarada ia dar um determinado assunto, todo mundo estudava para ver se botava na hora uma pedra no caminho... para testar mesmo.

A.C. - Isso era obrigatório?

A.M. - Para os oficiais? Obrigatório. E, além disso, havia as instruções externas, com marcha, com ocupação de posição, acampamentos... Isso é que era a rotina da vida do quartel.

L.H. - Vocês só deixavam o quartel, então, depois da ordem?

A.M. - Só depois da ordem. Então aí entrava na vida normal. Agora, de noite, quando se estava de oficial de dia, acabava o jantar, e lá pelas nove horas, ou oito, conforme o período, tocava formatura, revista, todos têm de estar. Às nove horas ou dez toca silêncio e aí...

A.C. - Mas aí os oficiais já estão em casa?

A.M. - Já estão em casa, menos o oficial de dia.

A.C. - Mas o senhor, falando sobre esses capitães, haveria algum tipo de formação militar diferente entre essas duas...

A.M. - Não. Era uma questão de mentalidade...

A.C. - A mentalidade era diferente?

A.M. - Desses capitães, alguns foram da Escola Militar antes da Missão Indígena. Outros, depois da Missão Indígena. E alguns de antes da Missão Indígena eram excelentes troupiers. Eu ia começar a contar sobre o capitão João de Andrade Ninô. Formidável! Mas isso aí é outra estória. Então, está aí o comandante, está aí o fiscal. Dois homens formidáveis. Agora vem o comandante do 1º Grupo de Artilharia: João Batista Mascarenhas de Moraes, o 'major Revista`.

L.H. - Por que esse nome?

A.M. - Por ele, Mascarenhas, ser exigente, disciplinador, firme.

[FINAL DA FITA 3-B]

A.C. - O Mascarenhas de Moraes vinha de antes da Missão Indígena?

A.M. - Vinha, mas já tinha feito o curso de aperfeiçoamento com a Missão Francesa. O Apolônio não fez nada. O Castro Júnior fez o aperfeiçoamento, e o Mascarenhas também. Quando ele esteve lá, como major, já tinha feito o aperfeiçoamento e depois fez um curso de Estado-Maior, de revisão. Ele tinha feito o antigo Estado-Maior, e houve um curso de revisão, para atualizar todo esse pessoal, que foi o que o Mascarenhas fez.

Mas nós chamávamos o Mascarenhas de major Revista. Ele era exigentíssimo. É do regulamento - você vê a vida militar como é controlada - a revista: o material de armamento, cavahada etc. Então na revista, vamos dizer, de material, cada soldado recebe e apresenta

o seu material, que tem de estar limpo, em ordem, arrumado do mesmo jeito. Então o comandante do grupo ou o comandante da bateria passa, examina, vê e quem não estiver direito é punido. Punido com a suspensão da saída, com uma detenção, depende da gravidade. O Mascarenhas passava a revista com um rigor... Vou contar um episódio só sobre o Mascarenhas. Ele era muito amigo. Ele queria muito bem a mim.

Um dia ele marcou revista de cavahada, que geralmente se fazia às quartas-feiras, à tarde. Para não prejudicar a instrução. A cavahada é apresentada da seguinte forma: o cavalo vem só com a cabeçada e o soldado segurando. Ele bota tudo em forma. O cavalo tem de estar limpo. Ele começava passando um lenço no cavalo, além disso, era obrigado a fazer o animal levantar as patas para ver o que se chama ranilha. Porque a ranilha do cavalo apodrece, se não estiver bem limpa, e se começar a pisar em cima do estrume, se não for lavada vai apodrecendo e o cavalo vai ficando com problemas. E o cavalo tem de pisar firme. Depois examinava a ferradura, via se o cavalo estava bem ferrado. Examinava se o cavalo estava limpo: nas partes genitais, nas orelhas, era um negócio, era uma inspeção mesmo! Agora, chega um dia de inspeção na segunda bateria, que era comandada pelo capitão Nino, o melhor capitão do regimento. Compadre do Mascarenhas, amigo de todo dia. Ele entra na bateria, a soldadesca está toda em forma, ele olha... No primeiro cavalo ele parou e disse: "Essa bateria não está em condições de ser revista pelo comandante do grupo." Fez meia-volta e foi embora. O primeiro cavalo que ele viu, o ferrador não tinha

cortado... Porque os cavalos têm numeração. No casco é gravado o número do cavalo de um lado e a bateria a que ele pertence do outro. Então o casco vai crescendo, para ferrar, corta-se e bota-se outra ferradura. O dono do cavalo cortou, cortou, o número foi descendo e já não se via mais o número, que estava muito baixo. Tinha-se esquecido de remarcar o cavalo na parte mais alta. Fez meia-volta e foi embora, porque havia um cavalo com o número ilegível.

L.H. - O comandante da bateria sofre alguma punição por causa disso?

A.M. - Não. E quer pior punição para o comandante de uma bateria do que o comandante do grupo fazer meia-volta e ir embora? Tudo isso é pior... É a tal coisa da minha conversa com o... lá na Escola Militar.

L.H. - É pior do que cadeia, porque é público.

A.M. - Pior do que cadeia. Agora relembrei um episódio do Mascarenhas. Ia-se fazer um exercício: uma marcha em direção a Santa Cruz. Um calor horrível! Em pleno sol. Havia marcha noturna, marcha diurna, não sei o quê mais. O Mascarenhas resolveu fazer marcha diurna. Dizia-se: "Major, olha que está muito calor..." E ele: "Não senhor. A marcha é diurna." E fez marcha diurna. A tropa saiu do quartel às sete horas da manhã e foi, foi... Quando chegou adiante de Santíssimo, já quase em Campo Grande, um cavalo estava com insolação. Em pouco tempo, outro cavalo com insolação. Veio o Nino e disse: "Olha, major, não dá para prosseguir." Ele disse: "Vamos tentar mais um pouco." Um terceiro cavalo teve insolação. Aí, então, ele parou.

L.H. - Mas a tropa ia agüentando bem?

A.M. - A tropa, a soldadesca perfeita, mas os cavalos não. Um, dois, três, logo houve mais um quarto com insolação. Aí, então, ele mandou parar. Chama o veterinário, injeção de atropina, dá água, molha a cabeça... E um cavalo morreu. Os outros melhoraram, voltaram para o quartel. O Mascarenhas fez uma carta para o Apolônio: "Senhor comandante, fiz um exercício assim, assim,... um cavalo morreu... solicito que me seja feita a carga nos meus vencimentos do preço desse cavalo, porque o responsável fui eu." Isso se chamava João Batista Mascarenhas de Moraes, o major Revista.

O velho Apolônio, com todo rigor, respondeu à carta: "O cavalo morreu em instrução, como podia ter morrido de outra causa. Arquite-se." Então, esses homens é que me fizeram. Eu devo a eles o que sou. Não esqueço nunca a memória deles. Fiz questão, quando fui embora, de falar deles. Fiz questão. Porque a gente não pode esquecer. No dia que saí do Exército, eu disse isso. Vieram me perguntar: Quem eram? Respondi assim: "Não desejo ser longo. O momento e a emoção não me permitem. Mas princípio e fim sempre se encontram. E dessa forma, não terminarei sem evocar, com agradecimento e saudade, a unidade onde primeiro servi, ao sair da Escola Militar. De 1926 a 1930. O meu 1º. RAM - Regimento de Artilharia Montada. Lá encontrei grandes chefes que guiaram meus passos como oficial. A eles muito devo. Souberam dar ao jovem, que aos 19 anos assumia as primeiras responsabilidades da vida na caserna, o estímulos e o exemplo de que necessitava. Reverencio, por isso, nesse momento, a memória do então coronel José

Apolônio da Fontoura Rodrigues, o tenente-coronel João Cândido Pereira de Castro Júnior, o major João Batista Mascarenhas de Moraes, o major Dalmo ribeiro de Rezende e o capitão Alcio Souto."

A.C. - Alcio Souto?

A.M. - É. Foi meu comandante. Já mostrei como era o Mascarenhas. Dalmo Ribeiro de Rezende foi outro homem extraordinário. Ele foi meu chefe direto, foi o comandante do outro grupo. Era um homem modesto, simples, sem arroubos, sem grande projeção na vida militar, mas que tinha uma formação muito grande, de um caráter extremo. Um verdadeiro pai para mim. Eu, tenente, com 19 anos. Ele já um homem de certa idade. Casado, sem filhos, comandante do grupo. Para tudo ele me chamava. "Muricy venha cá, Muricy venha cá." E, embora eu estivesse na 4ª. bateria, eu vivia muito no grupo. Sempre que era necessário eu substituía o ajudante do grupo. Ele tinha muita confiança em mim. Ele nunca foi oficial brilhante. Mas foi principalmente um oficial amigo. A ponto de, nas complicações que houve mais tarde, me levar para a casa dele. Ele e a mulher, que ainda está viva com quase noventa anos, me tratavam como filho.

L.H. - O senhor falou que estava na 4ª. bateria. Como era essa divisão?

A.M. - A divisão no regimento era a seguinte: o 1º. de Artilharia tinha uma bateria comando do regimento, que era do comandante do regimento, e o estado-maior do regimento - comandante; subcomandante, que naquele tempo se chamava fiscal, tesoureiro, ajudante e oficial de comunicações. Havia dois grupos. Cada grupo tinha três baterias de tiro e uma bateria chamada extraordinária, normalmente chama-se de 'extra'. Eram baterias de tiro: 1ª., 2ª. e 3ª. de um lado; 4ª., 5ª. e 6ª. do outro, do 2º. grupo. E a bateria extra, onde estavam os órgãos de comando do grupo, que tinha: oficial orientador, oficial de comunicações e a parte de escrituração do grupo.

L.H. - E esses grupos eram comandados...

A.M. - Um pelo Mascarenhas e outro pelo Dalmo. eu não era do grupo do Mascarenhas, mas nós, tenentes, vivíamos uns com os outros, passávamos o dia dentro do quartel e praticamente éramos um grupo de tenentes unidíssimo. E seguimos unidos através da vida toda. Alguns já morreram e com alguns tive que tomar posição contrária mais tarde. Dolorosamente. Há situações na vida... Bom, quando chegar o momento, mais adiante, eu falo. Eu era do grupo do Dalmo, da 4ª. bateria. Aí então é que o Dalmo ficou me tutelando. Era muito ligado a mim. Achava-me um tenente garoto e... Imagine, eu saí com 19 anos, fiz vinte anos no quartel, como tenente.

L.H. - Alguns desses oficiais conheceram seu pai, ou sabiam de seu pai?

A.C. - O Mascarenhas e o Castro Júnior tinham servido com meu pai. Aliás com o Castro Júnior houve um episódio. Quando meu pai era comandante do grupo, era major, o Castro Júnior, muito impetuoso, teve uma briga e deu uma bofetada num outro general, e meu pai foi encarregado do inquérito. Ele contava isso sempre.

L.H. - Mas isso não prejudicou o relacionamento dele com o senhor?

A.M. - Não, porque ele tinha razão e quando o camarada tem razão... O outro provocou... agüenta.

L.H. - E ao contrário, isso ajudou em alguma coisa o senhor dentro do quartel?

A.M. - Não, também não ajudou. Porque todo mundo ficou sabendo e o Castro Júnior era um homem impetuoso. Tinha grandes virtudes e grandes defeitos. Ele chegou a general, e só foi reformado pelo Getúlio depois da Revolução de 35... Foi depois de 37, não me recordo ao certo. Ele estava num movimento desses contra o Getúlio, contra o Estado Novo, teve uma qualquer coisa, ele saiu e foi reformado.

L.H. - O Mascarenhas também tinha servido com o seu pai?

A.M. - Tinha.

L.H. - E o Alcio Souto, como é que ele se ligava aí?

A.M. - Foi o seguinte: na vida militar, o comandante da minha bateria...

L.H. - Cada bateria tinha um comandante também?

A.M. - Cada bateria tinha um capitão. Cada grupo era comandado por um major, cada bateria por um capitão. Cada bateria tinha dois ou três tenentes. O meu comandante de bateria era um homem muito simples, sem grandes luzes, mas um homem que tinha um senso prático e um senso de terreno fora do comum. Foi quem me ensinou a ir para o campo e sentir o campo. Até hoje todo mundo se admira como é que eu vou numa cidade e não me perco. vou no mato, saio por aqui, entro por lá, sempre sei onde é que estou, estou bem orientado, porque esse homem era prático e me deu orientação. O nome dele é José Ferraz de Andrade. Esse homem foi realmente, também, muito meu amigo. Um homem a quem todo mundo queria bem, porque ele era simplicidade e coração. E, ao mesmo tempo, um homem de um senso prático... Ele me ensinou muito. Porque na vida de tenente, a gente chega ao regimento conhecendo apenas a parte de instrução. Não entende nada de administração. E administração é essa coisa crucial, de ver o pagamento, de ver o sapato, de ver a ferradura, o cavalo, o arreio, se está limpo, tem de estar engraxado e vai por aí fora. É a limpeza, é a arrumação do alojamento, é o soldado que tem de estar bem-fardado, essas coisas pequenininhas, e a escrituração. Você tem que fazer um documento, tem que dar parte, tem de redigir uma porção de coisas de escrituração que a gente vai apanhando.

A.C. - Aquele cursinho de administração que o senhor fez no primeiro ano não serviu muito não, não é?

A.M. - Não; aquilo lá era coisa estratosférica... E o que a gente tem que aprender é o bê-a-bá. É a tal coisa de dona-de-casa que não sabe cozinhar. Chega lá, a cozinheira faz o que quer. [Risos] Então a gente precisa saber cozinhar. Nós não sabíamos cozinhar, então

tivemos de aprender. Aprendi muito com o capitão Nino, aprendi muito com o Ferraz e aprendi muito com o Brigada. Era uma figura interessantíssima! Os brigadas desapareceram no Exército.

L.H. - O senhor já falou no brigada, que posição era essa?

A.M. - Vou contar o que é o brigada. É uma coisa muito simples. O brigada era o velho sargento, com 15, 20 anos de vida de quartel, que recebia o posto de brigada. Porque não havia o subtenente. Ele era acima dos sargentos e abaixo dos oficiais. Ele era um homem que tinha uma espada especial. Não era a espada de copo, era a espada como é a do Caxias, meio-copo. Essa era a espada do brigada. O brigada era o homem que rendia as paradas diárias: chega a velha guarda, ele faz uma continência ao terreno, apresentar armas... "Continência ao terreno, apresentar armas." Cumprimenta-se o solo da pátria. Isso é coisa que a gente aprende desde tenente: continência ao terreno. Quando a gente sai em formatura e não sai com bandeira, na saída e na chegada faz continência ao terreno. Se está de bandeira faz continência à bandeira.

A.C. - Qual é o sentido da continência ao terreno?

A.M. - É lembrar que se está reverenciando o Brasil. Ou se reverencia o Brasil em relação à bandeira, ou se reverencia o solo da pátria. Continência ao terreno, apresentar armas. Toca-se a marcha batida.

L.H. - Esse posto de brigada desapareceu?!

A.M. - Acabou. Criaram os subtenentes e fizeram um reajustamento. Mas os brigadas eram tradicionais.

A.C. - O subtenente foi criado depois de 30?

A.M. - Havia os tenentes comissionados... Isso aí é uma evolução em que tomei parte também, porque havia necessidade, havia falta de tenente e criaram o subtenente e aumentaram a carreira do sargento. O sargento era limitado, o brigada não ia adiante. E havia rapazes de grande valor, que podiam ser mais aproveitados, mas o brigada ficava naquela posição.

L.H. - Subtenente já é oficial?

A.M. - Não. O subtenente é um meio-termo entre o oficial e o sargento.

A.C. - O senhor acompanhou essas reformas?

A.M. - O brigada era responsável, tinha uma ascendência sobre os sargentos... Ele era o dono da casa, da ordem onde se fazia o boletim, ele era o dono do boletim. Era ele que fiscalizava o datilógrafo. Depois vou contar sobre o brigada Pereira, que era formidável. O brigada Pereira era muito pernóstico. Ele ditava o boletim para o datilógrafo: "Arraçamento: sejam arraçados para amanhã, nos seus lados tais e tais..." Daqui a pouco

saía uma palavra meio complicada, ele virava e dizia assim: "Sabe escrever essa palavra, maquinista?" [Risos]

L.H. - Maquinista era o datilógrafo!

A.M. - Se é uma máquina de escrever! Então é maquinista. Então o datilógrafo: "Sim senhor!" Se ele errasse, era preso, porque disse que sabia e não soube... O brigada Pereira prendia. Assim era o brigada Pereira. O brigada tinha uma ascendência imensa sobre os sargentos. E eram homens com vinte, trinta anos de vida no quartel fazendo escrituração. São os homens que escreviam isto que está aqui, olha. Isto que está aqui é letra do brigada Pereira. Olha a perfeição.

I.F. - Parece que eram pouquíssimos os sargentos que chegavam a brigada, não é? Houve um movimento grande no Exército, para defender esse grupo de sargentos. O marechal Lott falou que houve uma luta muito grande no Exército, para poder dar certas garantias a esses sargentos que, se não chegassem a brigada, terminavam a carreira como...

A.M. - Exato. Mas foi tudo isso que levou à criação dos subtenentes.

I.F. - Porque havia uma necessidade de proteção, inclusive econômica, não é?

A.M. - E depois o QAO - quadro de auxiliares de oficiais, também é provindo dos sargentos.

L.H. - O senhor ainda não falou no Alcio Souto...

A.M. - Espera aí... Então, está aí o meu amigo José Ferraz de Andrade, outro homem a quem nós devemos. O outro era o capitão Nino. O capitão Nino não era o nosso comandante. Mas era o homem que tinha a maior experiência em coisas do quartel. Nós, tenentes, de vez em quando nos víamos embrulhados e então corríamos para ele: "Capitão Nino..." E ele: "Vem cá, vem aqui..."

L.H. - Ele comandava o quê?

A.M. - A 2ª bateria. Então, nós éramos das outras baterias.

L.H. - Mas ele era do grupo do Dalmo?

A.M. - Não; ele era do grupo do Mascarenhas, mas ele era o grande mentor dos tenentes do regimento. Em matéria de administração, ele era impecável. Ele era extraordinário. Era um dos grandes troupier que conheci na vida. Conheci dois grandes troupiers: o Nino e o José de Sousa Carvalho, que comandou um grupo na guerra. Isso é outra estória. Nós corríamos para o Nino. O Nino era quem nos ensinava. No fim do ano há o que se chama o ajuste de contas do pagamento. Pagamento que foi distribuído, pagamento que foi recolhido... Era uma escrituração complicadíssima, geralmente não fechava. Então a gente ia ao Nino e perguntava: "Capitão, como é isso?" E ele dizia: "Vamos martelar." Eu aprendi como é que

se martelava um ajuste de contas. Martelar é ajustar. Tira daqui, bota ali... No fim de algum tempo, soma essa, soma essa, vem para cá... Certo. Isso eu aprendi com o capitão.

A.C. - Mas era certinho mesmo ou era um jeitinho?

A.M. - Um jeitinho... Mas isso era uma coisa que, se a gente não fizesse e mandasse lá para a brigada, ou para o serviço de intendência, um ajuste malfeito, vinha de lá uma inspeção em cima da gente. Era melhor a gente fazer o ajuste de contas direitinho. Porque isso tem inspeção a toda hora...

Um regime formidável no Exército é isso, é o regime das inspeções e o das revistas, que vai até chefe de Estado-Maior. Eu, como chefe de Estado-Maior, fiz várias inspeções. Isso é uma coisa que toda escala hierárquica faz. Isso é muito bom.

Agora falarei um pouco sobre o Álcio Souto. O Álcio Souto era instrutor da Escola de Estado-Maior. Ele era capitão, era brilhante. Sempre foi primeiro aluno de turma e precisava se arregimentar. Então, num determinado ano, no fim de 29 ou começo de 30, ele foi classificado para comandar a 4ª bateria do 1º RAM. Nesse momento o Dalmo já tinha se transferido para o Paraná. Tinha sido promovido a tenente-coronel e tinha ido para o Paraná, e o Álcio assumiu o comando do 2º grupo.

Eu era comandante da 4ª bateria, porque automaticamente eu assumi. Então fiquei diretamente subordinado ao Álcio e me aproximei muito dele. E aquele grupo de tenentes que era 'vontade para frente' cerrou, também, junto ao Álcio, porque ele veio trazendo uma mentalidade nova para nós. Nós nunca tínhamos entrado no estudo profundo de tática geral, e o Álcio vinha da Escola de Estado-Maior, de instrutor, e nos trouxe coisas que para nós eram novidades: o que era uma divisão de infantaria ternária; como é que se estruturava; qual era a função da infantaria, da artilharia, da cavalaria... Então começamos a sentir um pouco daquilo que queríamos e não sabíamos, porque estávamos muito presos ao que chamávamos a técnica do artilheiro. Não conhecíamos nada da tática, porque o artilheiro, praticamente, tem muito pouca tática. E muita técnica.

L.H. - Por isso que eu estava perguntando ao senhor sobre aquele problema da tática geral, lá na Escola Militar.

A.M. - É muito, muito pouca coisa. A tática lá era muito reduzida. Então começamos a cerrar em torno do Álcio, e o Álcio passou a ser uma espécie de guia dos tenentes dentro do regimento, pela sua ascendência profissional.

A.C. - Isso é que estou sentindo. Existem lideranças formais e lideranças informais, que independem da bateria ou da função.

A.M. - Ah, não tenha dúvida...

A.C. - ... Há um oficial, um militar que assume essa liderança.

A.M. - O líder é líder aqui e em qualquer lugar. Ele se impõe. O líder é aquele homem que transmite confiança e, principalmente, angaria a fidelidade dos seus chefes. Ele é leal com

os seus subordinados, leal para cima e recebe lealdade de baixo e de cima. Por causa do Alcio é que fui contra a Revolução de 30. Eu e o meu grupo.

L.H. - Nessa hora onde estava o Ernesto Geisel?

A.M. - Aí acontece o seguinte: as turmas de Escola Militar terminam e escolhem a arma. Então, na minha turma, escolheram o 1º de Artilharia, eu, meu irmão, o Gabriel Fonseca e o Antônio Alves Cabral. No ano seguinte, foram para lá, escolhendo, o Alvim, o Ivanhoé, o Antônio Henrique Almeida de Moraes, que era muito meu amigo, o Mário. Antônio Henrique é o que tive de opinar pela reforma, essas durezas da vida... Então o Moraes, o Fassheher, parece que só. No outro ano, o Ernesto e o Terra. O Ernesto duas turmas depois da minha. Ele terminou o curso com 'plenamente', então ele saiu logo tenente, ele não foi aspirante. Saiu diretamente...

A.C. - Mas como é isso?! Não sabia que podia sair tenente direto...

A.M. - Para os alunos que só têm plenamente, no regulamento antigo é assim.

A.C. - Média plena, não é?

A.M. - Média não. Porque eu tinha média, mas tive um 'simplesmente' no curso. Sem nenhuma nota simples, todas acima de seis, saía tenente.

A.C. - 'Plenamente' são as notas acima de seis?

A.M. - Acima de seis. Eu tenho, no Colégio Militar, uma 'simplesmente'. Francês. Porque eu sabia francês, então não estudei francês.

A.C. - Abusou?

A.M. - Abusei não. Cheguei num exame oral, o camarada começou a me perguntar o verbo s'en aller na forma interrogativa e negativa: "Est-ce que je m'en vais? e t'en vas... e ne..." e logo eu não sabia mais nada. E eu falava francês. E foi como aconteceu. [Risos]

Mas o Ernesto terminou o curso, aliás é interessante isso que vou dizer a vocês. O Prestes terminou o curso da Escola Militar em 1919, com média nove e fração. O Ernesto, em 1927, terminou o curso com média nove e fração.

L.H. - Quer dizer, entre o Prestes e o Ernesto Geisel não houve ninguém que alcançasse essa média.

A.M. - Ninguém com essa média. Em 1930, o Golberi terminou o curso com média nove e fração. São esses os únicos três casos, que conheço, de média nove e fração na Escola Militar.

L.H. - Prestes, Ernesto Geisel e Golberi?

[FINAL DA FITA 4-A]

A.C. - A elite da elite.

A.M. - Já vê que essa gente vem de muito antes. Não surge, ninguém surge de repente. A vantagem do Exército é a seguinte: nós saímos da mesma fôrma. Conhecemo-nos todos através da vida. Encontramo-nos e reencontramo-nos, então, cada um conhece muito bem quem é o companheiro. E mais, a gente engana para cima, engana para baixo, mas não engana para o lado. Você pode enganar o chefe, pode enganar o subordinado, mas o companheiro não engana mesmo. Então dou muito valor aos homens que têm amigos certos, leais e que acreditam nele. Porque é preciso que acreditem. Um homem que diz: "Vamos!" E todos vão. Isso é que é o líder. É o homem em quem o subordinado tem confiança, tem fé e respeito.

A.C. - Mas o senhor falou, justamente hoje, sobre os vários tipos de liderança que ocorrem na unidade: aquele que ensina administração, aquele que ensina...

A.M. - O homem que dá exemplo...

A.C. - O que ensina a conhecer o terreno; o homem que dá a tática.

A.M. - E, às vezes, encontramos gente que faz tudo isso. O Alcio realmente foi um líder dentro do grupo de tenentes. Nessa ocasião o Apolônio já não era mais comandante, quer dizer, o Apolônio era o comandante, mas estava numa outra função. Já o Castro Júnior não estava mais lá, já tínhamos tido como subcomandante o sogro do Juraci Magalhães, o Acioli Borges. Aliás Borges. Ele se casou com uma Acioli. Acioli são os filhos. A Lavínea, o gordo Acioli...

A.C. - O Acioli quem era?

A.M. - O Acioli Borges. Era um homem que foi a general, cunhado do Juraci, que pesava como o pai dele. O pai do Acioli, o velho Raimundo Borges, chamávamos de 'Tonelada', porque ele pesava uns 120, 130 quilos. E o filho herdou essa característica. Era ótimo. Falarei dele mais adiante. Cunhado do Juraci.

A.C. - Já em 30, então, o Alcio...

A.M. - O Alcio estava como comandante do grupo e, principalmente, como líder dos tenentes.

L.H. - E quem é que comandava o regimento?

A.M. - Naquela ocasião o Apolônio tinha subido para o comando da brigada, que estava vazio, e quem comandava o regimento era um homem por cuja memória tenho um grande respeito. Chamava Hermes Severiano de Alencourt Fonseca. Sobrinho do general Hermes. Esse foi um homem também de grande firmeza. Quando chegarmos em 30, vou contar a

atitude desse homem. Hoje terminei a missão dando todos os homens, caracterizando o 1º RAM.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

2ª Entrevista: 20.02.1981

A.M. - Na outra entrevista falei sobre os instrutores da Escola Militar. Os de artilharia, do meu terceiro ano. Ainda nos dois anos anteriores, como eu disse, a escola estava procurando manter o mesmo ritmo da tradição da Missão Indígena, e esses homens que mais contato tiveram comigo, foram os que mais me causaram impressão. Estou me referindo ao tenente José Alves de Magalhães, que depois acabou trabalhando perto do Góis Monteiro, era muito chegado ao general Góis Monteiro; ao tenente Sucupira, que era muito exigente e um grande esgrimista. Aí, depois, vai entrar a minha parte de esgrima. O tenente Alcebíades Tamoio, pai do ex-prefeito Marcos Tamoio, era o mais ardoroso tenente de infantaria e foi realmente um grande instrutor que tive. De uma inteligência brilhante. Mais tarde me reencontrei com ele na Escola de Estado-Maior, ambos como instrutores. Finalmente devo mencionar o então tenente Henrique Batista Duffles Teixeira Lott, que era um homem de um vigor extraordinário.

L.H. - O Lott participou da Missão Indígena?

A.M. - Não sei dizer. Quando cheguei, a Missão Indígena já não existia. Mas ele, pelo menos, tinha aquela energia, aquela disciplina... No nosso tempo foi feita uma paródia, a Ceia dos cordeais, por um cadete, o Mexicano, como chamávamos o Loureiro. Essa peça terminava assim: ouve-se o toque de corneta, marcando revista, e os cadetes levantam correndo e dizem: "Vamos depressa porque o Lott está de dia." Isso mostra como ele era exigente.

L.H. - Já desde essa época ele se preocupava muito com essas questões de disciplina? Aliás o acompanharam a vida toda, não é?

A.M. - Mais tarde encontrei o então tenente Lott como capitão Lott, depois como coronel Lott e finalmente como o general Lott.

L.H. - O senhor sempre teve contato com ele?

A.M. - Na vida militar, normalmente, temos muitos encontros e reencontros. De maneira que a gente forma, sedimenta uma amizade e, principalmente, o conhecimento dos homens. Digo sempre que nós saíamos da mesma panela, somos cozinhados pelos mesmos temperos. Então, nós conhecemos bem uns aos outros.

L.H. - Hoje tínhamos combinado de falar a respeito dos fatos do 1º RAM.

A.M. - Eu tinha dado uma noção dos oficiais com quem trabalhei. meus chefes que mais deram incentivo para a vida militar. Esses chefes eram os que já falei. Eles foram realmente homens de grande valor. Agora, havia um grupo inicial, eles não se sucederam, e houve uma passagem. Alguns homens aparecem aqui, agora, mais adiante, também com características muito interessantes e, no devido momento, vou falar deles.

A vida no 1^o. RAM era, como eu disse, de grande trabalho. A instrução corria intensa. Naturalmente havia os intervalos e havia os diferentes tipos de instrução: instrução no campo, instrução em sala. A instrução de oficiais era muito intensa. Nós, que éramos um grupo de tenentes muito amigos - e principalmente muito interessados - tínhamos uma forma de agir na instrução muito interessante. Geralmente um era encarregado de um assunto, e os demais se preparavam para jogá-lo n'água durante a discussão. Então, se um indivíduo ia dar instrução, vamos dizer, sobre topografia, os outros iam procurar estudar tudo deste assunto para tentar atrapalhá-lo. Isso exigia, de quem preparava a matéria, um máximo de esforço. Isso era uma camaradagem, uma brincadeira que estimulava uns aos outros. Ao mesmo tempo, havia aquele interesse, das baterias e dos grupos, de ser o melhor. O 1^o. grupo, comandado por Mascarenhas de Moraes, uma bateria por Linot e outros, não tão bons, brigava com o 2^o. grupo, onde estava o Dalmo e as outras baterias. Aliás aparece aí, depois, o capitão Ismar Palmeira de Escobar, que foi um capitão excelente.

Um aspecto que devo ressaltar é a mudança, o rodízio. A vida militar é cheia de substituições. Geralmente um oficial fica um, dois, três anos numa unidade e então há um revezamento. De maneira que é um renovar constante. O que é muito salutar. Salutar porque não há tempo para criar rotinas. Vassoura nova varre sempre muito melhor.

Havia a instrução que era também da parte de equitação. Naquele tempo era fundamental, e se dizia que era para ser feita em exteriores ousados. O exterior ousado era alguma coisa que nos divertia. Havia uma tradição dos tenentes de artilharia e de cavalaria - de armas montadas - que cada queda de cavalo valia meia dúzia de garrafas de cerveja na hora do almoço. Até o máximo mensal de duas dúzias. Quer dizer, cada um tinha o direito de cair quatro vezes pagando, além disso, não pagava. Nós fazíamos questão de que todo mundo caísse. Então a senhora pode imaginar um grupo de 15 ou vinte tenentes, procurando derrubar o outro durante uma excursão no campo, tipo caçada à raposa, com obstáculos de toda a natureza. O capitão Nino tinha um cavalo extraordinário, se jogava no meio do mato, no meio das valas, no meio dos barrancos. Jogava-se lá de cima, e nós saíamos atrás dele e cada um procurava derrubar o outro na primeira oportunidade. Era uma brincadeira... E até chegar ao limite. Assim, vivíamos muito ligados uns aos outros.

Havia ainda um outro tipo de instrução, que quero recordar, que era obrigatório para manter o treinamento daqueles que não montavam continuamente. O tenente e o capitão viviam em cima do cavalo, mas os majores, coronéis não montavam com tanta frequência. Então, uma vez por mês, havia obrigatoriamente uma excursão numa extensão mínima de 50 km. Nessa excursão iam desde o comandante, que era o Apolônio, até o mais moderno dos tenentes. Ia o coronel Apolônio na frente, no cavalo dele, num 'xoto'. Ele era gaúcho, gostava de andar num 'xotinho'. Ia embora, e no fim se registrava. Quem não estivesse habituado a isso, no final da marcha estaria todo ferido, por causa da sela. Tivemos casos interessantes. Por exemplo, um tenente médico, recém-chegado, que nunca tinha montado, fez uma excursão dessas. Ao voltar, esse homem teve de ser carregado e sentado numa salmoura.

L.H. - Quem era o melhor cavaleiro do regimento?

A.M. - Talvez fosse o Gabriel Fonseca. Um rapaz de um valor extraordinário. O nosso grupo era um grupo muito unido. No primeiro ano fomos quatro, como eu disse. No outro ano mais seis, em seguida mais outros. O Gabriel era talvez o melhor cavaleiro.

L.H. - O senhor usou uma expressão, agora, o tenente mais 'moderno'. Esta expressão 'moderno' é uma expressão que tenho reparado ser muito militar. O que significa?

A.M. - Nós dizemos assim: "Antigüidade é posto." Porque acontece que na vida militar sempre alguém é mais antigo e alguém é mais moderno. Moderno não quer dizer tempo; quer dizer colocação no almanaque. Quando se sai da Escola Militar, a turma é colocada por ordem de merecimento intelectual. O de maior grau é o número 1. O segundo é o número 2, o outro é o número 3, e aí dá a antigüidade. Eu era mais antigo do que o Orlando Rangel, que era o número três e era mais moderno do que o Orlando Geisel, que era o número 1. É uma questão de colocação no almanaque, além do ano da turma em que o indivíduo saiu. Mas através da vida, a promoção por merecimento às vezes desloca o oficial de um ano para o outro, de uma turma para outra. O que importa é a colocação no almanaque, aquele que está antes é mais antigo. Há a expressão: "Antigüidade é posto." Quer dizer, no caso de substituição, o mais antigo é o que sobe.

No 1º de Artilharia, chegou uma fase em que eu era o mais antigo dos primeiros-tenentes. Um dos mais antigos. Porque havia o Rebelo que era mais antigo do que eu. Nessa ocasião, sempre que havia a falta de um capitão, por transferência, eu assumia a bateria interinamente. Houve uma ocasião, vê-se pela minha fé de ofício, que eu num mês, assumi quatro baterias. Saía de uma, entrava na outra e aprendi, então, essa coisa que se chama conferir carga. É uma outra expressão que se ouve por aí.

Uma conferência de carga é o seguinte: tudo é arrolado, no quartel. Os móveis, o armamento, o arreamento, os cavalos, tudo é arrolado. Então aquilo tudo tem seus responsáveis. Mas o responsável maior é o comandante da bateria, ou o comandante da companhia. Ele pode distribuir ao grupo, mas ele é que é o responsável. Então, quando há uma substituição de comando de bateria, o comandante que sai passa para o comandante que chega, a carga da unidade. Isso importa num trabalho de uns dez dias, pegando, por dia, umas duas horas ou três para conferir. Entra-se numa sala, confere-se o número de quadros, de mesas, de cadeiras, cadeiras de tal tipo. Tudo é especificado. Existe um grande livro, Carga geral, no regimento, e existem as cargas isoladas, tiradas do Carga geral. De forma que existe a relação do material e a distribuição desse material. Isso faz parte da rotina de administração do quartel.

Voltando à instrução, essas excursões eram sempre muito agradáveis, porque eram verdadeiros passeios. O oficial acabava se acostumando a andar longas distâncias a cavalo. E cada vez que havia uma excursão nós procurávamos que alguém caísse, para pagar a cerveja. Houve um episódio muito interessante: entre as variedades de quedas, havia o que se chamava 'apear sem voz de comando', isto é, o oficial que descia do cavalo sem ter sido autorizado. Numa dessas excursões, o Gabriel, que era muito bom cavaleiro, foi para o coronel Apolônio e disse: "Coronel, eu conheço um caminho que sobe pela serra da Piedade, sai aqui do lado do Campo dos Afonsos, desce para o lado de Jacarepaguá, sobe o morro..." O Apolônio disse: "Então vamos." Nós íamos fazer o almoço no largo da

Taquara, em Jacarepaguá. Naquele tempo tudo era campo. Começamos a fazer o percurso, e chegou um momento em que a estrada realmente foi ficando apertada. Um caminho muito estreito e perigoso. O coronel Apolônio mandou chamar o tenente Fonseca, que era o Gabriel, à frente. Conforme o hábito da coluna a cavalo: "Tenente Fonseca à frente!" Foi passando a voz de comando e lá vem o Gabriel para a frente. Ele chegou lá, e o coronel Apolônio disse: "Tenente Fonseca, o senhor que arranjou esse caminho, o senhor vai na frente para mostrar onde ele é, porque eu não sei." E lá saiu o Gabriel na frente. Chegou um momento em que havia uns barrancos, uns despenhadeiros muito fortes, uma cerca de arame e, principalmente, capim escondendo a trilha por onde nós andávamos. O Gabriel ficou com receio de que o coronel, ou um outro oficial pudesse cair. Então ele parou o cavalo, saltou, viu o terreno como era, voltou, montou e passou. O coronel Apolônio olhou, saltou, pegou o cavalo, passou a pé aquele pedaço perigoso, montou do outro lado. Então, uns passaram montados, outros passaram a pé esse trecho perigoso.

Ao chegarmos ao lugar do almoço, começamos: quem é que paga a cerveja, quem caiu, quem não caiu. De repente, o então major Mascarenhas de Moraes disse: "O tenente Fonseca é quem tem que pagar." Aí o Gabriel disse: "Não senhor! Eu desci para mostrar o caminho, porque era..." O outro: "Não senhor, o senhor desceu sem ordem de comando, tenente Fonseca." Aí, o Gabriel, muito brincalhão e atrevido, disse: "Eu pago, se muita gente, de muito galão, pagar também..." O velho Apolônio olhou e disse: "Tenente Fonseca, isto é comigo?" E o Gabriel: "É sim senhor." O Apolônio pensou... e disse: "Eu pago." E pagou. Agora vem o tenente Fonseca, o Gabriel, que era realmente um grande cavaleiro, tomava parte em concursos hípicas, treinava e como quem toma parte em concurso e treina leva tombo, o coronel Apolônio mandara que seu ordenança o avisasse das quedas. O Gabriel caísse onde caísse, o ordenança tomava conhecimento, ia depressa para o coronel: "Pronto, o tenente caiu!" E o Apolônio: "Então paga uma garrafa para mim." [Risos] Cobrou do tenente Gabriel Fonseca muito mais garrafas... Era um grande homem o velho Apolônio! Havia um ambiente de muita camaradagem, de muita amizade. Essa era a parte de instrução, como eu ia dizendo.

Outra coisa interessante, nessa época de 26 a 30, é que havia uma falta absoluta de regulamento no Exército brasileiro. Nós nos guiávamos por um regulamento de tiro de artilharia, que chamávamos de 'chocolate', porque foi uma tradução da instrução geral feita para o tiro de artilharia, em 1918, 19, depois da guerra. A instrução era toda na base dos franceses, era a Missão Militar Francesa que funcionava, que orientava a instrução no Exército. De maneira que esse regulamento se esgotou rapidamente e ficávamos nós tomando notas. E então tínhamos apostilas, era uma dificuldade. O que nós fazíamos era comprar o regulamento francês. Havia duas livrarias no Rio que se especializaram nisso: a Garnier e a Briguiet. Então nós éramos acostumados aos sábados (porque antigamente aos sábados se trabalhava) a ir para a cidade, à Garnier e à Briguiet para comprar livros, ver se tinha novidade e, assim, pegávamos o que havia de mais novo que saía na França e vinha para cá. E nós, principalmente do 1^o. de Artilharia, devido a este estímulo de competição entre os oficiais na hora da instrução, estávamos sempre atualizados.

Aí a minha formação militar começa a se aprofundar. E assim vai até o fim. Eu sempre estive ligado a essa parte de instrução, desde tenente. Então isso me induzia e eu ainda me lembro que em 1927, saiu uma instrução geral para o tiro de artilharia, moderna, que deu uma celeuma. Com várias novidades: se se deveria utilizar aquela instrução como elemento

de base ou não, porque havia poucos exemplares. Uma discussão imensa, mas que no fim levava à melhoria do estudo.

L.H. - O senhor tinha-me dito que gostaria de falar um pouco a respeito do problema da esgrima.

A.M. - É do que vou falar agora. Duas coisas que eu vou falar agora: primeiro da esgrima, e segundo da 4ª bateria à disposição da escola de aperfeiçoamento.

Quando eu estava no 1º de Artilharia, não havia o Grupo-Escola, que foi criação de depois de 30. Que hoje se transformou em Regimento-Escola e temos grandes artilheiros que por lá passaram. Mas isso foi criado depois de 1930. Então, para os exercícios de tiro, da Escola de Aperfeiçoamento, na Vila Militar eram utilizadas unidades do 1º RAM, que ficava ao lado da escola. E, por uma dessas coincidências felizes, para mim, a minha bateria é que ficou, praticamente, durante três ou quatro anos, à disposição da EAO, para a execução dos trabalhos práticos nos terrenos. Isso nos dava uma responsabilidade imensa, porque a escola pegava oficiais - isso até hoje - já no posto de capitão, para dar-lhes um impulso e permitir também que eles pudessem ter promoção e acesso mais tarde... Naquele tempo, os oficiais que estavam na tropa em guarnições longínquas ficavam defasados, os que não estavam mais nos grandes centros, perdiam o contato com a instrução e estavam atrasados. Era preciso, então, dar um esforço imenso e exigir muito. Mas a tropa à disposição da escola tinha de se manter em dia.

L.H. - Mas isso, de qualquer forma, deu uma experiência também muito grande.

A.M. - Havia o que se chama as escolas de fogo, isto é a unidade atira para fazer exercícios de técnica de tiro. Fui tenente comandante de linha de fogo da bateria. Com isso eu acompanhava os exercícios. Naquele tempo o curso de artilharia tinha vários instrutores, mas a direção geral para o tiro era de um francês. Era de Joseph Weller. O Weller era um homem que se tinha mostrado extraordinário na guerra, pela facilidade com que comandava um tiro. Pela flexibilidade para sentir o terreno, sentir os problemas da regulação, da eficácia do tiro. Esse homem era muito exigente. Nós dizíamos que ele tinha o milésimo no olho. Toda a regulação do tiro se baseia na verificação da regulagem. Corrigir o tiro que está desviado é colocar sobre o objetivo, e isso se faz com milésimos. Para isso os binóculos de artilharia têm aquela "cerquinha", que tem o milésimo. E o Weller, muitas vezes sem binóculo, dizia: "Está 20 milésimos à direita, ou a 30." Tinha milésimo no olho...

E ao mesmo tempo ele não queria saber nada de tática. Então houve um episódio muito interessante, porque o comandante da escola, o instrutor-chefe da escola determinou que nenhum exercício de tiro se fizesse fora de uma situação tática. Porque o tiro de artilharia, a técnica, eu tenho um canhão, tenho um objetivo, e tenho que jogar os meus tiros em cima daquele objetivo. Agora, isso pode ser feito em cima dessa mesa.

L.H. - Claro, senão fica tiro ao alvo apenas.

A.M. - Pode, até certo ponto, ser um tiro ao alvo, mas com uma característica: conforme o tipo de objetivo, se usa uma técnica diferente. Um tiro sobre um ninho de metralhadoras é diferente do tiro contra pessoal abrigado ou de um tiro contra pessoal a descoberto. Um tiro

de inquietação ou um tiro sobre um ponto fixo para dificultar a passagem, ou a utilização de determinado entroncamento numa estrada. Há o tiro de interdição e o de inquietação; o tiro de destruição e o de neutralização. Então nós queremos neutralizar o objetivo. Nisso tudo, o Weller, que não queria saber de tática, ficava bravo com essa ordem. Mas chegou lá em cima do observatório, a bateria em posição, e disse: "Meus amigos, o 'Brasil' 'declarou' guerra à China. Ali uma 'metradora'. Vamos 'destruir'." Essa foi a situação tática dele... Ele fazia isso de raiva porque achava que para aquilo que estava sendo feito não precisava de uma situação tática. Realmente, artilharia num pequeno escalão, é técnica só. À medida que sobe - e aí só a partir do grupo - é que passa a ser tática. Até bateria... em certas situações entra tática. Mas tática de artilharia começa realmente num escalão maior. O Weller, por isso, não se conformava de ter que ensinar tiro dentro de uma situação tática.

Mas o que aconteceu comigo, como esse fato da bateria ficar à disposição? Primeiro, melhorei as minhas qualidades de homem de campo.

[FINAL DA FITA 4-B]

A.M. - Segundo, eu me habituei com as regras de tiro e desenvolvi todos os meus conhecimentos da técnica de tiro e de topografia. Nós éramos obrigados, com a bateria, a fazer trabalhos topográficos com a maior precisão, porque a nossa responsabilidade sobre a EAO era muito grande. Nessa ocasião eu fazia o trabalho de topografia e muitas vezes fui tenente orientador de grupo. É uma outra função, é o homem da topografia do grupo. Desempenhei essa função muitas vezes. Eu era oficial de transmissões, que era o encarregado das linhas telefônicas, de rádio e dos sinaleiros, para a transmissão de mensagens. Eu, como tenente, exerci todas as funções que um tenente de artilharia de campanha podia exercer. Isso, na minha opinião, me formou. Por conseguinte quando cheguei a capitão, era um capitão que conhecia todas as funções de tenente. Há um adágio no Exército que diz assim: "Só é bom capitão quem foi bom tenente. Só é bom major quem foi bom capitão. Só é bom coronel quem foi bom major."

L.H. - Tudo começa no tenente?

A.M. - Começa. O oficial que chega em cima, sem conhecer perfeitamente a função dos de baixo, ele pode comandar, suprir as deficiências, mas nunca sentirá as dificuldades que está exigindo dos seus subordinados. Nós, por exemplo, pegávamos uma noite inteira trabalhando, para estender uma linha telefônica, e no dia seguinte passávamos o dia trabalhando, acompanhando, evitando, e falhava o telefone, íamos consertar... Aquilo era uma coisa brutal. A gente, então, sabe o que pode exigir: "O senhor vai passar uma noite inteira acordado." Vai. Porque eu já passei, já fiz, então sei que se pode fazer.

Nesses exercícios, por exemplo, o oficial de comunicações, que naquele tempo se chamava de transmissão, é sempre um infeliz... Ele sai duas, três horas antes do exercício, para montar o esquema de transmissão e volta três, quatro, cinco horas depois, para desmontar, retirar tudo. Então esse homem nunca sabe quando almoça e se almoça. E se janta. Porque ele sabe que tem que botar e tirar a linha telefônica.

Na Segunda Guerra os americanos facilitaram muito isso, são uns homens de grande sentido prático. Mas nós estávamos depois da Primeira Guerra.

L.H. - A diferença foi brutal, não é?

A.M. - Outra vantagem que tive nesse trabalho é que conheci grande número de excelentes oficiais. Tive contato direto com o marechal Djalma Dias Ribeiro, que foi comandante dos pára-quedistas; com o Lima Câmara, os dois irmãos. Eu tinha contato permanente com os instrutores da escola e isso me fez conhecê-los e eles a mim. De maneira que comecei aí a formar essa coisa que, modéstia à parte, permitiu que eu fosse um dos oficiais que mais conhecia os outros oficiais.

L.H. - Quando o senhor mais tarde foi para a escola, ainda os encontrou lá ou não?

A.M. - Depois eu falo disso. Agora vem a parte de esgrima. Sempre gostei de esgrima. Meu pai já era um esgrimista. Em minha casa em Curitiba, ele tinha as máscaras e o sabre. De maneira que essa propensão, talvez hereditária, fez com que no Colégio Militar eu fosse o melhor aluno de esgrima.

No Colégio Militar, quando acabavam as aulas, quatro ou cinco de nós íamos para a Sala d'Armas. No recreio, enquanto os outros estavam lá, nós ficávamos muitas vezes praticando. A atirar.

Quando fui para a Escola Militar, o trabalho de esgrima continuou. Esse tenente Sucupira, que chegou a general - o homem que mais tarde foi prender o Lott - também era esgrimista. Eu trabalhei junto dele como monitor e, dessa maneira, fui me desenvolvendo. Já o grande André Gouthier aparecia raramente - porque não era função dele - na escola. Gouthier foi o campeão da França na espada: Epée de combat. Quando o general Gamelin veio com a Missão Militar Francesa, ele trouxe homens de grande valor e reestruturou a parte propriamente militar, no Exército. Alguns eu conheci. De outros li a documentação por eles deixada. Ele trouxe dois homens do lado paramilitar: na parte de equitação, o comandante Dalmacy que era cavaleiro negro. Esse homem foi quem implantou no Brasil a equitação de tipo francês, da escola francesa. Com grande reação de alguns brasileiros que eram da Escola Antônio Jorge, esse que fora amigo de meu pai e que era um grande cavaleiro. Também foram contra aqueles que tinham a veleidade de criar escolas por eles mesmos, como era o caso do Ribeiro da Costa, que nós chamávamos de 'escola própria'. Esse homem tem uma estória de Mato Grosso, ele recebeu uma missão para acabar com o banditismo e acabou, acabou na fronteira. Mas depois respondeu a um processo porque... O processo... era para acabar com o banditismo, era para acabar.

L.H. - Acabou mesmo... Com o banditismo e com os bandidos. [Risos]

A.M. - Então, para a parte de equitação, ele trouxe o comandante Dalmacy e para a parte de esgrima o André Gouthier. Nessa ocasião, às vésperas do centenário, em 1922, haveria uma competição de esgrima sul-americana. O Gouthier ficou encarregado de treinar a equipe brasileira. Havia o Gouthier no Exército, e na Marinha havia o Giovani Avitta. Tínhamos, então, outro problema, pois existiam duas escolas, a francesa e a italiana, a se chocar, aqui no Brasil. Ambos grandes esgrimistas. Eu fui da escola francesa, tenho a propensão para defender a escola francesa.

L.H. - Desculpe interromper, mas esse lado é muito interessante, o senhor acredita que esse fato de a Missão Francesa ter trazido elementos, como o senhor disse, paramilitares, quer dizer, não especificamente ligados ao treinamento militar, seria a origem dessa preocupação com o esporte no Exército? Porque hoje em dia o senhor vê...

A.M. - Uma das maiores escolas de educação física do mundo é francesa, do Exército francês. Vieram vários instrutores. Não recordo os nomes porque nunca tive contato direto, mas nasceu aí. A parte de esporte em geral, a parte de esgrima e a parte de equitação, tudo isso nasceu com a Missão Militar Francesa.

A parte de esporte não estava esquematizada, não estava metodizada. Foi metodizada com a chegada dos franceses. Os franceses nos trouxeram, inclusive, o regulamento de educação física, que adotamos no Exército. O regulamento de educação física do Exército era a tradução do regulamento francês. Quando fui aluno da Escola Militar, a primeira coisa que fazíamos ao chegar era a prova para classificação. Éramos classificados em fortes, médios e fracos. Tínhamos que fazer um certo número de provas: corrida, salto, lançamento, levantamento. Fui classificado como médio.

L.H. - É, porque essa parte da preparação física propriamente é uma parte muito importante da formação do soldado.

A.M. - Toda a instrução começa com educação física. Geralmente a primeira instrução do dia é educação física.

L.H. - Antes da Missão Francesa, na época da Praia Vermelha, isso tudo era muito disperso, não existia?

A.M. - Aquele que gostava fazia educação física esporadicamente. Como acontece na vida civil. Na vida civil, nas universidades, há aqueles que fazem esporte. Mas a grande maioria não quer saber de esporte. Era assim também na escola.

Quando cheguei na tropa, no 1^o. de Artilharia, o Gouthier era instrutor do Exército. Ele dava aulas uma ou duas vezes por semana, na Escola de Aperfeiçoamento, na Sala d'Armas, para os oficiais da Vila. Os oficiais freqüentavam as aulas voluntariamente. Eu, imediatamente, me inscrevi. Duas vezes por semana eu ia à Escola de Aperfeiçoamento para ter as instruções com o Gouthier. Eu já conhecia um pouco de esgrima, mas eu fazia uma esgrima empirista, uma esgrima mais ou menos esgrima. Quando o Gouthier chegou, a primeira coisa que fez foi me dar técnica. Ele era exigentíssimo. Ficava quinze, vinte minutos em posição de guarda, com aquela posição rígida. Ele mandava que a gente treinasse em casa, na frente do espelho, para ver se estava com a posição correta, e eu fazia isso. Eu pulava corda, vinte minutos por dia; eu fazia todo trabalho com um rigor enorme. Tinha uma resistência imensa. Naquela época eu podia fazer 12 flexões, com qualquer das pernas, tranqüilamente. Ele repetia as lições até a exaustão, sempre exigindo e corrigindo. Era a técnica dele. Às vezes a gente estendia o braço incorretamente e ele falava: "Marchez! Marchez! Etandez le bras! A fond! En garde! Comecei a me desenvolver e como consequência fui atraído, imediatamente, para as competições fora. Representei o Exército em competições com a Marinha. Aí encontravam-se as duas escolas: Giovani Avitta e Gouthier. Eu fiz belos amigos! Nessa ocasião, vim a conhecer uma outra equipe do

Exército, extraordinária: a equipe do Serviço Geográfico. Estou-me referindo ao Serviço Geográfico do Exército que tinha sido criado em 1915 ou 1916, porque tivemos sempre no Exército grandes geodestas, grandes geólogos, mas o serviço era assistemático. quando se criou o Serviço Geográfico do Exército, vieram uns austríacos - dois dos quais eu conheci - que trouxeram novas técnicas. O Tasso Fragoso trabalhou com eles e ainda hoje os elogia imensamente.

Nessa ocasião em que travei conhecimento, o Serviço Geográfico era dirigido pelo coronel Virgílio Alípio de Prímio, que depois foi general. O Virgílio era um grande esgrimista e incutiu nos seus oficiais o gosto pela esgrima. Então a equipe do Serviço Geográfico, no Exército era espetacular. Não só pela qualidade dos esgrimistas, mas pela qualidade da cabeça, da capacidade profissional.

Em vim a conhecer o próprio Virgílio Alípio de Prímio, o Ariosto Dalmon e outros companheiros, que eram excepcionais. Esse Ariosto mais tarde morreu em Curitiba. Ele foi fazer um levantamento fotográfico, de avião, o campo de Bacaxiri fechou, o avião jogou, e quando deu 'uma aberta', - naquele tempo era a navegação do arco e flecha - o piloto se jogou para passar pela brecha. O Ariosto tinha começado a enjoar. quando o avião parou, ele saltou meio tonto, e a hélice pegou nele e decapitou-o. Foi horrível. Era um companheiro excelente.

Como eu me desenvolvia, fui convidado pelo Gouthier, que me considerava seu melhor aluno da segunda fornada. A primeira fornada tinha sido aquela que ele preparou para o Campeonato Sul-Americano de 1922, do qual fez parte o Osvaldo Rocha, campeão sul-americano de florete, um dos homens mais fortes e alegres que conheci. Ele está hoje com 83 ou 84 anos e parece um rapaz. Um homem de uma musculatura imensa, bom oficial. O Osvaldo Rocha era um bom cavaleiro, era bom em todos os esportes. Conheci então essa turma antiga. Conheci o Pélio Ramalho. Conheci esse grupo do Serviço Geográfico e fiz muita amizade com eles.

Finalmente conheci muita gente no meio civil, porque fui levado pelo Gouthier ao Clube Botafogo de Regatas. Ele dava instrução de esgrima nesse clube, era instrução para civis, uma elite. Vim a conhecer, nessa época, mais velhos do que eu, pelo menos dez, ou doze ou quinze anos, João Daudt de Oliveira, Felipe Daudt de Oliveira, Ênio, irmão do Armando, o mais velho dos filhos, que era garotinho. Tive, assim, também contatos no meio civil. E aí comecei a me manter. Até que a minha vida começou a mudar, e fui, então, diminuindo o meu esforço na esgrima, pouco a pouco. De um lado comecei a ter novas responsabilidades; e do outro, comecei a estudar demais e tinha pouco tempo para sair da Vila ou da Tijuca, onde eu morava, para ir a Botafogo. Naquele tempo o transporte era o bonde, era tudo longe e tinha de acordar de madrugada. Tudo isso foi fazendo esmaecer o meu ímpeto de esgrima.

Agora falarei de outro episódio da minha vida, ainda ligado ao 1º RAM. Estou mostrando a minha vida no 1º RAM.

Como disse, eu namorei a minha primeira mulher, desde a Escola Militar. Fiquei noivo e esperava, calmamente, a minha promoção a primeiro-tenente, porque o segundo-tenente ganhava muito pouco, para poder me casar.

L.H. - Quanto o senhor ganhava naquela época como segundo-tenente?

A.M. - Quando saí da escola, como aspirante, nós ganhávamos quatrocentos mil-réis. quando saímos segundo-tenente, 450 mil-réis. Quando fomos promovidos a primeiro-tenente, passamos a setecentos mil-réis. Aí já começa a inflação e houve um período que, como tenente, houve a promoção para um conto de réis.

L.H. - O que se podia fazer com esse um conto de réis? Gostaria de ter uma idéia, mais ou menos, dos valores.

A.M. - Deixe-me contar o meu casamento, porque através da estória do meu casamento é possível sentir melhor a realidade da época.

Nessa ocasião, 1927, meu pai, que estava reformado (já tinha lhe contado isso) foi convidado pelo Afonso Camargo para assumir o comando da Polícia Militar do Paraná. Ele estava no Rio de Janeiro e teria de voltar para Curitiba. Então, como ele e minha mãe iriam ser meus padrinhos de casamento, antecipei o casamento, saí primeiro-tenente e casei imediatamente. Casei em janeiro de 1928. Foi uma questão de antecipar um pouco, porque eu estava querendo arrumar meu pé-de-meia, para poder fazer meu enxoval, porque não dava. Mal dava para... O enxoval era com dificuldade.

Minha mulher tinha se formado na Escola Normal, era professora. Mas naquele tempo as professoras não eram nomeadas imediatamente. Havia excesso de professoras, apesar de as escolas terem poucos alunos e poucas professoras. Mas a prefeitura do Distrito Federal antigo não tinha dinheiro para nomear. As professoras ficavam dois, três anos esperando a nomeação. Durante esse período ela foi lecionar no Instituto Lafayette, na rua Haddock Lobo. Ela era muito amiga da Virgínia Cortes de Lacerda, sobrinha do Lafayette Cortes, e que vai ter novamente influência, mais tarde, na aproximação com o então padre Hélder. A minha história com o padre Hélder é outra conversa. Começou, então, a amizade com a Virgínia Cortes de Lacerda. Nessa ocasião fico noivo, e ela depois é nomeada para trabalhar em Deodoro. Ali perto da Vila. Como sempre, nós, quando podíamos, viajávamos no mesmo trem.

Para ir à Vila Militar, havia três trens preferidos. O primeiro era o trem dos que tinham que ir mais longe e chegar mais cedo. Era o das quatro e trinta da manhã. O outro era o das cinco e dez, já era o trem em que viajavam as professoras. Era cheio de professoras e tenentes. Eu era freqüentador desse trem, onde viajava minha noiva e futura mulher. Havia, naturalmente, ocasiões em que eu não podia. Finalmente havia o trem das seis e cinquenta, que era direto: Rio-Deodoro-Vila Militar. Esses três trens era os preferidos dos oficiais.

Nós nos casamos e tive a sorte de poder juntar o meu vencimento com o ordenado dela. Mas, como sempre fiz, o meu vencimento era para a vida. O ordenado dela era para juntar e fazer economia. Era com o ordenado dela que a gente fazia o pezinho-de-meia pequenininho, mas que fomos juntando a partir daquela época. Fomos morar na rua José Higino, numa vila. Os oficiais, principalmente os de postos pequenos, moravam em vilas, onde estavam as casas mais baratas. Eu casei tenente e já estava num status quase que de capitão. Então eu podia pagar trezentos mil-réis pela casa. Naquele tempo era o bonde que se usava, pagava-se duzentos réis; dividido em ponto de seção, conforme o itinerário do bonde, e ponto de cem réis ou ponto de tostão. Um cinema era mil-réis. Um sapato era trinta mil-réis. Depois subiu mais um pouco e então foi criado no Rio a célebre loja que vendia um sapato de quarenta mil-réis. O anúncio era um pato: "Qua-qua-qua-quarenta mil-réis". A alimentação engolia, como sempre, grande despesa. Praticamente o que sobrava para distração era um nada. Mas tínhamos a vantagem de poder guardar o ordenado de

Ondina. De vez em quando nos dávamos ao luxo de passar umas férias, isso já mais tarde, no Paraná, porque tínhamos essas economiazinhas.

Como eu já disse, casei e ficamos morando lá na vila. Passado o tempo regulamentar, nasceu meu filho do primeiro casamento, o Marcos, que é arquiteto. O parto foi muito difícil. Naquele tempo cesariana era raríssimo. Tão caro, que foi a primeira cesariana da casa de saúde onde o Marcos nasceu. Isso em outubro de 1928. Ondina teve infecção puerperal, complicada com uma flebite. Flebite pós-parto. Até hoje sei o nome técnico. Então, tudo isso resultou em um desequilíbrio pavoroso na minha vida. Fiquei devendo, depois de esgotar todas as minhas economias, dez vezes meu vencimento, que era de setecentos mil-réis. Fiquei devendo sete contos de réis. Fiquei numa situação difícilíssima. Meu pai, que passou um período difícil como eu disse, mas já tinha voltado para o comando da polícia no Paraná e vendido aquelas célebres terras quando falávamos com ele, ele dizia: "Aquele dinheiro foi muito bem empregado, foi o que matou a fome de muita gente" me deu dinheiro para eu fazer os pagamentos, para não ficar devendo a estranhos. Passei, então, a dever a meu pai. Meu sogro, com as economias que tinha, nos deu de presente, deu de presente à filha um conto de réis. E passei a dever seis contos de réis a meu pai. Mas eu tinha de pagar.

Sucedeu, nessa ocasião, um fato que serve para caracterizar a qualidade dos chefes. Era comandante da I Região Militar o general Azeredo Coutinho. O general Azeredo Coutinho era um grande chefe. Pai do Dayle Coutinho - que morreu como ministro no governo do Geisel - e de outros oficiais, todos grandes oficiais e um homem boníssimo, uma família imensa. Eu, por causa do meu trabalho, já era um tenente que tinha chegado ao conhecimento do comandante. O Azeredo Coutinho gostava muito de mim. Andei dando instrução de esgrima, no 1º Batalhão de Engenharia, e esse batalhão me agradeceu. O Coutinho soube disso e me fez um elogio especial, me botou lá em cima. Isto está escrito na minha fé de ofício. Ele era muito amigo do meu primo, José Pires de Carvalho e Albuquerque. Mas quando veio esse descalabro financeiro na minha vida, que me deixou sem saber o que fazer, os companheiros me disseram: "Olha, Muricy, você procura conseguir uma casa em Deodoro. Tem umas casas lá, de oficiais, você pode pegar uma" e eu, completamente ignorante, perguntei: "De quem são essas casas?" Disseram-me: "Essas casas são da Região. Vai na Região e fala." Saí do quartel mais cedo, num determinado dia, pedi licença e fui para a Região.

L.H. - Onde é que ficava o comando da Região?

A.M. - No quartel-general, na parte em frente à Central. Que ainda é a mesma. A frente mudou, mas os dois lados ainda são os mesmos do meu tempo. Ali é que era a I Região. Eu fui. Falei com o chefe de estado-maior do Azeredo Coutinho, que era o coronel Joaquim de Matos, pai do brigadeiro Délio Jardim de Matos (um dos seus filhos mais moços).

[FINAL DA FITA 5-A]

A.M. - Eu disse que precisava da casa, que estava interessado. Ele disse: "Não tem dúvida." Chamou um oficial e ordenou: "Registra aí o nome do tenente Muricy." Numa lista imensa ele botou o nome Muricy. Havia, talvez, em Deodoro, umas trinta casas à disposição da Região. Umas maiores, mas a maioria muito pequenas. Todo mundo queria essas casas

porque o aluguel era cinquenta mil-réis. Comparado aos trezentos era uma economia. Quando eu ia saindo da I Região, encontrei o Zé Pires, que ia falar com o Azeredo Coutinho, de quem era muito amigo. Ele me perguntou: "O que você está fazendo aqui, Antônio Carlos?" Eu disse: "Eu vim aqui para arranjar uma casa. Porque você sabe que eu estou apertado, então..." E ele: "Está muito bem." Dias depois, estou no quartel e recebo um recado: "O comandante da Região quer falar com você. Está chamando para você ir falar com ele." A primeira coisa que pensei foi: "Que é que eu fiz?" Fui ao comandante e disse: "Eu hoje tenho que sair às 11 e pouco." Fui ao comandante pedir licença.

Entrei lá, falei com o Joaquim de Matos, e ele disse: "O comandante está te esperando." Quando entrei e me apresentei ao comandante ele se virou e disse: "Tenente, o senhor não tem confiança nos seus chefes?" Eu quase morri. Disse: "Como, general!" Ele insistiu: "O senhor não tem confiança nos seus chefes?" E eu: "Não estou entendendo, general." Ele continuou: "Então o senhor está agora numa situação financeira difícil, está atravessando uma crise, vem aqui pedir inscrição numa casa e nem ao menos diz por que motivo, nem vem me procurar!" Tentei responder: "General, eu achei que ia..." E ele: "Não senhor! O senhor está errado! O senhor não pode ficar nessa situação! O senhor não pode ficar na mão de um agiota! Eu não vou deixar... Não senhor! A primeira casa que vagar em Deodoro é sua. E, lembre-se, acredite nos seus chefes!" E aí, vemos no ambiente do Exército o que é o chefe.

A primeira casa que vagou em Deodoro era uma das melhores. Ela estava prometida ao então tenente-coronel Ascendino de A'vila Melo, pai do Ednardo, pai de todos esses que estão aí. O Coutinho chamou o A'vila Melo e disse: "Olha, A'vila, eu não vou te dar a casa. Eu vou dar a casa para o tenente Muricy. Você é um homem que está com a sua vida organizada e o tenente Muricy eu não posso... O Exército vai precisar dele. Ele é um tenente com grandes possibilidades, de forma que nós temos que ajudá-lo." E me deu a casa. Uma ciúmeira que causou! Eu, um tenentinho...

L.H. - Furou a fila...

A.M. - Não é só furar a fila. Fiquei com a melhor casa de Deodoro. Fiquei aí vizinho do Ascendino, que tinha uma porção de filhos. Pouco adiante morava o Joaquim Jardim de Matos, com todos os filhos, inclusive o Délio, que era aluno do Colégio Militar. Depois morava a viúva (ali moravam várias viúvas) do Magalhães Bastos, que tinha sido um dos construtores da Vila Militar. Tinha a senhora do Oscar de Almeida, com os filhos. Um dos filhos tornou-se um grande amigo meu, o Gastão de Almeida, morreram agora, e Maria Almeida estava nos Estados Unidos. Gastão de Almeida foi meu padrinho de casamento, do segundo casamento. Era garoto. Morava o Gabriel Fonseca, o cavaleiro, que era vizinho do velho Barbosa, pai da Yolanda Costa e Silva. Conheci a Yolanda Costa e Silva mocinha, regulando de idade comigo. Mas o que importa é o seguinte: Deodoro permitiu que eu me equilibrasse na vida. Para poder pagar as minhas dívidas, eu fiz um esforço para ter um mínimo de despesas.

Ondina estava a duzentos metros da escola. Então, ia a pé. Eu estava a 4 km do meu quartel. Ia e voltava a cavalo. Meu ordenança ia levar o cavalo todo dia de manhã. Durante a semana nós trabalhávamos de dia. À noite geralmente estudávamos. Ela sentada numa ponta, vendo os trabalhos da escola, preparando as lições, e eu na outra ponta, preparando a instrução, estudando. Passávamos assim a semana inteira. Quando chegava o sábado,

pegávamos um trem, íamos para a casa do meu sogro, na praça Saenz Peña. Quando havia folga de dinheiro, a gente ia ao cinema. Se não havia folga de dinheiro a gente ficava em casa conversando, ou ia fazer uma visita. Domingo pegávamos o trem de noite e voltávamos para casa. Recomeçava a semana. Era uma vida de uma austeridade absoluta, mas que nos fez trabalhar e principalmente permitiu que eu equilibrasse a vida.

Quando eu pude me equilibrar, veio a Revolução de 30 e saí do Rio. Então já falei sobre o meu problema de casamento, meu problema de Vila Militar e a importância de um chefe como o general Coutinho.

L.H. - O senhor, durante esse período que passou no 1^o. RAM, tinha notícias de articulações de tenentes no Rio, de conspiração?

A.M. - Vésperas de outubro de 1930. Naturalmente, em todo o Brasil, se acompanhava a situação. Havia, como eu disse, uma insatisfação geral. Todo mundo e nós, tenentes, com eles, vivíamos o problema brasileiro e sentíamos que era preciso mudar. Principalmente aquela política do café com leite e o lado eleitoral, que era da maior falsidade possível. Qualquer eleição era fraudada. Como eu disse, o Pinheiro Machado fazia e desfazia até promoções no Exército.

Já tinha havido o movimento de 22, com o qual nós todos simpatizávamos. Tínhamos uma porção de amigos, e eu, inclusive, tinha desligado. Tinha havido o movimento de 24, tinha me pegado na Escola Militar, onde houve uma tentativa de articulação - depois houve até desligamento de vários alunos. Estava havendo, e depois terminou, a Coluna Prestes. Todos nós éramos encantados pela Coluna Prestes, pelo movimento. Já o nome de Juarez, de Cordeiro, de Trifino Correia, de Prestes principalmente, do Miguel Costa, tudo isso já nós... Ao mesmo tempo, companheiros nossos tinham sido mandados em perseguição - eu não fiz a minha vida toda no Rio de Janeiro - à Coluna Prestes. Às vezes eles passavam pelo Rio e nos contavam o que acontecia. Esse ambiente ia crescendo. O Bernardes não era benquisto por ninguém. Passou a presidência para o Washington Luís, muito rígido. E no meio militar, mesmo nós, que não éramos de tendências políticas, tínhamos uma posição contra. No meu caso pessoal não chegava a ir à idéia de uma revolução, mas nós acompanhávamos e torcíamos.

L.H. - Havia um sentimento geral de hostilidade.

A.M. - Havia. Ao mesmo tempo, os meus amigos mais chegados já estavam-se articulando. Por exemplo, os dois Geisel da minha turma: o Henrique e o Orlando estavam no Rio Grande ligados à conspiração. O Ernesto, que tinha estado conosco em 29, se não me engano, foi para Santo Ângelo, também mais ou menos ligado àquele ambiente. Porque no Rio Grande a coisa era muito mais efervescente. Tinha havido lá os levantes de 24, de onde saiu a Coluna Prestes, saíram os irmãos Etchegoyen.

No Rio de Janeiro, nós tínhamos, vizinho lá, o Juracy Magalhães, que antes de ir para o Norte já estava namorando a Lavínea, que era filha do meu subcomandante e morava em frente ao Regimento. Do velho Borges que eu chamava Tonelada. O Carioquina, o Agildo, que era um grande oficial e era um bom sujeito. Era um bom oficial, de iniciativa. Na turma dele era muito estimado. O Mamede, muito nosso amigo, também estava ali na Vila. Então

havia uma tendência... Todo mundo sabia que se conspirava no Brasil e naturalmente havia os cochichos dentro do quartel. Mas não havia...

L.H. - E o Pedro Ernesto? Porque a Casa de Saúde Pedro Ernesto era um ponto...

A.M. - O Pedro Ernesto eu não tenho como dizer, porque eu não tinha esse contato. Eu conhecia o Pedro Ernesto como diretor da Casa de Saúde Pedro Ernesto. Sabia que ele era contra o governo. Mas nunca tive contato, não tenho o que lhe dizer dele. Então, esse ambiente existia. Dentro desse ambiente, veio a Revolução de 30. Houve aqueles episódios no Norte, o coronel Maurício Cardoso, que servia na Vila, foi para o Norte e levou um grupo de oficiais, como o Mamede, o Juracy, o Carioquinha, o Agildo e outros com ele. Ao mesmo tempo, estava comandando o Nordeste o Lavenère Vanderley, que tinha sido nosso fiscal no Colégio Militar. Os filhos dele são muito nossos amigos até hoje. São três filhos. O Nelson, por exemplo, que foi brigadeiro, até hoje é muito nosso amigo, muito amigo do meu irmão José Cândido. Sentia-se que a coisa evoluía. Mas não havia, pelo menos dentro dos regimentos da Vila, uma situação capaz de levar a um movimento, uma disposição capaz de levar ao movimento. Havia simpatia, havia desejo; não havia condições. Mesmo porque os comandos eram muito severos. Mas quando chegou setembro...

L.H. - O assassinato de João Pessoa, ele repercutiu...

A.M. - Repercutiu. Todo mundo ficou estarrecido e sentindo que aquilo poderia degenerar em choque no Nordeste. Mas nós estávamos fora, eu pelo menos, fora da conspiração, de maneira que não imaginava que aquilo pudesse ser ligado...

L.H. - Quer dizer, para quem estava fora da conspiração a idéia era de que seria um choque localizado?

A.M. - Mais ou menos localizado. Porque era realmente por uma coisa pessoal: choques de família, choques de problemas políticos locais, que foram explorados para se transformar num caso nacional. Essa é que é a verdade. Mais tarde quando fui para o Nordeste, eu soube de outros pormenores. Fui ser amigo de muita gente, inclusive do Zé Américo.

Mas esse problema, então, a gente sentia. Havia simpatia, vamos dizer, mais do que propriamente... Quando houve a morte de João Pessoa, foi um estarrecimento, e começou aquele problema da Aliança Liberal e de Minas... Nós acompanhávamos, naturalmente, mesmo sem ter uma posição definida.

L.H. - A própria imprensa, como é que ela se posicionava?

A.M. - Bem, depende. Por exemplo, o Correio da Manhã era inteiramente revolucionário. O País, menos. A Gazeta de Notícias também menos. Naquele tempo O Globo, A Noite, A Vanguarda...

L.H. - Francamente revolucionário era o Correio da Manhã?

A.M. - E A Vanguarda. Esses dois é que eram. O homem de A Vanguarda era um grande jornalista polêmico. Mas havia então um sentimento de simpatia para com os que eram contra o Washington Luís.

Nessa ocasião, pouco antes de outubro, houve uma grande manobra. Essa manobra, no meu caso particular, me marcou muito, porque foi a primeira vez que se fez uma manobra conjunta do Exército com a Marinha, com tropa de desembarque. A tropa de desembarque de artilharia escolhida foi a minha. Eu saí da Vila Militar, fui a cavalo até São Cristóvão, onde pernoitei, no outro dia embarcamos no navio Itaguaçu, que estava vazio, era um navio cargueiro, com os porões vazios, e havia soldados de infantaria, fuzileiros e soldados de artilharia, que éramos nós. Os cavalos eram apanhados por meio de guindastes, com tirantes por baixo da barriga. Eles ficavam murchos, absolutamente acovardados. Esses cavalos ficaram no convés do navio. Fizemos uma espécie de baia, os canhões, a forragem e os soldados, num porão bem lá de baixo e pegamos um dia inteiro de manobras em que...

L.H. - Mas isso foi às vésperas da revolução? E qual era o sentido disso? Era apenas militar?

A.M. - Exercício e treinamento. A manobra é uma solução hipotética de uma operação de guerra.

L.H. - Mas é muito curioso que isso tenha acontecido às vésperas da revolução.

A.M. - Não, não, não. Era da instrução. Era da instrução. Era do programa. Foi coincidência pura. Mas então passamos num navio, comboiado, e a esquadra brasileira comboiando. Pegamos um mar alto violento. Todo mundo enjoava. Chegou uma hora que não havia mais ninguém para segurar os cavalos, começou a chover, os cavalos caíam, e ficamos com medo que eles ficassem presos pelas coleiras e morressem enforcados. Então eu, numa certa hora, desci por aquelas escadinhas de 'quebra peito' até o segundo porão, onde estava a soldadesca... Uma coisa horrível! Todo mundo enjoando... Um pavor. E eu saí correndo para não enjoar também... Até que às oito ou nove da noite entramos na Enseada de Abraão. Em Angra. Aí nós respiramos. No dia seguinte houve a operação de desembarque simulada, com a Marinha atirando. Minha bateria desembarcou. O presidente Washington Luís compareceu, e o Azeredo Coutinho o saudou. Ele fez uma saudação de fidelidade ao Washington Luís.

L.H. - Não soou estranho isso, não?

A.M. - Não, não soou. Porque o espírito de disciplina, haja o que houver, é arraigado.

L.H. - O senhor acha que a cúpula do Exército estava fiel ao Washington Luís?

A.M. - Ah, estava.

L.H. - Esse fermento revolucionário, isso tudo pegava mais a tenentada?

A.M. - Eu era tenente e não estava influenciado, mas eu tinha simpatia e amigos inteiramente engajados. Como o Juraci, como os irmãos Geisel, como uma porção de

outros. Eu me dava com uma porção deles. Sempre tive muita independência, de maneira que sempre tive amigos de um lado e amigos de outro, porque eu não me envolvia.

L.H. - Agora, de capitão para cima...

A.M. - Havia muita gente, mas a grande maioria era... Não digo de capitão para cima. Havia também... É muito difícil dar a percentagem, por isso prefiro não dar.

L.H. - Mas em geral era a oficialidade mais jovem mesmo, os mais modernos?

A.M. - Ah, os mais modernos é que eram os mais revolucionários, contra o governo. Aliás é sempre assim... Mas então, isso foi chegando a um ponto que... Houve essa declaração do Azeredo Coutinho - isso vai influenciar a atitude dele depois, na Revolução, por isso que estou contando - em que ele fez uma saudação para mostrar o respeito e a fidelidade ao presidente.

No dia 3 de outubro houve o levante no Rio Grande, no Nordeste, em Minas. E o governo se dispôs a enfrentar esse problema. Do Nordeste vem o primeiro levante, as primeiras notícias, principalmente chocou muito a morte do Vanderley.

L.H. - Já naquela hora se sabia quem, afinal, tinha atirado no Vanderlei?

A.M. - Ninguém sabia. Todo mundo sabia que tinha sido um grupo ligado ao Carioquinha.

L.H. - Mas não havia notícias ainda que tinha sido o próprio Agildo?

A.M. - Eu tenho dúvida que tivesse sido o Agildo. O Agildo comandou a operação. Nesse momento morreu um colega meu de turma, o ajudante-de-ordens do Vanderley. Nós o chamávamos 'O Gordo'. Morreu em cima da escada. Quando a turma do Carioquinha avançou pela escada do quartel-general, ele se colocou na frente e alguém, ou o Carioquinha, atirou, matou-o e foi lá pegar o Vanderley.

L.H. - Numa situação de guerra é muito difícil determinar.

A.M. - Eu prefiro não entrar nesta questão. Porque dizem: "Ah, ele assassinou." Não, ele combateu. A gente não pode dizer. Eu não acuso. Agora, no Paraná tivemos notícia da morte, no dia 5... Primeiro houve, no dia 3, o levante no Rio Grande, dois dias depois no Paraná. Deste levante sei um pouco mais porque não só fui servir no Paraná, como o meu pai estava no Paraná. Houve o levante no Rio Grande. Não tivemos notícias inicialmente, só mais tarde é que começamos, através dos companheiros, a saber o que se tinha passado.

L.H. - Quem comandou o levante no Paraná? Temos poucas informações a respeito disso, talvez o senhor nos pudesse ajudar.

A.M. - Sei por ouvir dizer. O levante, no Paraná, para mim, foi dirigido pelo capitão Carlos Amorety Osório. Pelo menos foi um dos principais chefes. Foi o homem que matou o Correia Lima. Ele me convidou para entrar para o comunismo, em 1931. Esse era um dos chefes.

L.H. - Seu pai participou?

A.M. - Não, meu pai era comandante da polícia, ficou ao lado do Afonso Camargo. Mas teve o respeito absoluto, porque ele também não era engajado ao governo. Manteve ali a ordem e, principalmente, procurou servir todo mundo lá. Ficou depois morando lá, respeitado por gregos e troianos, tinha amigos dos dois lados. Aliás, quem assumiu a interventoria do estado foi o Mário Tourinho, que era nosso primo. Era primo-irmão e muito amigo. O Plínio, que é o pai desse general Tourinho, também era primo-irmão da minha mãe e também amizade de família. De maneira que o Paraná é uma família só, já contei isso. O pessoal que era do Paraná, naquele tempo, era todo interligado.

Mas o chefe maior foi o Amorety, foi o Vicente Maia de Castro. Esse é um homem muito interessante, depois falarei sobre ele. Havia aqueles excitados e outros nomes que não recordo. Nessa ocasião estava lá o João Cândido Pereira de Castro Júnior, que foi o meu fiscal, era o comandante do regimento e estava interinamente no comando da brigada. Ele foi preso lá, depois estive com ele. Havia o Brasília Taborda, que era um chefe muito respeitado. Foi um dos homens da Revolução de 32, estava lá também, foi preso.

L.H. - Eles ficaram contra a revolução?

A.M. - Contra a revolução. O Dalmo Ribeiro de Resende estava em Curitiba, também ficou contra a revolução e foi preso. Lá foi exatamente o pessoal de menor... Basta dizer que de postos mais altos foram buscar o Martolino, que era da reserva, e o Plínio, que era oficial, mas era professor. Um ficou no comando da região; o outro, interventor, não me recordo bem.

L.H. - O senhor dizia que as notícias não chegavam.

A.M. - Não. Eu procurava saber notícias do meu pai, fui saber quase tudo depois. Meu pai também não tinha notícias nossas, minhas e de meu irmão José Cândido, que estava na aviação. Meu pai tentava saber notícias, mas não conseguia, e nós também queríamos saber do meu pai e não conseguíamos.

O mês de outubro foi, aqui no Rio, um mês em que a tropa ficou contida, o Washington Luís começou a preparar os destacamentos para enfrentar as diferentes frentes. Chegou a organizar um destacamento que embarcou para o Norte, para desembarcar na Bahia, ou em Pernambuco, e acabou não desembarcando.

L.H. - E prontidão?

A.M. - Aqui no Rio prontidão imediatamente. Ah, isso no mesmo momento. Esse destacamento chegou a sair. Foi organizado um destacamento que seguiu para Minas, uma das baterias do nosso regimento, do Ismar Palmério Escobar seguiu. Chegou a se organizar a tropa que enfrentaria a tropa que vinha do Sul, do Rio Grande e do Paraná. A célebre Batalha de Itararé, que não existiu. A maior batalha, como caçoava o barão de Itararé. O Aporelli.

L.H. - A capital federal, então, estava-se organizando para a reação?

A.M. - Estava. Aí é que entro eu tomando contato. Na vida do regimento, há ocasiões em que recebemos o recruta, lhe damos instrução, e eles saem. Então, as baterias ficam vazias, praticamente só com os quadros. Uma bateria de 150 homens, mais ou menos, passa para trinta, quarenta. Só ficam os oficiais, os sargentos, alguns cabos, alguns soldados. A minha bateria estava exatamente nessa situação. Eu era tenente, mas comandava a bateria. Tinha como subalterno o Carlos Terra, que também era companheiro de turma do Ernesto Geisel.

O Washington Luís, sentindo o volume de gente que se levantava contra ele, resolveu fazer uma chamada de reservistas. Chamou as duas ou três últimas turmas dos reservistas.

L.H. - Isso representava um contingente de mais ou menos...

A.M. - No regimento nós tínhamos a minha bateria, nesse estado; umas três baterias organizadas, onde a 6^a, que segui para... Porque havia também flutuações. Às vezes, por economia, umas baterias ficavam sem efetivo, outras com efetivo. Eu estava sem efetivo. O regimento, de repente, recebeu uns oitocentos homens, reservistas, e recebemos ordem de nos prepararmos para embarcar imediatamente. Eu tive ordem de, em quatro dias, preparar para embarcar. Essa gente chegou já destreinada, já na vida civil. Precisava se reenquadrar. Por causa disso ficamos trabalhando como uns loucos. De dia nós dávamos instruções, fazíamos um pouco de administração. À noite fazíamos a parte de administração e íamos dormir às três, quatro horas da manhã, para às cinco já estar em pé. Nós começamos, então, a fazer o trabalho.

Falei que artilharia montada era um problema... Nós não tínhamos cavalos suficientes para a bateria. Então recebemos todos os cavalos de montaria da Escola de Aperfeiçoamento, para treiná-los e passá-los a cavalos de tração. Transformar um cavalo de montaria em cavalo de tração, com rapidez, é um loucura.

[FINAL DA FITA 5-B]

A.M. - Para preparar um cavalo de tração a gente recebe um cavalo que já é domado mas que nunca tracionou. E que quando muito, está acostumado a ter alguém que lhe monte. Para puxar um canhão, o sistema de tração usado é de três parelhas: uma parilha guia, uma parilha média e uma parilha tronca. A parilha troca fica bem encostada na peça - geralmente são cavalos mais fortes e mais pesados - e fica presa num balancim. Mas os cavalos da parilha guia e da parilha tronca são presos por cabos que se chamam tirantes, que são uma espécie de corda que se prende de um lado na molhelha e do outro no balancim. Então o cavalo puxa. Existe o tirante normal e o tirante de prolonga, que engata no normal, para poder ficar o cavalo da frente ligado cá atrás. Quando se pega um cavalo de montaria para transformar num cavalo de tração, a gente bota o arreio. O cavalo reage, mas, como está acostumado a ser montado, não briga demais. Depois se pega o tirante, com a prolonga, e ficam dois soldados, cá atrás: um segurando em cada tirante, e na frente um soldado que puxa. Então, à medida que eles vão andando, vai puxando o cavalo, os soldados atrás pegam o tirante e jogam para bater no quarto, e o cavalo dá um coice. Daqui a pouco, "pá" do outro lado -outro coice. E vai assim de coice em coice, até que chega o momento em que ele vê que não adianta mais coicear. Então é o que se chama "tirar cócega". Enquanto o cavalo não tira a cócega, ele não pode ser atrelado para puxar. Eu, até

hoje, não gosto de homem que tem cócega... Eu gosto de homem que sabe reagir normalmente. Até hoje uso muito. Não sei se você já me ouviu dizer isso.

L.H. - Quer dizer, o senhor tinha quatro dias para preparar oitocentos reservistas e os cavalos, para poder partir?

A.M. - Primeiro eu tinha recebido o pessoal. Tinha fardado, tinha começado uma instrução mais ou menos e, de repente, me entregam uns oitenta cavalos ou coisa o que valha, e mais a ordem para preparar para embarcar. Então passei quase que sem dormir, sem dormir, sem dormir. Felizmente, quando fiquei pronto, veio o dia 24.

L.H. - Mas anteontem o senhor nos tinha dito que ficou contra a Revolução de 30 por causa do Alcio Souto.

A.M. - Agora eu vou entrar. Naturalmente que, quando rebentou a revolução, houve uma mudança no ânimo da guarnição. Imediatamente começaram verdadeiramente os entendimentos e as conspirações. Essas conspirações e esses entendimentos se processaram em várias partes, principalmente na Escola de Estado-Maior, no Estado-Maior do Exército, onde o Alcio acabava de sair para ir se arregimentar. O Alcio estava há um ano conosco. O Alcio, então, tinha saído desse meio onde a conspiração se passava. O comandante do regimento no momento era o tenente-coronel Hermes Severiano d'Allencourt Fonseca. Segundo sogro do Edmundo de Macedo Soares e Silva. A Alcina é filha dele. Esse ambiente, naturalmente, começou a fermentar no Rio de Janeiro, mas havia o pessoal com o espírito da legalidade, que permanece em qualquer situação. Há aqueles que intransigentemente se botam ao lado da legalidade, contra a revolta, e eu fiquei nessa posição. Não tinha o ânimo de revolução. E o Alcio tomou a posição de ficar ao lado do governo. E Ele tinha realmente uma ascendência grande sobre a maior parte dos tenentes. Ele tinha nos conquistado pelo saber e pela camaradagem. O Alcio era um homem de grande cultura, muito simples, às vezes violento, depois vinha pedir desculpas das agressões verbais que ele... Mas ele tinha realmente prestígio conosco. E esse grupo de tenentes, principalmente o Gabriel, o Antônio Henrique de Almeida Morais, Carlos Terra, o Rebelo, eu... Quem mais estava lá?

L.H. - Quer dizer, o prestígio da liderança, então, foi maior do que o ânimo revolucionário?

A.M. - Ah, foi. Porque nós não tínhamos, verdadeiramente, um ânimo revolucionário. Não tomei parte em conspiração. No Rio havia uma efervescência, sem chegar... Só nesse período, quando rebentou a revolução, no dia 3, aí é que começou, mas, mesmo assim, dentro do regime não se chegou... Inclusive o major comandante do 1º grupo, que era um gaúcho, era do lado dos gaúchos, não fez conspiração dentro do regimento. Respeitou o comandante.

L.H. - Eram mais entendimentos, propriamente, do que conspiração?

A.M. - Do que conspiração. Exatamente. Do nosso lado, o 15 de cavalaria era comandado pelo Dutra, Eurico Gaspar Dutra, que também tinha uma situação de firmeza. O quartel, um ao lado do outro. Do outro lado da Vila tinha o 1º. e o 2º. de infantaria, onde estava o pessoal mais exaltado - aquele que tinha seguido com o Maurício Cardoso para o Nordeste. Aí sim, houve realmente conspiração, dentro do 1º. de infantaria.

L.H. - Mas já tinham sido pinçados os elementos para ir para o Nordeste, de modo que o que sobrou...

A.M. - Era também gente boa, mas não era capaz de fazer sozinha o movimento. Tinha que esperar uma situação de emergência. Agora, onde houve mais conspiração foi na parte do Estado-Maior do Exército e na Escola de Estado-Maior. Aí é que foram fazer força. E eu me lembro, ainda, que o Inácio José Veríssimo, que morreu como marechal e era capitão, foi lá falar com o Alcio, às vésperas do dia 24. Dia 23 ou 20, não me recordo mais. Foi falar com o Alcio para ver se o convencia a se levantar e o Alcio disse que não. E depois nos contou. O Alcio tinha uma confiança absoluta nesse grupo de tenentes que estava com ele. Ele nos contou que tinha sido convidado, mas que ele tinha declarado que não. Eu disse: "Capitão, pode ficar certo que nós ficamos do seu lado." E ele disse que ficava ao lado do Coronel Allencourt. Então, dentro desse ambiente, o regimento se isolou dos demais órgãos e todo mundo ficou sabendo, mais ou menos, que com o 1º. de artilharia não se contava para nada. Como não contava com 15, onde estava o Dutra. E dentro desse ambiente, eu não ia em casa, mas pedi uma permissão, um certo dia, para ir almoçar em casa. A cavalo seriam 15 minutos, ia e voltava. E meu irmão da Aeronáutica estava lá, louco para falar comigo. Porque na Escola de Aviação a coisa já estava se preparando para levantar. E ele queria me dizer. Ele estava ligado, já nessa efervescência toda. Mas quando ele chegou, começamos a conversar e eu mostrei a minha disposição de ficar ao lado do Alcio e do regimento. Ele então se guardou.

L.H. - Quem comandava a Escola de Aviação, naquela época? O senhor se lembra?

A.M. - Não me recordo. Eu me lembro que lá estava o Vasco Alves Seco; estava o Ivo... o que morreu há pouco tempo, eu não me lembro...

L.H. - Quer dizer: era companheiro de seu irmão na Escola de Aviação?

A.M. - Mas meu irmão ficou sem saber o que dizer. Então preferiu calar. E ficamos assim. Mas aí se dá, nesse ambiente, porque o Rio já estava tumultuado. Em torno do dia 20 já tinha saído tropas para Minas, tropas para o Nordeste, tinham saído tropas para São Paulo, lá para a frente de Itararé, o que tinha os remanescentes aqui no Rio, era para guardar a situação, o presidente.

L.H. - Notícias da Marinha vocês tinham?

A.M. - Não tinha Marinha. Briga de terra, a Marinha não se mete. Era natural.

A.C. - Qual era a função do 1º. RAM nesse caso?

A.M. - Tínhamos, no momento, era que pensar em não nos revoltar. Já tinha saído uma bateria para Minas, e eu estava com ordens de preparar, para sair para, talvez, São Paulo. Não sei nem para onde. Tive ordens de me preparar para receber ordem de embarcar. De maneira que eu não sei nem para onde iam me mandar. E assim também uma outra bateria, porque eram três as baterias que iam sair. De maneira que nós estávamos prontos para fornecer tropas para brigar em qualquer lugar.

Nisso, chega o 24 de outubro. Lá pelas duas horas da madrugada, chegou a notícia de que tinha havido um movimento e que estava-se preparando a deposição do presidente. E a Vila Militar acordou em pura efervescência. Os regimentos de infantaria, de um lado da Vila... Porque a Vila tem uma parte central, onde está a Escola de Aperfeiçoamento... "Naquele tempo tinha a carrière, um picadeiro. De um lado tinha: 1º. de artilharia, 15 de cavalaria e o batalhão de engenharia; do outro lado, 1º. de infantaria, 2º. de infantaria e mais a Escola de Sargentos. Então, vamos dizer, ficava a infantaria de um lado e as outras armas do outro. Então, do lado da infantaria, o pessoal todo resolveu aderir; e, do lado de cá, ninguém aderiu. Ninguém aderiu. E ficou aquilo: choca, não choca, e o ambiente dentro do quartel... Às seis horas da manhã o coronel Allencourt reuniu a oficialidade toda, informou da situação, que tinha sabido: o coronel Apolônio estava comandando a brigada aqui embaixo, no Rio de Janeiro. Declarou que a posição dele era ficar ao lado do presidente e queria saber com quem ele contava. Toda a oficialidade, menos três, se declarou a favor. Esses três eram: Expedito Mendes Correia, tenente; Ário Rodrigues Ribas, e um outro que não lembro. Esses três ele prendeu imediatamente. Mais tarde, dois fugiram e foram se unir à Escola de Aviação. Somente restou o Expedito. (Estou chamando a atenção para isso porque vai ter influência no futuro) Dentro do quartel, naturalmente, começou também a guerra, depois dessa fermentação. E essa fermentação foi num crescendo... Porque os reservistas, dentro do quartel, estavam ficando apavorados. Eles tinham sido chamados, estavam lá obrigados, muitos deles a favor da revolução, e muitos deles sentindo que estavam ficando isolados, que amanhã seríamos atacados, que entraríamos em luta e que eles podiam morrer. Então foi ficando um ambiente pesado dentro do quartel, uma coisa horrível. Daí a pouco, os oficiais também, alguns elementos, começaram a querer tomar posição, o que é normal. E nesse ambiente, de repente, lá para uma ou duas da tarde, o coronel Allencourt reúne os oficiais e declara o seguinte: "Meus senhores, estou acabando de saber que querem soltar o tenente Expedito. Eu não o deixarei e quero que os senhores lutem, e nós vamos resistir aqui até o fim. Podem ir embora." Voltamos e nos preparamos para evitar que o Expedito fosse solto. Então dentro do quartel...

L.H. - Essa tentativa de soltar o Expedito viria de fora do quartel?

A.M. - De dentro do quartel. De dentro do quartel. A senhora não sabe o que é um ambiente desses, com novecentos homens dentro do quartel, gente que não está enquadrada. Os reservistas, setecentos homens...

A.C. - General, isso tudo já conseqüência da indefinição, quer dizer, da definição da luta no sentido oposto àquela que o quartel... Quer dizer, minou por dentro ...

A.M. - Exatamente. Sentindo aquela posição, chegou um momento em que nós, os tenentes, com o Álcio... O Álcio nos reuniu e disse - o Expedito estava preso no pavilhão principal - : "Vamos bloquear, vamos meter metralhadora aqui, descer para ficar lá, você vai fazer isso..." Eu corri para a minha reserva, que é o lugar onde fica... Quando falar reserva... reserva, às vezes, é o lugar onde fica o chefe. Eu corri para a minha reserva, mandei buscar uma metralhadora, coloquei-a em posição, carreguei-a e fiquei eu mesmo ali perto, pronto para quando começasse qualquer coisa, eu desencadear e resistir com os homens de minha confiança do meu lado. E, assim, nesse ambiente, daqui a pouco eu via a possibilidade de ter que atacar a infantaria... num ambiente que cada vez empestava, empestava, estava a ponto de haver uma explosão. Quando chega à Vila Militar, lá pelas três, quatro horas da tarde, o general Pantaleão Teles, com Ferlich - Eleutério Brum Ferlich - ajudante-de-ordens dele, e foi direto para o regimento. Então, quando houve isso, parou. Naquela atmosfera houve uma pausa. Naquela pausa, nós, oficiais, fomos para a frente do quartel. O pavilhão tinha uma escada. O pavilhão central é o único que tem dois andares, tem uma escadaria central e uma escadaria interna. Nós ficamos ali, nessa escadaria da frente do quartel, e a soldadesca foi se juntando -soldados, sargentos - ao lado do pavilhão, quando viram o general chegar.

Ele chegou, parou no meio da avenida Duque de Caxias, e o coronel Allencourt saiu ao encontro dele. Nós não sabíamos... Alguma coisa estava acontecendo. Ficamos todos... Nesse momento, depois de uma conversa que pareceu longa para nós, o Coronel Allencourt nos chama: "Meus senhores, o presidente Washington Luíz acaba de ser deposto. Não há mais motivo para a nossa resistência. Eu não sou mais comandante desse regimento". Esse homem era de uma dignidade... Nós dissemos : "Comandante, nós também vamos embora!" E ele: "Não senhor. Este regimento tem que ficar com os senhores. Os senhores têm que dar uma ordem neste regimento."

L.H. - Quer dizer, ele foi destituído do comando?

A.M. - Não! Ele saiu. Ele chamou o mais antigo, que era o major não sei o quê, passou o comando ali, na nossa frente, e retirou-se para casa. Estourou, como um rastilho, aquela notícia. E houve nesse momento uma coisa por demais impressionante: toda a angústia, todo o pânico contido explodiu. E os sargentos e a soldadesca começaram: "Hê, hê, hê..." Uma anarquia absoluta. E nós, oficiais, olhamos uns para os outros, nos encostamos na parede, nem falamos, só dissemos assim: "Vamos!" E pusemos o regimento em forma, à coronhada.

L.H. - Porque o risco era terrível...

A.M. - Porque, se houvesse qualquer coisa, pegava fogo. E o corneteiro tocando formatura, sem parar. E assim nós fomos, fomos, fomos. De vez em quando havia um mais exaltado, e a gente de revólver na mão a bater: "Ande, vamos!" E pusemos o regimento em forma.

A.C. - Ameaça de desagregação total mesmo.

A.M. - E nós contivemos. Esse grupo de tenentes era realmente... muito amigo. Pusemos em forma, e aí o major resolveu fazer o seguinte: "Está terminada a revolução." E começou a dar dispensas para o pessoal sair, para aliviar. Então vamos organizar turmas do pessoal

para sair para casa. E eu ainda me lembro de que recebi um recado da Ondina: se eu não ia para a casa e que estava satisfeita que tinha acabado a revolução. Eu disse: "Não vou." Fiquei três dias ainda dentro do regimento, sem sair. Era aquela angústia e a responsabilidade. Bom, esse foi o 24 de outubro de 1930 no 1º. RAM.

Ao lado, o 15, com o Dutra, também se manteve numa atitude firme. O Dutra esteve sempre em ligação com o Allencourt, ambos iam resistir ao levante. E o ambiente lá empestou, porque -eu me esqueci - os aviões da Escola de Aviação sobrevoaram o regimento jogando mensagens para o Alcio, pedindo a ele que aderisse à revolução. E aquilo aumentou o pânico dentro do quartel a angústia daquela gente. Aquela gente estava contida pela força da disciplina e vontade dos chefes.

A.C. - E que foi feito do Alcio, quando o comandante se demitiu?

A.M. - Vamos devagar, vamos devagar...

L.H. - O Dutra perdeu o comando também, do 15?

A.M. - Não. Lá no 15 não houve nada. Lá no nosso também não houve nada, a não ser essa hora quando o Allencourt voltou e disse... Aí houve essa explosão, que nós também contivemos.

No dia seguinte, veio assumir o comando do regime o coronel... Era um homem que era positivista... Bandeira. E logo em seguida o Olímpio de Vasconcelos. Era revoltado com o pessoal que começou a jogar os revoltosos lá para dentro. Vieram outros companheiros amigos nossos, de quem sou amigo até hoje, que foram para lá, e começamos então a formar um ambiente.

No dia 27 - aí é outra coisa também que muito pouca gente sabe - houve no Rio de Janeiro, já a situação contida, um movimento que atribuem aos comunistas. Eu não tenho base para dizer sim ou não. O que eu posso garantir é que no dia 27 começaram aparecer uns boatos: o 1º. de infantaria vai atacar o 1º. de artilharia... Começaram a boatar de que uma tropa ia atacar a outra. E houve um corre-corre. Inclusive o 1º. de infantaria chegou a embarcar em trens para poder seguir para o Rio de Janeiro, para poder ir reforçar o quartel-general. Foi uma situação de perturbação brutal.

L.H. - Tumulto mesmo?

A.M. - Não houve luta, mas chegou a haver uma bateria tomando posição para enfrentar, para poder resistir. Informações cruzadas, lançadas propositadamente. Informações falsas para criar um clima...

A.C. - Mas seriam num sentido contra a Revolução de 30, ou ninguém sabia o quê?

A.M. - Ninguém soube de quê. Atribuem aos comunistas. Para aproveitar essa situação para ver se dessa situação de inconsistência podia sair alguma coisa. É o que se presume. Eu não tenho certeza. Eu posso dizer é que o dia 27 foi de angústia... Nós éramos, em princípio, contra a revolução. Porque nós fomos os que mais lutamos, dentro do regimento... Porque o pessoal firme, nós impusemos, dentro do regimento, para botar a tropa em forma, para

poder resistir a qualquer ação que viesse. Bom, isso aí, então, é o que muito pouca gente sabe. Principalmente do 1º. RAM, porque eu acho que ninguém contou.

A.C. - Mas no momento em que toma o poder a Junta, o Exército exerce, pelo menos aqui no Rio de Janeiro, um papel importante, de manutenção da ordem, evitando as desordens etc. O senhor acompanhou?

A.M. - Eu acompanhei e não acompanhei. Por uma razão: logo que acabou o dia 24 - e eu tinha dito que não queria ficar e pedido transferência para qualquer lugar do Brasil - eu disse: "Eu não fico. Quero sair do Rio de Janeiro. Não quero mais ficar." Como eu, quase todos os companheiros - aquele grupo mais cerrado, mais ligado ao Alcio. O Alcio também saiu. Mas ele era um homem de grande prestígio dentro do Exército. Ele tinha sido um dos melhores instrutores da Escola de Estado-Maior e era muito respeitado. De maneira que eles deixaram... Ele ficou adido ao Estado-Maior e nós ficamos adidos ao regimento aguardando classificação, antes de seguir destino. Depois, aí, vai começar a minha vida de 31, no Paraná.

L.H. - Eu queria perguntar uma coisa ao senhor, sobre isso ainda: não houve um sentimento de vingança muito grande, dos vencedores de 30, em relação, por exemplo, ao 1º. regimento, etc.?

A.M. - Eu vou dizer uma coisa: enquanto os movimentos no Brasil foram de ordem política, nunca senti, no Exército, animosidade entre os elementos de campos opostos. Eu só fui sentir isso, quando apareceu o problema ideológico. Então já vou dar notícias para confirmar isso: Em primeiro lugar, nós tínhamos tomado uma posição contra a revolução. A primeira coisa que fizemos, quando começaram a chegar as tropas - elas continuavam a vir para o Rio de Janeiro -, quando chegaram os meus amigos do Rio Grande, eu fui visitar a todos. Fui visitar o Ernesto, com o grupo dele, perto de onde hoje é o Maracanã; fui visitar o Orlando e o Henrique, que tinham vindo de Cachoeira; fui visitar outros amigos, o Sarmento e outros que tinham vindo do Paraná. A maior cordialidade e aquele ambiente de satisfação. Quando chegou o pessoal do Nordeste, quando chegou o Juarez, que eu naquele tempo não conhecia, mas era amigo do Mamede, era amigo do Juraci, era amigo do Landry..., - eu fui procurá-los, inclusive o Carioquinha. Eu gostava muito do Carioquinha - do Agildo. Porque ele era um grande oficial, o segundo aluno da turma dele. Então, não havia animosidade absolutamente... pelo contrário: uma confraternização absoluta. Acabou a revolução, no nosso meio... Por exemplo, dias depois eu estive no quartel-general com o Miranda Correia. O Miranda Correia tinha vindo do Sul com o Góis Monteiro e tinha sido encarregado do inquérito. Ele é muito acusado... Toda vez que um indivíduo é encarregado de um inquérito, sobre ele recaem culpas de muita coisa que ele não fez. E, assim, até hoje ainda se acusa o Miranda Correia. Eu estive com ele e ele ainda disse: "Como é, Muricy?" Era amizade, camaradagem. Ele encarregado do inquérito, e eu, um homem que tinha me colocado em pronto para lutar contra ele. Amizade completa. Aqueles oficiais que anteriormente estavam presos no regimento, que eu falei...

L.H. - O Expedito?

A.M. - Depois eu falo do problema do Expedito. Mas o Roberto Carneiro de Mendonça, eu fui procurá-lo imediatamente e continuamos com a mesma amizade. Depois vai aparecer essa amizade num episódio seguinte.

L.H. - E na cúpula do Exército, havia um sentimento de...?

A.M. - Na cúpula do Exército também... E aí entra um dos pontos por que falei na manobra do Azeredo Coutinho. O Azeredo Coutinho foi convidado para permanecer na região.

L.H. - Mesmo tendo se manifestado...?

A.M. - Porque ele era um homem... É o que eu digo: conheciam-se os homens, são homens que por convicção, e não por política, tomaram uma posição. Por convicção, por disciplina... Então o Azeredo Coutinho foi convidado. Ele é que não aceitou. Ele disse: "Eu tinha uma posição ao lado do Washington Luís. O presidente caiu, eu caio com ele."

A.C. - Havia, como o senhor está mostrando muito bem hoje, uma lealdade da cúpula militar, dos comandos importantes à política...

A.M. - Ah, absoluta!

[FINAL DA FITA 6-A]

A.M. - Não há dúvida. Por exemplo, eu estou me lembrando de coisas aqui. O João Gomes. Um exemplo dele também, firme.

L.H. - O filho do João Gomes chegou a ir de avião a Minas?

A.M. - Não, isso é 32. Ele vai morrer num desastre de avião lá em Santos.

L.H. - Mas houve uma notícia de que em 30 o filho do João Gomes sobrevoou a área de Minas.

A.M. - Sobrevoou, para informação, o Zé Leite. Mas então, aí termina a minha atuação com a Revolução de 30.

A.C. - Eu queria perguntar ao senhor ainda sobre um assunto importante.

A.M. - [inaudível] Um, eu já falei, o Azeredo Coutinho; o outro, o Expedito. Naquela confusão, quando o Expedito estava preso, que o comandante nos avisou que iriam soltá-lo, que ele ia resistir e nós nos preparamos, o Expedito teve a seguinte... Disse: "Não quero que me soltem, porque eu vou ser solto daqui a pouco. Se vocês quiserem me soltar agora, vai haver uma luta, vai haver mortes, e eu não quero."

L.H. - Ele preferiu aguardar os acontecimentos lá dentro.

A.M. - Nós não morremos nesse dia por causa do Expedito. Para mostrar que ele tinha razão, no dia 24 à noite, nós estamos na praça, naquela situação abafada, quando chega para mim o meu ordenança, o Alcebíades: "Tenente, o senhor sabe que a sua metralhadora está sem percussor?" E eu: "Como?!" E estava. Fui rápido, desmontei: eu não ia dar um tiro com a minha metralhadora. Acabei vendo que foi um segundo-sargento que tinha tirado. Reuni os sargentos, e eles foram de uma lealdade comigo assim... tendo sido desleais, eles disseram: "Tenente, o senhor sabe como nós gostamos do senhor, como nós lutamos ao lado do senhor. Mas nós sentimos que se o senhor começasse a disparar, isso ia ser... E nós estávamos apavorados." Isso foi o sargento Florísio, que era um dos homens mais valentes que havia lá. Continuou: "Nós estávamos apavorados. Então, nessa hora, nós sentimos que era preciso evitar o choque, de qualquer maneira. Então nós tiramos o percussor." Confessaram.

L.H. - Tiraram de todas as metralhadoras?

A.M. - Das outras eu não sei.

A.C. - Mas isso tudo na expectativa de que o Expedito tivesse sido solto?

A.M. - Se quisessem lutar para tirar o Expedito. Porque estavam se preparando. Se eles fossem livrar o Expedito, eu estaria pronto para enfrentá-los, a quem fosse tirar o Expedito. E eles não queriam, nessa hora... Tiraram para eu não poder enfrentar.

A.C. - Então ele mesmo pediu isso.

A.M. - Ele não quis. Mas se ele não tivesse feito isso, teriam ido livrá-lo, e eu, naquela hora, ia pegar a metralhadora e ia ver que não funcionava, engasgava.

A.C. - A sensatez partiu dele mesmo. Do próprio preso.

L.H. - Mas o senhor falou que queria falar sobre três pontos.

A.M. - Outro ponto é sobre o Pereira. Eu falei naquela escada que tinha lá. Eu falei com a senhora, outro dia, sobre os brigadas. O brigada Pereira era um homem alto, mulato, pernóstico. Eu contei a história: "Sabe escrever esta palavra, maquinista?" E era de uma energia! Os outros sargentos tinham mais medo dele do que de um de nós, tenentes. Esse homem, um dia, tem um derrame. Acordou, sentiu-se mal. Morava no morro do Capão, lá na Vila. Começou, chamou a mulher, não sei o quê, e viu que era hora de ir para o quartel. Ele entrava, todos os dias, às seis horas da manhã. Esse homem fardou-se, vestiu-se, meio paralisado, meio trôpego, saiu para o quartel. A mulher e os filhos diziam: "Mas, Pereira..." Ele foi, foi, foi, quando chegou, meio se arrastando, quando chegou em frente do sentinela do portão das armas - que é o portão principal -, perfilou-se, passou, fez a continência regulamentar, subiu as escadas de gatinhas, foi até a mesa dele, sentou e caiu. Não conheço outro caso igual. Esse homem ficou uns dois ou três meses hemiplégico, paralisado, depois morreu. Não conheço outro caso semelhante. E eu faço questão de deixar consignado isso em memória desse homem.

A.C. - Ainda sobre 30, o senhor falou nesses inquéritos que houve e que sempre se atribuíam culpas e responsabilidades a pessoas que não tinham. O senhor poderia falar sobre isso? Porque, na verdade, houve uma série de tentativas de tribunais, de julgamento etc...

A.M. - Não houve tentativas de tribunais. Eu não me recordo, pelo menos. Como eu disse, eu tenho estado contra, e sendo um tenentinho, eu conhecia muito bem os meus amigos tenentes e alguns oficiais superiores, com os quais eu tinha privado por causa das minhas ligações da EAO, do comando... Eu sempre fui um tenente muito vibrante, de maneira que conhecia muita gente. Eu não tenho como dizer... Lembro que foi feito o inquérito. Lembro que o Miranda Correia era o encarregado, ou ele ou outros com ele, o fato é que ele ainda falou comigo sobre o 1º.RAM. Ele disse: "Pois é, vocês tiveram atitude..." Nunca senti animosidade. E não tenho informações sobre esse ponto. Não tive acesso...

A.C. - Mas ele foi acusado de quê? O senhor não disse que ele tinha sido acusado de muita coisa que ele não fez?

A.M. - Foi de ter sido violento. O que há, geralmente, é que em todos esses inquéritos tem os encarregados e tem os executantes. E nem sempre os executantes são pacíficos ou são tranquilos. Então, sempre há excessos. E esse foi um dos motivos por que eu fui para o Recife, depois de 64. Quando chegar lá, eu vou contar.

3ª Entrevista: 24.02.1981

L.H. - General, o senhor nos prometeu hoje contar a origem do nome Muricy. E nós gostaríamos de ouvir.

A.M. - O meu bisavô era José Cândido da Silva Pereira, comerciante português, radicado na Bahia. Lá, ele teve dois ou três filhos. Um deles, o meu avô José Cândido da Silva Muricy, que foi o médico que foi para o Paraná.

Quando o meu avô se formou em medicina, mais ou menos por volta de 1840, a turma dele estava dominada por um sentimento nacionalista exacerbado, como houve em várias épocas do Brasil. Então, adotou-se o hábito de, na hora da formatura, escolherem nomes genuinamente brasileiros. Assim houve os Mangabeiras, assim houve uma porção de nomes - não me recordo, mas procurando vê-se. E meu avô escolheu o nome Muricy, que é um nome indígena de uma planta nordestina, um arbusto que cresce até 4m mais ou menos e que tem uma frutinha amarelada de que fazem a cambica de murici - uma espécie de cachaça -, fazem doce de murici. E ele adotou. Alguns voltaram atrás. Ele manteve. E mais ainda: não só ele manteve como certos familiares adotaram também o nome de Muricy. A irmã dele adotou o nome Muricy. O tio natural dele, o João da Veiga, que era latinista, era professor e tocador de violão, seresteiro, um grande professor na Universidade da Bahia, na Escola da Bahia, adotou também o nome. Era um mulato forte, todo mundo conhecia. Até hoje é considerado um dos bons músicos. E aí já vem o sangue de músico da família, que vem lá de cima. Mas, então, o nome de Muricy ficou.

L.H. - Isso correspondeu a uma fase nacionalista também na literatura. O aparecimento de José de Alencar foi nesse período?

A.M. - Tudo. Pouco depois da Regência, houve uma tentativa de afirmação da nacionalidade. Essa tentativa invadiu todos os setores. Então começam os primeiros romances genuinamente brasileiros, começa a música genuinamente brasileira, começa a escolha de nomes genuinamente brasileiros e por aí afora. Agora, inicialmente, meu avô botava Murici com i. Meu pai é que, rapazinho, botou o y. E toda a família botou o y. Porque os livros de meu avô, encadernados, tinham lá: Murici, com i. E lá na Santa Casa de Misericórdia no Paraná etc., tudo está Murici com i. Esta é a razão do nome de Muricy.

Então o meu avô foi para o Paraná e lá é que ficou o tronco mais forte da família.

Eu estive recordando, ainda, do período do 1º. de artilharia. Há um episódio que engrandece as pessoas, e eu gosto de contar. Quero contar o seguinte episódio, muito interessante: como eu disse, fui morar em Deodoro e a minha primeira mulher era professora na escola em Deodoro. Nessa escola, na turma dela, havia alunos bons, entre eles duas meninas. Uma delas era a Lígia Maria Lessa Bastos, que era neta do comandante da brigada, o general João Gomes Pereira. E, na mesma turma, havia a Nelsina, que era filha de um cabo. As duas, excelentes alunas. Acontece que houve uma prova e nesta prova a Nelsina saiu na frente da Lígia. E minha mulher, muito caxias, em matéria de ensino era rigorosa, deu o primeiro lugar para a Nelsina, e o segundo lugar para a Lígia. A diretora ficou escandalizada. Disse: "Ondina, pelo amor de Deus! Como é que você vai fazer isso?" Ela disse: "O grau é esse, dona... e eu não mudo." E não mudou. No dia seguinte - e agora é que vem o episódio - pára o carro da brigada - a gente morava ali em Deodoro, a brigada era em Deodoro, onde hoje é o Grupo-Escola de Artilharia, o Regimento-Escola - e desce uma senhora que Ondina não conhecia. Bate e diz: "É aqui que mora a dona Ondina Muricy?" Disseram: "É." Então, entra. Ela chegou e disse: "Eu sou a mãe da Lígia, sou a Flora Lessa Bastos. E vim dizer à senhora que, pela primeira vez, fizeram justiça com a minha filha. Eu quero agradecer o benefício que a senhora está fazendo à minha filha, fazendo justiça. Porque ela precisa saber que a gente é o que conquista." E levou uma bandeja de sapatitis. Agora vem o resto. A Lígia foi sempre de um reconhecimento à minha mulher, extraordinário. E uma amiga que até hoje me procura, não falha. A dona Flora, enquanto existiu, a mesma coisa. De maneira que este é um episódio muito interessante a ser contado. Não sei se isto interessa.

L.H. - Muito! Eu queria começar o nosso período pós-30, hoje, com o senhor colocando uma questão que nos tem sido revelada pelos depoentes, pelos livros etc., que foi a situação de uma total subversão da hierarquia militar, logo depois da vitória da Revolução de 30. Os tenentes influenciando muito o gabinete do ministro Leite de Castro. Como é que isso refletiu...?

A.M. - Eu, através da minha vida, não senti isso. Prefiro contar os fatos, para que depois se tirem as conclusões, do que eu tirar as conclusões, que nem sempre serão perfeitas, porque não tive acesso a todos os fatos. Então, em primeiro lugar: a Revolução de 30, salvo no Rio de Janeiro, onde entraram generais, não comportou os altos comandos. No Nordeste, o maior comando foi do Assunção Cardoso, que era coronel.

L.H. - Henrique?

A.M. - Não, pai do Henrique. Ele foi para o Nordeste, pouco antes de outubro de 30, levando o Mamede, levando o Juraci, levando o Carioquina, o Agildo, que eram oficiais que serviam na Vila. E ele servia na Vila. Quando começou a fermentar o problema, ele foi para o Nordeste. No Nordeste, ele era, praticamente, o único oficial superior que tomou parte na revolução. O resto foi tenente e capitão. Em todo o Nordeste. No Paraná houve um coronel, que foi o Plínio Tourinho, mas a massa mesmo foi de capitães e tenentes. O meu velho amigo Dalmo foi dominado. O João Cândido Pereira de Castro Júnior, que foi meu fiscal, era comandante lá também, estava lá no comando da brigada, também foi dominado. O Brasília Taborda, que depois vai tomar parte da Revolução de 32, também foi dominado. Para citar três.

No Rio Grande do Sul, o mesmo episódio acontece. João Batista Mascarenhas de Moraes, por exemplo, estava em Cruz Alta, foi dominado. O comandante da região, o que tinha sido o nosso último comandante na Escola Militar, um grande homem... Eu faço um parêntese: Gil Antônio Dias de Almeida foi o homem que no QG resistiu. Ele foi o nosso último comandante e a ordem do dia com que ele diplomou a nossa turma é uma beleza. "É uma entrada de sangue novo no Exército, depois de três anos de Escola Militar vazia". O Gil era um homem de grande força, de grande prestígio e, principalmente, de uma compostura moral absoluta. O Gil resistiu lá no QG e foi atacado partindo da brigada. Depois, mais tarde, eu servi no Rio Grande e estive reconstituindo os fatos.

Mas o que há de verdade é que realmente, todos os oficiais superiores, alguns resistiram, morreram - o caso do Acauã e outros -, porque houve luta. O pessoal se esquece muito.

A.C. - Eu insisti no fato porque, em geral, quando se fala em Revolução de 30, pensa-se quase numa adesão assim enorme...

A.M. - Não!...

A.C. - E o senhor, justamente, está mostrando que não, que a cúpula militar ficou fiel ao...

A.M. - Ao governo! Ao governo! Ao governo! Apesar de não ter simpatias pelo governo. Mas o dever de lealdade, o dever de obediência à hierarquia é um sentimento que vem lá debaixo. Quando nós chegamos a 64, a grande luta nossa foi vencer esse período, para podermos ir contra o governo que estava levando o Brasil para o caos.

L.M.- Muito mais do que uma fidelidade pessoal, uma fidelidade à ordem?

A.M. - Exatamente. Então, agora, voltando ao presente, eu digo sempre: "Revolucionário não é aquele que esteve ao lado da Revolução de 64. Revolucionário é aquele que tem a alma revolucionária". Muitos dos quais ficaram contra nós, por lealdade ao chefe, por uma questão de posição, não puderam tomar posição.

Então, em 30, esse episódio se deu. No Rio a mesma coisa aconteceu. E em Minas também. Então, que acontece? É que a Revolução de 30 foi uma revolução realmente de tenentes e capitães, e isso trouxe um impacto na hierarquia. E aí eu faço a minha reverência aos velhos chefes: eles souberam, pouco a pouco, ir reconquistando a liderança e se impondo como chefes. E eu vou contar alguns episódios que vão caracterizar isso.

A.C. - Isso já é no grupo de artilharia de Curitiba?

A.M. - Já. Então deixe-me contar aqui... Como eu disse, logo depois da deposição do Washington Luís, todos os oficiais que tinham ficado no 1º. de artilharia, ao lado do Álcio, ao lado do comandante e contra aquele movimento, toda essa oficialidade pediu transferência. Porque nós achávamos que nós não devíamos merecer mais confiança do novo governo e, ao mesmo tempo, nós queríamos botar os nossos cargos, as nossas funções à disposição dos chefes militares.

Realmente, algum tempo depois, meu irmão, esse da aviação, o José Cândido, indo ao quartel-general, encontrou-se com o Carneiro de Mendonça, que disse: "Olha, Muricy, teu irmão vai para Santa Maria." Ele respondeu: "Mas por que o botam em Santa Maria?" O outro: "Não, porque ele pediu para sair, havia vaga em Santa Maria." Meu irmão: "Nossos pais estão em Curitiba, então é uma oportunidade de ele ir para lá e ficar ao lado dos nossos pais." O outro: "Então, não tenha dúvida nenhuma".

L.H. - Quer dizer, a sua transferência não foi encarada em nenhum minuto como punição.

A.M. - Nem uma vez! Isso é característico: não houve a transferência como punição. Houve, a nosso pedido, a saída. Nós entretanto, não pedimos para ir, não escolhemos lugar. Eu fui classificado em Curitiba; o Gabriel foi classificado em Uruguaiana; o Moraes foi classificado em São Paulo, se não me engano em Jundiá; o Terra foi classificado em Cachoeira; o Rebelo mantiveram no quartel. Mas, em suma, nós fomos espalhados. E o Álcio, que era um homem já de muito prestígio, ficou adido ao Estado-Maior do Exército. Mas, como eu disse, aí, também, começa a surgir agora o problema dos tenentes. A primeira coisa: quando meu irmão me falou que eu tinha sido classificado em Santa Maria e ele tinha pedido para eu ser classificado em Curitiba, eu fui então, pela primeira vez, falar com os meus amigos no quartel-general. O ministro já era o Leite de Castro. Eu tinha vários amigos, mas eu fui ao Carneiro de Mendonça, que estava com a parte de movimentação. Eu disse: "Roberto, que que há comigo, hein?" Ele me mostrou. Agora, uma coisa, ele disse: "Nós classificamos você no 9º. RAM" - Nono Regimento de Artilharia Montada - "que é bem no coração de Curitiba." Era onde meu pai tinha servido como major. Eu disse: "Então é ótimo". Ele disse: "Não, eu quero que você leia este telegrama." E me mostrou um telegrama, assinado pelo tenente Leopoldo Schimelfeng Pereira - é um nome paranaense, é um nome alemão, e ele era inclusive meu amigo - e que dizia assim, mais ou menos: "Guarnição do Paraná, 100% revolucionária, solicita prezado camarada não seja classificado nela o tenente Muricy, que tomou posição contra o governo." Isto era o Schimelfeng como representante da guarnição. Eu aí virei para o Roberto de Mendonça e disse: "Roberto, agora eu faço questão de ir para Curitiba. Eu não fazia questão nenhuma de ir para qualquer lugar. Mas depois desse telegrama, eu quero ir! Se você é meu amigo, me classifica em Curitiba e mantém." Ele disse: "Uma coisa só, Muricy, você faz questão de ir para o 9º. RAM?" Eu disse: "Não, eu quero ir para Curitiba. Se é para lá, ou para lá, não me interessa." E ele: "Então você quer ir para o 5º. Grupo de Artilharia de Montanha, em Bacaxiri?" Eu disse: "Para mim é indiferente."

L.H. - Que outras unidades havia em Curitiba?

A.M. - De artilharia havia essas duas: o 9º. RAM, no coração da cidade , na Praça Rui Barbosa; ou o 5º. de Montanha, no Bacaxiri. E eu vou chegar ao 5º. de Montanha. Então, essa já é uma demonstração do que era a guarnição do Paraná.

L.H. - E a força dos tenentes.

A.M. - E a força dos tenentes. Eu, em seguida, me preparei e no comecinho de 1931, peguei a minha mulher e o meu filho e toquei para Curitiba.

L.H. - Antes de ir a Curitiba o senhor teve contato com o ministro alguma vez ou não?

A.M. - Não... era muito alto para um tenentinho... Eu me ligava lá por baixo. Eu era um mero primeiro-tenente.

L.H. - E que outros amigos seus o senhor encontrou lá? O senhor se dirigiu diretamente ao Carneiro de Mendonça. E havia mais gente conhecida?

A.M. - Havia. Eu era um tenente que, pelo fato de haver trabalhado junto com a Escola de Aperfeiçoamento, eu conhecia gente de artilharia em quantidade. E, ao mesmo tempo, como eu fazia parte da equipe de esgrima - inclusive fiz parte da equipe carioca de florete – como eu tenho um gênio muito comunicativo, eu me dava com todo mundo. De maneira que... eu não me recordo mais, mas eu me recordo do fato que foi com o Roberto Carneiro de Mendonça.

A.C. - Qual era a função exata do Roberto Carneiro de Mendonça nesse momento?

A.M. - Era, no gabinete, o oficial encarregado de ligação, na parte de movimentação. Era essa a situação dele. Função que, anos depois, eu fui exercer, no tempo do Canrobert.

L.H. - Cuidava das transferências...?

A.M. - Eu vou mostrar depois como é que isso funciona. Isso é interessante.

A.C. - Mas normalmente, como tenente, isso já era uma situação excepcional? Ou não?

A.M. - Não, não. Normalmente seria, vamos dizer, um major. Mas depois da revolução, junto do gabinete do Leite de Castro, a massa era de tenentes e capitães.

A.C. - Era bem o retrato da situação real.

A.M. - É. Era um retrato da situação. E junto ao Leite de Castro havia um homem que era sobrinho dele, que é hoje um dos meus maiores amigos, a quem eu quero muito bem, que era muito amigo do Cordeiro - o marechal Ademar de Queirós. Era sobrinho do Leite de Castro. Nessa ocasião eu não tinha maior intimidade com ele. Era tenente ou capitão. Eu acho que era tenente ainda. Mas, então, nesse momento, eu embarco, vou para Curitiba.

Quando chego em Curitiba, tive que me apresentar ao RAM e depois tive que ir para o 5º. de Montanha, porque fui classificado lá. Foi anulado, depois foi transferido. Então tive que me apresentar aqui, ali, acolá. Agora, como é que eu encontrei a guarnição no Paraná? Filho da terra, com uma porção de amigos, companheiros de escola, ou companheiros ligados por laços de família, encontrei o fenômeno seguinte: o interventor no estado era o Mário Tourinho, meu parente. Aliás, eu o localizei numa fotografia daquelas. Tinha o Plínio, que era o comandante da região, que era coronel. Professor, ele era engenheiro, não tinha atuação militar. Era um homem estimadíssimo. O resto eram capitães e tenentes. No regimento de artilharia era o Carlos Amoreti Osório. Carlos Amoreti Osório foi um dos chefes da revolução no Paraná. Ele é que fez o levante no 9º. de artilharia e foi quem atirou em Correia Lima. Eu não sei a versão verdadeira. A versão que ficou é que ele atirou no Correia Lima na hora em que o Correia Lima se levantou, que ouviu aquele movimento, e ele atirou na hora em que o Correia Lima se vestia para levantar. Outros dizem que houve uma altercação, e aí ele atirou porque o Correia Lima era o único homem capaz de impedir o levante dentro do regimento. Estava no comando do regimento porque o Castro Júnior estava no comando da brigada. Havia ainda outros oficiais de artilharia, todos tenentes.

L.H. - O Mário Tourinho e o Plínio já estavam lá antes da Revolução de 30?

A.M. - Família do Paraná...

L.H. - E resistiram?

A.M. - Não, não, não! Eles foram chamados depois da revolução: um para assumir o comando da região, e o outro a interventoria do estado, o governo do estado. Porque quando houve a revolução, por exemplo, meu pai era comandante da Força Pública, e, dias antes do levante, o governo do estado começou a se preocupar com aquela agitação e começou a dizer a meu pai para mandar a tropa para aqui, para ali, e dispersou. Quando houve a revolução, meu pai tinha um quartel-general e não tinha ninguém dentro da Força Pública. Ele não podia nem resistir. E, ao mesmo tempo, era amigo de todo mundo.

[FINAL DA FITA 6-B]

A.M. - Meu pai, então, ficou como um elemento entre os revolucionários e o governo caído, para servir de apoio. Ele é que ajudou o Afonso Camargo a se retirar do Paraná, com a família. Então ele serviu como um elemento... porque ele era benquisto por todos os lados. Meu pai não tinha partido, embora simpatizando com o lado da revolução.

Lá no 5º. Grupo de Montanha, para onde eu fui, por exemplo, o comandante era um Capitão Manuel da Nóbrega. Este era revoltoso e era genro do prefeito de Guarapuava. Havia um homem por quem tenho um respeito, porque era o homem mais equilibrado dentro da guarnição do Paraná - Vicente Mário de Castro. Esse homem evitou muita coisa em 31, porque ele tinha prestígio e tinha tranqüilidade. O Vicente foi realmente um grande nome. Havia o Barroso... A gente agora, só com o tempo, é que vai recordando.

Na engenharia, por exemplo, estava lá o Ururaí, que depois foi comandante - Otacílio Terra Ururaí -, depois foi o homem que assumiu o comando do I Exército em 64. Era capitão naquela ocasião. Era um ambiente em que oficiais superiores mesmo não existiam

muitos não. Cheguei lá em janeiro de 31. Depois, aos poucos, o ministro Leite de Castro foi começando a botar oficiais superiores e regularizando a situação. E aí houve alguns fatos que merecem ser relatados.

Em primeiro lugar, a guarnição não queria que fosse para lá qualquer general. Queria um general integrado à revolução, que não havia... Nesse período foram para lá dois comandantes de região. Um, o Maurício Cardoso, que levou, como ajudante-de-ordens, o Frederico Trota. Foi recebido, naturalmente, com uma restrição leve, porque ele tinha estado no Nordeste, tinha vindo na revolução, mas mesmo assim o ambiente contra o Maurício Cardoso era muito pesado. E, principalmente, contra o Trota. O Trota não era benquisto pelos companheiros de Escola Militar pelo fato de ele ser da turma chamada de "inconscientes". Então, inclusive, tive que acalmar, porque eu tive sempre um temperamento apaziguador. E o outro comandante foi a Pereira de Vasconcelos. Era baixinho, pai do Armando Vila-Nova Pereira de Vasconcelos.

L.H. - Entrou depois do Maurício Cardoso?

A.M. - O Maurício Cardoso foi classificado em outro lugar, e ele foi para lá. Houve uma reação contra o nome do Vasconcelos porque ele tinha sido contra a revolução. Mas ele foi. Foi, levando o filho dele, o Armando, como ajudante-de-ordens dele. Se impôs na guarnição, pulso firme. Acabou tendo o controle da região. Mas antes disso o ambiente esquentou de tal maneira, que havia tentativas de sublevação todos os dias.

L.H. - E a que o senhor atribui esse aquecimento?

A.M. - É a reação dos tenentes revolucionários contra a volta à disciplina. É como eu interpreto hoje, no tempo. Naquela ocasião eu sentia o problema e enfrentava.

A.C. - Como eram essas sublevações, o senhor podia nos dizer? Porque em geral fica muito vago, tudo que temos nos arquivos sobre isso é terrivelmente vago. Como era o cotidiano nesse período tumultuado?

A.M. - Esse cotidiano era: reunião de tenentes aqui, lá, era o Amoreti na casa dele reunindo e já pregando o comunismo.

A.C. - Isso de noite ou de dia?

A.M. - De noite, às vezes de dia, às vezes de tarde, às vezes de manhã, porque a instrução ficou para segundo plano. O que importava era o ambiente... Então havia reuniões constantes e principalmente, por exemplo, contra o Pereira de Vasconcelos. Houve tentativas de levante para tirá-lo do comando.

L.H. - Quer dizer, a política tomou conta?

A.M. - A política tomava conta completamente. E há episódios que eu vou contar aqui, daqui a pouco, muito interessantes.

Mas nesse momento tomei uma precaução: eu era um elemento estranho ao meio - embora bem recebido - porque todos sabiam que eu era um indivíduo muito leal, muito franco, que dizia as coisas claramente.

Por exemplo, cheguei à conclusão de que a única solução que eu tinha era dar instrução à minha bateria e me ligar aos oficiais da bateria e da outra bateria - eram duas baterias de tiro. Então, no fim de algum tempo, eu tinha a minha bateria sob meu controle e tinha a outra bateria também sob meu controle, através dos tenentes. Não através do comandante, que era um tenente também: Hildebrando Pelágio Rodrigues Pereira. Era um ex-aluno que estava voltando para assumir os comandos. Depois vou entrar no problema dos ex-alunos.

L.H. - O senhor comandava uma bateria?

A.M. - Comandava uma bateria. Só tinha tenente! Então eu como tenente, comandava uma bateria. Era função de capitão, mas eu estava comandando uma bateria.

A.C. - Era bem a situação do Exército naquela época, em que havia um número desmedido de tenentes com relação a capitães e majores, não é?

A.M. - Não, havia um número desmedido de tenentes na tropa e um número pequeno de capitães na tropa, porque não eram colocados porque não mereciam confiança. O problema era de confiança na tropa. Eu, que tinha entrado como um quisto, acabei adquirindo confiança. Inclusive, às vezes, eles vinham discutir comigo, e o Vicente era o homem que botava água na fervura.

Houve uma ocasião em que o Manuel da Nóbrega chegou e disse que ia fazer, que não sei o quê... Eu disse: "Olha, Nóbrega... você, para levantar..." E ele: "Porque o grupo faz, porque..." E eu: "Você, para levantar o grupo, em primeiro lugar precisa enfrentar a minha bateria e a outra. Porque a minha quem comanda sou eu, e a outra quem comanda sou eu também." Porque eu tinha os tenentes da outra do meu lado. Porque eu vivia nesse ambiente. E lá no Bacaxiri...

A.C. - Havia um tenente comandante da outra?

A.M. - Havia, mas não tinha o hábito da instrução. Era um ex-aluno que ainda não estava integrado. Eu vinha com cinco anos de tenente no 1º. RAM. Então eu era um homem acostumado ao trabalho, à instrução, e eu trabalhava na minha bateria e ainda na outra bateria. E havia um rapaz, o A'rio Ribas, que tinha sido também tenente do 1º. RAM, um daqueles que tinha saído no dia 24, que estava lá também, e que me ajudou, ficou do meu lado.

L.H. - O senhor era convidado para essas reuniões de tenentes?

A.M. - Não... Eu sabia por interpostas pessoas. Por exemplo, nesse caso do Nóbrega, quando ele falou, eu disse: "Mas você vai me enfrentar." O Vicente é que conversava mais comigo, procurava mais equilibrar. O Vicente era um homem de muito critério. Muito, muito critério. Só houve uma reunião a que compareci: foi quando o João Mendonça Lima, que foi o oficial mais graduado, da ativa, na guarnição do Paraná...

O João foi para São Paulo para ser chefe do estado-maior do Isidoro Dias Lopes. Um belo dia ele aparece em Curitiba e, naturalmente, acostumado com a guarnição toda ela ligada à revolução, fez uma reunião de toda a oficialidade, e eu compareci.

Nessa reunião, ele apresenta o problema do Ministério da Guerra, entregue ao Leite de Castro, que não era um homem de confiança dos revolucionários e que ele achava que era preciso ser substituído. Então um dos oficiais disse: "Mas, coronel" - naquele tempo ele já era coronel -, "quem é que põe no ministério?" E ele: "Põe o Isidoro Dias Lopes." E o outro: "Mas como? O Isidoro é muito velho, não tem experiência. Como é que ele vai comandar?" Ele respondeu: "Mas ele, estando bem cercado, pode comandar o Exército." Essa foi uma das reuniões a que, por acaso, eu assisti. Mas isso foi morrendo, porque já o espírito de disciplina estava começando a voltar.

L.H. - Mas havia bolsões de resistência ao Leite de Castro.

A.M. - Ah, não tenha dúvida. Houve, por exemplo, uma noite... O quartel do Bacaxiri era um quartel que alojava três unidades. Ele tinha sido construído para o 5º. Batalhão de Engenharia, onde trabalhou o Juarez, onde trabalharam outros oficiais mais tarde. E esse batalhão de engenharia, entretanto, vivia construindo estradas. Então ele tinha uma porção de pavilhões desocupados. Dois pavilhões, e mais metade do pavilhão central foram entregues ao 5º. de Montanha, que veio de Valença, em 1929. E o comandante do esquadrão de cavalaria era um indivíduo bom também, não me recordo do nome, também tinha um pavilhão lá atrás. De maneira que havia três unidades. E, naturalmente, naquela confusão, ninguém tinha confiança em ninguém.

Houve uma noite que passei ao lado de uma metralhadora, assestada contra a escada, para impedir que alguém descesse e quisesse levantar. E nessa hora, um soldado dispara um tiro. O batalhão de engenharia, que já tinha recolhido, estava dentro do alojamento. E houve um tiro dentro do quartel. Nessa hora, por milagre não começou uma fuzilaria, que podia dar uma coisa bárbara. Houve alguém que teve calma de segurar. Mas o ambiente era de nervosismo absoluto.

L.H. - Foi um acidente, esse tiro?

A.M. - Foi um tiro acidental, o sentinela que atirou.

A.C. - Mas por que o senhor estava nesse estado de prontidão?

A.M. - Porque, se levanta, eu impedia que o grupo se levantasse. Se há um levante dentro do quartel, eu, com a metralhadora assestada na escada que dava acesso ao pavilhão, impedia que alguém entrasse ou saísse. Depois, que me liquidassem - o que podiam fazer.

L.H. - O seu temor era mais contra o batalhão de engenharia?

A.M. - Era contra a outra bateria, contra o batalhão de engenharia, e aquele ambiente, que eu não sabia o que ia acontecer.

A.C. - Então era uma situação extremamente grave.

A.M. - A tal ponto, que, nesse período, eu fui chamado pelo comandante do batalhão de engenharia que era o coronel Mário Ari Pires - pai do Sérgio Ari Pires, que hoje é secretário do Ministério do Exército. O Ururá era subcomandante. O Mário Ari Pires disse: "Olha, tenente, eu sei que o senhor está organizando a resistência dentro do grupo. Eu quero dizer que, dentro do que eu tiver, eu resisto aqui no meu batalhão." Eu digo: "O senhor veja com quem o senhor conta, porque, pelas informações, o senhor não tem quase ninguém."

L.H. - Era grande esse batalhão de engenharia?

A.M. - O batalhão de engenharia era um efetivo maior, porque tinha um pessoal de fora. Eles não tinham muita instrução militar, mas era o volume. Eu mesmo disse para o coronel Mário Ari Pires: "O senhor não conte com a tropa." E assim era o ambiente em que nós vivemos praticamente todo o ano de 31. Depois a disciplina foi reentrando: a ida do Vasconcelos; a retomada, aos poucos, da instrução. Porque a instrução bota o homem num regime de tranqüilidade, porque dá finalidade e enquadra o homem, como nós chamamos. Então, aos poucos, o ano de 31 vai melhorando.

L.H. - Vocês tiveram mais visitas, lá no quartel, do tipo dessa do Mendonça Lima, por exemplo? Gente que vinha mais dos centros?

A.M. - Eu não me lembro. Gente que vinha de fora, para falar lá, muitos. Eu sabia que tinham chegado, mas só assisti a uma chegada. Porque eu era um elemento estranho. Eu era um homem que eles sabiam que eu tinha posição. Eles eram meus amigos, me respeitavam e me estimavam. Então eu tinha um acesso fácil, dentro da guarnição. Mas para o pessoal de fora, para essas coisas, eu não era chamado. O que é normal. Agora o que é impressionante foi a modificação da região depois da chegada do Vasconcelos. Esse é um fato que honra a memória desse homem, que depois vai tomar parte na Revolução de 32.

L.H. - Essa região de Curitiba estava ligada à Região Militar do Sul?

A.M. - Não. A região de Curitiba - já era a 5ª. - era ligada ao ministério do Exército, ministro da Guerra, naquele tempo. Naquele tempo não havia...

A.C. - Essa situação que o senhor viveu em Curitiba era típica dos outros lugares ou...?

A.M. - Foi a mais grave do ano de 31. Pelas informações que eu tive. Porque no Rio Grande houve uma retomada mais tranqüila. No Nordeste também. O Rio estava com os comandos. Aqui é mais fácil a retomada, aqui no Rio, onde há um conjunto maior de oficiais superiores. Naquele tempo tudo era no Rio de Janeiro. E assim mesmo vamos encontrar o Clube Três de Outubro em 32 e 33. Mas isso é outro episódio.

Nesse momento, no Paraná - agora eu entro -, foi onde tomei contato com a atuação comunista...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

A.M. - Mas, então, o problema comunista estava em pleno desenvolvimento. Dentro do grupo de tenentes falava-se em comunismo. O Amoreti, que ficou traumatizado desde que teve que matar o Correia Lima, mais comunista ficou. Ele tinha idéias. Creio que daí em diante ele ficou mais ainda. Ele era um bom homem, era um homem de qualidades, eu o estimava. Agora, tinha as idéias diferentes. Ele um dia me chama, procura me catequizar para eu me tornar comunista e cooperar com ele.

A.C. - Mas ele era comunista mesmo, ou era prestista, uma coisa assim?

A.M. - Eu não posso dizer que ele seja comunista do tipo russo. Ele era mais um comunista teórico, como nós vamos encontrar mais tarde. Mais tarde vou encontrar o Estillac Leal. Vou ter muita conversa com o Estillac Leal - comunista teórico, nunca de confabulação e de luta direta. O Estillac é outro tipo. O Amoreti era mais teórico. Agora, de qualquer maneira, por exemplo, eu assisti a uma passeata organizada, dizem, pelo Amoreti: uns colonos poloneses e alemães, corados, bem dispostos, com cartazes "Pão, terra e liberdade". Sentavam na praça, pedindo comida. Curitiba era fartíssima! Curitiba era a cidade mais farta do Brasil, porque tinha um cinturão verde que produzia tudo. Os colonos levavam as carrocinhas para a cidade, amarravam, e aí todo mundo comia o que queria, quanto quisesse. A fartura em Curitiba era imensa!

A.C. - O senhor fez referência a um assassinato? O Amoreti teria assassinado ou foi na revolução que ele matou?

A.M. - Não, ele matou o Correia Lima, que foi o fundador dos CPOR. O Correia Lima foi quem fundou, em 1926 ou 27, o CPOR, aqui no Rio de Janeiro, indo buscar alunos da Escola Politécnica. Ele, todas as tardes, no fim do expediente, ia para o largo de São Francisco, na escadaria, e fazia *meetings*, concitando os alunos a entrarem no CPOR, para formar os oficiais, para ajudar o Brasil, e conseguiu fundar primeiro um grupo de instrução restrito - o Grupo de Artilharia Pesada em São Cristóvão -, e mais tarde, o propriamente centro, já isolado - o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva -, onde eu vou ser instrutor. Então este era o ambiente em Curitiba.

L.H. - Essa passeata a que o senhor se referiu é em 31 ainda?

A.M.- Em 31. Trinta e um é um ano de uma agitação imensa.

L.H. - E o Amoreti conseguiu arrebanhar outros tenentes?

A.M. - Havia muitos tenentes... Não ficaram comunistas, mas tinham idéias de esquerda. Hoje, que olho o problema com outra visão, com outra vivência, eu digo: eram homens que chegaram a um ponto que, mais um pouco e eles se tornariam comunistas. Felizmente eles não encontraram esse pouco.

L.H. - O senhor acha que essa situação de Curitiba - de ser uma cidade farta, de ser uma região onde a miséria praticamente não existia -, contribuiu para que não acontecesse esse último passo que faltava para que os tenentes aderissem ao comunismo?

A.M. - Talvez... Eu não posso garantir. Talvez. Eu não tenho uma observação, nem tenho uma conclusão ainda a respeito.

A.C. - Eu acho que esse passo a que o senhor está-se referindo, é mais geral. Ele está ligado a uma retomada do poder, da hierarquia em nível nacional também, não é? É um momento em que o governo...

A.M. - Mas eu contei que no dia 27 de outubro, no Rio de Janeiro, houve uma confusão imensa provocada - dizem - pelos comunistas, que quase levou tropas a se chocarem contra tropas, quer dizer, já havia uma infiltração comunista em todo o Brasil. Por que vai surgir também em 31, em Pernambuco, quando é preciso levar tropas para enfrentar um levante comunista em Pernambuco. O que muito pouca gente sabe, mas o Ernesto, que era comandante da bateria de João Pessoa, se deslocou para combater em 31. Pouca gente fala nesse levante de 31 em Pernambuco

L.H. - Quer dizer, se aproveitando desse período de turbulência...

A.M. - Exato. Um período em que faltava ao Exército a coesão e a estrutura hierárquica para funcionar. O Exército realmente, no ano de 31, teve chefes de grande valor, que enfrentaram isso e foram botando ordem. Mas muito lentamente. Os tenentes diziam claramente as coisas, julgavam-se donos. Porque quem faz uma revolução acha que deve ser consultado para tudo. E nós vamos ver isso depois, em 64, comigo. É outro episódio.

L.H. - E sobretudo, como o senhor mesmo falou, havia poucos oficiais de alta patente que fossem da confiança dos tenentes e havia, também, uma escassez de gente que pudesse controlar.

A.M. - Exato, exato, exato.

A.C. - E é preciso não esquecer também que esses revolucionários que fizeram a revolução, estavam muito imbuídos de certos ideais de reforma, de transformação. Isso penetrou através dos tenentes, não é?

A.M. - Isso aí: a idéia de reformas era de um lado e de outro. Eu, que estive do lado de cá, também era louco para que houvesse a reforma. Eu contei que assisti no Paraná - meu pai tinha ligações políticas na terra e eu tinha uma porção de parentes, eu era de família integrada lá - assisti à eleição de bico de pena. Sei como era. Então, isso tudo era um ambiente onde gregos e troianos lutavam... A mentalidade, o desejo de mudar era total. Porque se sentia que o Brasil tinha que acabar com aquele estado de coisas. Aquele problema do "café com leite", tudo isso a gente sentia, isso refletia.

A.C. - Um momento histórico que tinha se esgotado.

A.M. - Exato. E todos nós, embora por disciplina, por coerência, tivéssemos ficado do lado de cá, ou do lado de lá... Aliás, chamei a atenção que nunca houve, nesse período, a menor dificuldade entre os elementos de campos opostos para se entenderem. Eu continuei amigo dos meus amigos e eles continuaram amigos dos seus amigos, qualquer que fosse o campo.

A.C. - Havia um ponto comum que unia todos.

A.M. - Havia. Principalmente havia um espírito de camaradagem e de solidariedade dentro do Exército, imenso. Imenso. Perdurou. Perdurou e ainda perdura. Uma coisa que é interessante, nas Forças Armadas, é esse sentimento de união, porque às vezes os políticos pensam que é fácil quebrar essa estrutura. Eu, que em 64 tive que lutar contra ela, sei como é difícil. Como é difícil.

A.C. - O senhor acha que foram momentos históricos semelhantes?

A.M. - A diferença que há é a seguinte: lá foram tenentes aqui oficiais. E por causa de 30 é que se procurou fazer com os chefes em lugar de fazer com os tenentes, para evitar fazer aquela coisa que hoje, com a minha idade, eu olho para trás e digo: "A coragem de Getúlio de botar tenentes interventores...Isso é alguma coisa..." A gente colocar, no quadro de hoje, um tenente para comandar São Paulo... Para comandar a Bahia, para comandar o Ceará... Isso é uma coisa que a gente...

L.H. - Isso não cabe mais na situação de hoje.

A.C. - Foi de uma ousadia e de um risco enorme, não é?

A.M. - Mas era possível. Porque a estrutura hierárquica do Exército estava quebrada.

A.C. - Exatamente. Não sei se o senhor concordaria comigo, mas, no fundo, aqueles tenentes que estavam se formando às vésperas de 30, eram tenentes que eram uma elite militar. Bem formada, bem treinada.

A.M. - É... O que há é que o ambiente, levava aqueles tenentes a terem uma compreensão do Brasil. Nós, na vida militar, somos obrigados a pensar muito em Brasil. Com o fato de que vivemos sendo transferidos nós vamos conhecendo, pouco a pouco, este chão. E no fim de algum tempo a gente começa a lutar pelo homem, seja do Norte, do Centro, seja do Sul. E a gente adquire amizades, no Norte, no Centro, ou no Sul, então engloba tudo isto dentro de uma única expressão: o Brasil. Então o sentimento de lutar pelo Brasil é muito grande. Não é que seja apanágio do militar o patriotismo; pelo contrário: é de todo homem que ama a sua terra, a sua família, o seu chão. Mas lá, a gente procura estimular esse sentimento. É o que acontece.

Então, em 30 - como agora -, os problemas, a divergência maior, no meu ponto de vista, é que a hierarquia estava cortada. E para reconquistar isso, foi só um pouco em 1932. E depois, em 35, é que novamente se retoma a hierarquia dentro do Exército. Isto é o que eu senti.

L.M. - Uma outra questão que o senhor já tocou conosco, mas que eu gostaria que o senhor pudesse falar um pouco mais: essa questão dos "rabanetes e picolés", que também contribuíram para perturbar esse ano...

A.M. - Isso vou falar quando eu estiver no CPOR. Foi onde a coisa se cristalizou, então estou deixando para falar no ano de 32. Como aí é que chegou ao clímax, então, quando chegar a esse momento, eu me refiro, para fazer um relato único. Então é somente isto. O problema já estava em equação, estava sendo examinado, mas ainda não tinha tido uma solução. Agora eu me perdi e não sei em que momento estou...

L.H. - Estamos em 31 ainda, e eu queria insistir no problema do Amoreti Osório com o senhor.

A.M. - O Amoreti teve uma conversa muito grande comigo e insinuou várias vezes que eu deveria me aproximar dos homens que sofrem, do operário, do camponês - aquela conversa, aqueles slogans dos comunistas que até hoje perduram... Então, pela primeira vez, eu tive conhecimento da teoria marxista, hegeliana... Como é que se chama?

A.C. - Dialética? Tese e antítese?

A.M. - Da tese, antítese e síntese. Havia a declaração do Amoreti - que mais tarde vai ser repetida para mim pelo Estillac - : " O comunismo é a síntese final." Aí, pela primeira vez, eu ouço esta frase: "O comunismo é a síntese final." Bom, mas tudo isso não pesou, não pesou, embora eu não tivesse ainda conhecimentos profundos de sociologia. Eu era um tenente voltado exclusivamente para as coisas da profissão. Lia muito, mas ainda não tinha tido a atenção voltada para esses problemas, o que vai acontecer mais tarde.

L.H. - Houve formação de legião revolucionária no Paraná? As Legiões de Outubro etc.?

A.M. - Eu não me recordo. Em 31 não houve. Em 32 eu estava no Rio de novo, então não tenho noção, absolutamente.

Um outro homem que ficou muito ligado ao comunismo era um "picolé", muito meu amigo - Agostinho Pereira Alves Filho. Foi um dos homens...

[FINAL DA FITA 7-A]_

A.M. - ... que foi envolvido depois, mais tarde, em 35. Ele vai responder a inquérito. Houve indícios de que ele teria procurado articular os comunistas lá no Paraná.

L.H. - Ele já tinha sido envolvido pelo Amoreti nessa época?

A.M. - Já, pelo Amoreti.

L.H. - E a figura do Prestes, como era encarada por esse...? Ele era mais prestista?

A.M. - O Prestes era, para todos nós, um exemplo. Mesmo depois que ele se refugiou na Bolívia e que na sua atitude definiu-se publicamente pelo comunismo, ele não deixou de ter uma auréola de grande revolucionário, de grande patriota. E naquela ocasião, para nós, tenentes, que nunca tínhamos privado diretamente com ele, ele continuava a ser uma figura assim um tanto ou quanto mítica. Coisa que ele só vai perder em 35.

A.C. - Uma figura lendária.

A.M. - Ah, lendária! Ele só vai perder essa atitude dentro do Exército em 35, quando há o levante, e que significa que ele esteve trabalhando no levante comunista.

L.H. - Então o senhor acha que esses comunistas, tenentes de 31, estariam ainda influenciados pela adesão dele ao comunismo?

A.M. - Ainda. E o simples fato do Prestes ter aderido ao comunismo, levou muita gente a começar a pensar que o comunismo tinha que ser bom. É a tal coisa: eu acredito numa pessoa que toma uma atitude, eu acredito que a atitude... De maneira que para nós, que éramos tenentes, que não tínhamos uma formação sociológica - porque não se dava na Escola Militar, cada um ia aprendendo através da vida, com a sua observação, com os seus estudos particulares, com suas leituras - para todos nós, o comunismo era uma coisa assim meio nebulosa.

A.C. - E para eles também devia ser.

A.M. - Eu também acredito.

A.C. - Porque não havia um partido organizado, não havia nada. Era muito fraco não é?

A.M. - Não, já havia! O Partido Comunista Brasileiro é de 1919. Depois disso eu estudei o comunismo: em 19 houve a primeira reunião do Partido Comunista Brasileiro, e em 1922 se criou o Partido Comunista do Brasil. O PCB surge em 1922, mas as primeiras reuniões são em 1919.

A.C. - O senhor está perfeitamente correto, mas eu quis me referir mais ao fato de que era um partido fraco ainda, sem estrutura, sem organização.

A.M. - Só começa a ter estrutura no final da década de 20. Só. E ainda atuando de uma forma pouco efetiva. As tentativas primeiras, que eu saiba, vieram no dia 27 de outubro, e veio em 31 o levante em Pernambuco. Essas são as duas primeiras manifestações de força, digamos assim, dos comunistas no Brasil.

A.C. - Depois de 30?

A.M. - Não, o de 27 de outubro é 30. Essa confusão criada no Rio de Janeiro é já uma demonstração de força. Sem resultado maior que não fosse a confusão. Mas houve.

L.H. - Quer dizer que dado que houvesse uma certa inconsistência do Partido Comunista ainda, essa adesão dos tenentes era mais via Prestes do que propriamente via Partido Comunista?

A.M. - Exato, exato. Pelo menos no meio dos meus companheiros.

A.C. - Falavam muito nele, general?

A.M. - Não. Eu talvez tenha sido um tenente um pouco atípico. Porque eu fui um tenente voltado muito para os problemas da instrução. Eu me absorvia demais nisso e não tinha tempo de estar comparecendo a reunião. Depois, servia na Vila Militar. A Vila Militar são 24 km. Naquele tempo era o maria-fumaça; não era automóvel como hoje. Depois, chegava-se, tomava-se o bonde... Qualquer coisa era difícil.

L.H. - O Amoreti era artilheiro da sua bateria?

A.M. - Era artilheiro. Mas não da minha bateria. Era capitão antigo. O Amoreti é da turma do Prestes, se não me engano. É da turma de 19, por aí. A minha turma é de 25.

L.H. - Quer dizer: já era capitão?

A.M. - Já, já, já.

L.H. - Na sua bateria, o senhor teve algum problema de adesão a ele?

A.M. - Não. Quando a gente dá trabalho, não deixa pensar. Quando a gente quer botar disciplina, dá trabalho.

Então, acabando o meu ano de instrução, em Curitiba, há um episódio no meio do caminho, não mais do ponto de vista político, mais um episódio interno, que se gravou muito na minha memória. Foi um surto de meningite no quartel, que nos obrigou, em pleno inverno, a acampar. Esse inverno que nós passamos um mês acampados, uma coisa duríssima... O pior era fazer a soldadesca tomar banho. Havia uma queda d'água perto, uma cachoeira, e nós, tenentes, tínhamos que ir na frente para dar o exemplo, para depois irem os sargentos, depois os soldados... Mas que era duro, era.

L.H. - Houve um surto no quartel?

A.M. - Houve.

L.H. - Houve muitas baixas?

A.M. - Não, talvez um morto ou dois, mas muitos baixados e principalmente uma desinfecção completa. A gente, quando saía, tinha que entrar numa cabine com formol, ficava não sei quantos minutos, depois saía. Quando voltava, entrava na cabine também, com formol... Era uma coisa horrível.

A.C. - O acampamento era para isso?

A.M. - O acampamento era para isolar os homens, para os homens não irem para o quartel, para poder fazer a desinfecção completa dentro do quartel.

A.C. - Mas o inverno... Um banho de cachoeira no Paraná, arriscava-se a morrer de pneumonia...

A.M. - Tenente não morre de pneumonia, tenente é moço e moço tem uma resistência imensa. Mas isso foi, em síntese, a minha vida em 31. Não sei se isso vai dar alguma ajuda, estou ainda à disposição. Porque agora vou passar para outra fase.

Quando chegou o fim do ano de 31, aqui no Rio já se estava procurando dar uma nova estrutura à vida militar. Naturalmente que o ministro Leite de Castro e os comandos estavam procurando fazer a retomada do Exército, botar nas mãos, e intensificando a instrução. Como consequência desse estado de coisas, deu-se execução a um velho plano de organização que se chamava "unidades-escolas". Então, no final de 1931, organizou-se o Grupo-Escola de Artilharia entre as outras unidades-escolas. Foi dado o comando desse Grupo-Escola de Artilharia a um tenente-coronel, o Pantaleão; subcomandante, o Alcio, e escolhidos os oficiais de confiança dele. Na hora que o Alcio se lembra de mim, o amigo e colega de infância dele, Canrobert Pereira da Costa, estava comandando o CPOR e havia mandado me convidar em Curitiba, para eu ser instrutor do CPOR do Rio.

Abro um parênteses. Em Curitiba, o Brasília Taborda era comandante do CPOR e me convidou para ser instrutor no CPOR de Curitiba. Então, das seis até as sete e trinta ou oito horas, eu ia para o CPOR e depois ia para o quartel passar o resto do dia. Este o meu regime lá em Curitiba. Seis horas em Curitiba no inverno é duro. Eu não conhecia ainda o Canrobert. Ele era major. O Alcio era major também. Mas o Canrobert já sabia que eu era um oficial esforçado e me indicou ao Departamento de Pessoal. E eu vou então. Nessa ocasião, como eu disse, o Alcio e o Pantaleão Pessoa - este eu também já conhecia, porque tinha sido árbitro numa manobra junto ao 1º. de artilharia... O Alcio foi escolher oficiais de elite para o Grupo-Escola. Nesse momento o Alcio vai buscar os velhos companheiros do 1º. RAM. Então surge o Antônio Moraes, surge o Carlos Gonçalves Terra, surge o Rebelo, se não me engano. E ele vai buscar um que tinha saído e que estava no Rio Grande e que se chama Ernesto Geisel. Como comandante de bateria, ele bota o Embassay; bota o Júlio Teles de Meneses... Ele forma, em suma, uma unidade em que a oficialidade toda era de elite. E passou a ser uma unidade de elite. (Nas outras unidades, nas outras armas, as coisas se passavam de um modo semelhante.) A tal ponto que era uma glória o aspirante sair da Escola Militar e poder escolher o Grupo-Escola. Então passam pelo Grupo-Escola homens do maior gabarito, que vão, depois, se projetar na vida militar, chegando até quatro estrelas, muitos deles.

L.H. - O senhor se lembra de mais alguém?

A.M. - Por exemplo o Ariel, O Paca da Fonseca.

Mas, então, organiza-se o Grupo-Escola. E o Alcio, quando vai procurar me chamar, já eu estou escolhido pelo Canrobert, tem esta frase, muito grata para mim: "Muricy, se você não estivesse com o Canrobert, você iria trabalhar comigo de qualquer maneira. Mas para o Canrobert eu não posso impedir que você vá."

L.H. - Embora o senhor tivesse sido indicado ao Canrobert pelo próprio Alcio.

A.M. - Não, não, por outra pessoa. Por outra pessoa. Eu não sei nem quem foi. Eu estou em Curitiba, quando recebo, nem foi um convite, foi uma comunicação: eu iria ser transferido para o CPOR do Rio de Janeiro, para servir com o Canrobert.

A.C. - Como foi a participação do general Canrobert em 30?

A.M. - Não tive contato. Não posso dizer. Eu conheço o Canrobert agora, em 32. Agora é que o Canrobert entra na minha vida e vou com ele até sua morte. Como também o Alcio: eu vou até a morte dele, com amizade completa.

L.H. - O Grupo-Escola tinha alguma ligação com o CPOR?

A.M. - Agora eu vou dizer. O que acontece é o seguinte: O Grupo-Escola era constituído pelos meus amigos mais próximos. Então eu, em todos os momentos de folga, ia visitar o Grupo-Escola. Muita gente pensa que eu pertenci ao Grupo-Escola, tanto eu ia lá, tanta era a minha freqüência. E mais tarde, quando vou ser instrutor da Escola de Artilharia, eu vivia em ligação perfeita e completa, aí, então, por dever de ofício, com o Grupo-escola.

L.H. - E o que era, exatamente, esse Grupo-Escola? Era uma escola modelo, como é que funcionava?

A.M. - Eu vou dizer. O Grupo-Escola é o seguinte: uma unidade de elite, em que a tropa era treinada para servir para as demonstrações para a Escola de Aperfeiçoamento. Então ela tinha que ser uma unidade modelo. Porque vinha um oficial lá do Rio Grande, ou vinha de Mato Grosso, onde as condições era precárias - a tropa longe, com pouco material, com a instrução dificultada pela falta de efetivos - , ele chegava e, na Vila Militar - Vila ou Deodoro, é a mesma coisa - , ia ver como é que funcionava uma unidade inteira de artilharia.

L.H. - Ele fazia um certo estágio?

A.M. - Então ele ficava com uma noção. Não só fazia uma espécie de estágio, como principalmente via. Por exemplo, uma coisa simples: o efetivo de paz é um; o efetivo de guerra é outro. Quando a gente faz uma demonstração para um oficial, a gente bota o grupo com um efetivo de guerra. O grupo com efetivo de guerra tem o que nós chamamos a impedimenta imensa: o pessoal de comunicação, pessoal de transmissão, pessoal do treino de combate, da parte de cozinha, a parte de munição, a parte de ligação. Então, todas aquelas pequenas equipes que trabalham para o comando, e aqueles outros órgãos que servem de apoio logístico à unidade, tudo aquilo existe e o oficial chega e vê. Então ele fica com a noção exata do que é uma bateria completa, com todos os seus órgãos. E uma bateria tem os canhões, tem os carros de munição, tem os órgãos da equipe do comando, tem os órgãos de abastecimento, que tem a sua cozinha, tem... uma porção de órgãos que normalmente nos corpos de tropa não se pode ter, porque os efetivos são pequenos, mas que no Grupo-Escola era um efetivo completo.

Quando o grupo tinha de fazer uma marcha, o volume, por exemplo, é uma coisa banal aparentemente. Uma bateria pequena marchando, a gente vê quatro canhões e... Quando vê um grupo completo marchando, é uma coisa imensa. A tralha, como nós chamamos, é enorme. Quando ia para o tiro, era uma unidade em que se fazia a experiência de certas técnicas de tiro. Então aquela unidade vivia cerrada com a Escola de Artilharia e a oficialidade treinada. Inclusive treinava a introdução de determinadas modificações:

estudos para a modificação do regulamento. Quer dizer, era uma unidade que tinha que ser perfeita, para que tudo corresse bem.

L.H. - E já havia, por exemplo, esse esquema de visitas de oficiais estrangeiros, essa coisa toda? Ou isso foi mais recente?

A.M. - Desde aquele tempo... Um caso típico: já eu fazia parte do Curso de Estado-Maior, e no primeiro ano do curso havia um programa de estágio. As diferentes turmas de Estado-Maior correm as unidades-escolas e determinadas repartições para conhecer a vida e o trabalho. Então nós fizemos. Eu, que sou da artilharia, fiz estágio no grupo da artilharia, estágio no Regimento-Escola de Infantaria, no regimento de cavalaria, na Escola de Aviação, no batalhão de engenharia, para poder sentir. Porque a gente não tem a noção direito do conjunto, principalmente sendo de uma arma diferente.

Então essas eram as funções, vamos dizer, do Grupo-Escola, mas principalmente servir de base à instrução da Escola de Aperfeiçoamento. E eu vivia lá dentro, embora não sendo do Grupo-Escola. Isto, aparentemente, é o que eu posso contar. Estou fazendo já a transferência para o CPOR do Rio.

L.H. - O senhor chega no CPOR quando?

A.M. - Eu chego no CPOR nos começos...¹ Começos de 32. O Canrobert era o comandante. Em 1º de fevereiro de 1932 me apresento. Em janeiro eu fui classificado, embarquei e a 1º de fevereiro eu me apresento. Aí começa a minha vida no CPOR.

A.C. - Ainda sobre o Grupo-Escola, esse tipo de iniciativa fez parte das modificações que vão se introduzindo no Exército, de modernização do Exército, de pós-30?

A.M. - Era um estudo anterior, que encontrou a oportunidade depois de 30.

A.C. - Teria sido influência da Missão Francesa?

A.M. - Não. A Missão Francesa já vinha atrás... Como eu disse, a minha bateria fazia demonstração para a EAO. Mas era incompleta, era uma bateria. Eram precisos órgãos do grupo. Porque artilharia não é uma bateria; é um grupo. Pelo menos, a unidade básica, tática da arma é o grupo, não é a bateria. A bateria era, naquele tempo, uma unidade técnica de tiro, e houve uma modificação. Hoje, a unidade básica de técnica de tiro também é o grupo; esporadicamente, a bateria. Problemas aí pequenos, mas tendo um significado muito profundo.

L.H. - O grupo, quando está com seu efetivo máximo, é composto de quantas baterias?

A.M. - Três baterias, mais a bateria de comando e mais os órgãos de serviços chamados.

A.C. - O senhor agora ia falar sobre o CPOR.

¹ O entrevistado consulta uns papéis

A.M. - Eu vim para o Rio de Janeiro, e naquele tempo o regime era de instrução das seis da manhã até oito da manhã, todos os dias. E aos sábados e domingos, ou meias jornadas ou jornadas completas. O pessoal era voluntário. Nós, na artilharia, recebíamos alunos de escolas de engenharia, e havia uma particularidade muito importante: geralmente eram os melhores alunos da Escola de Engenharia que iam para o CPOR. E, até hoje, tenho alguns alunos daquele tempo que ainda me chamam de tenente Muricy, e que hoje são grandes empresários - entre eles, por exemplo, o Henrique Cristino Cordeiro Guerra, o Plínio Cantanhede, que foi presidente da Siderúrgica; o que morreu, Alberto de Melo Flores. Este não foi meu aluno, mas ia lá constantemente, irmão do Jorge, que está aqui.²

L.H. - É vice-presidente da Fundação.

A.M. - Também foi aluno do CPOR.

L.H. - O senhor sentiu alguma diferença grande entre dar instrução para militar e dar instrução para o civil?

A.M. - O que posso dizer é o seguinte: minha turma era de elite. Eu, até então, dava instrução para soldados e para sargentos. Agora, eu dava para estudantes de engenharia. Então [risos] já vê que a coisa... Eram rapazes de uma dedicação a toda prova. Inclusive, eu era muito

exigente. Há episódios como este: às seis da manhã, em ponto, eu mandava fazer a chamada, quando acabava a chamada, quem chegasse depois levava falta. E havia alunos que chegavam depois da chamada terminada, e eu dizia: "Está na falta, e não tiro. Se quiser assistir à instrução, assiste, se quiser ir embora, pode ir." Assistiam à instrução. Isto mostra uma mentalidade. Agora, esses rapazes, que hoje são senhores, são todos meus amigos. Ainda outro dia recebi a carta de um deles, que eu não vejo há mais de trinta anos. O Amarante. Descobriu meu endereço naquele episódio do assalto lá em casa. Então ele me escreveu uma carta, que eu tenho guardada. É uma maravilha.

A.C. - Nesses momentos difíceis as lealdades aparecem.

A.M. - É, exato.

L.H. - Onde é que ficava o CPOR nessa época?

A.M. - O CPOR, no Rio de Janeiro, ficava na entrada principal da Quinta da Boa Vista, ali onde hoje tem o quartel da Brigada Blindada.

L.H. - Não era tão longe, então, não é?

A.M. - Não! Eu morava na Tijuca, tomava um bondezinho, Aldeia Campista, de cem réis - no tempo do tostão - e ia saltar na estação de São Cristóvão e depois ia a pé.

² O entrevistado refere-se à Fundação Getúlio Vargas.

O CPOR era pouco provido de recursos materiais, mas, da mesma maneira que na Escola Militar, o pessoal, oficial, era selecionado. E o Canrobert tinha muito cuidado de levar para lá bons oficiais. De maneira que o ambiente era muito bom e de muita camaradagem. E isto é que vai ser importante para os problemas dos pródromos da Revolução de 32 e, principalmente, para o conjunto da luta entre "rabanetes e picolés". Então vamos aos "rabanetes e picolés".

Quando veio a Revolução de 30, surgiu o grande problema: o que fazer com os ex-alunos? Eles não eram oficiais. Apenas havia a presunção de que eles teriam saído da Escola Militar nos anos de 23 ou 24, ou 25, se tivessem continuado o curso. Mas o fato é que eles nem completaram o curso. Como eles deviam se situar? Já falei nisto aqui.

Naturalmente que aqueles oficiais que tiveram responsabilidade com o levante da Escola Militar em 22, lutavam para colocá-los na melhor posição possível. Os oficiais que não estiveram naquela situação, e que já tinham tido contato com as turmas que saíram depois de 25, pelo contrário, lutavam para que nós ficássemos numa posição de não prejuízo. Mas o governo era revolucionário. Havia, portanto, uma tendência a apoiar aqueles que tivessem tomado uma posição revolucionária. Não havia nenhuma dúvida de que os ex-alunos tinham tomado essa posição, tanto que foram expulsos da escola. Foram desligados. Nós; havia os que tinham tomado posição e os que não tinham tomado posição. E começou, então, a haver uma fermentação. Isto agitou o ano de 31 e principalmente o começo de 32: começou a haver uma luta muito grande para colocar os ex-alunos à frente, como se eles tivessem saído no ano correspondente. Então ficavam, praticamente, à nossa frente. Mas, ao mesmo tempo, havia muitos que eram do Curso Anexo, esses que saíam com a nossa turma. Como colocá-los dentro da turma? Um problema praticamente insolúvel. Aí começou a se esboçar uma reação do "rabanetes", assim chamados porque, vermelhos por fora e brancos por dentro. E "picolés", porque saíam da fôrma, saíam tenentes da fôrma. O governo criou uma escola preparatória, uma escola especial para colocar os ex-alunos dentro da escola, para eles completarem o curso. Então foi um curso especial, criado para os ex-alunos poderem completar. E à medida que os anos foram passando, eles foram saindo. Já eram comissionados em primeiro-tenente. Eles já voltaram comissionados como primeiro-tenente. E depois então entravam paralelamente aos quadros. Então o primeiro aluno dos ex-alunos ficava paralelo ao número um da turma que saiu em 1925. Então, daí em diante, cada um de nós tinha um paralelo no quadro estipulado. (Não tenho mais o nome do quadro). Isso veio amenizar. Agora, isso foi conseguido de que maneira?

Um dia, quando a coisa estava mais quente, houve uma reunião de "rabanetes" no Clube Militar. Nesta reunião, que foi violentíssima, resolveu-se fazer um documento ao ministro da Guerra, reclamando que a nossa posição fosse mantida, em suma: expondo os nossos pontos de vista e quase que forçando uma solução. Nós sabíamos que isso teria que dar em punição, como realmente deu. Todos os que assinaram esse documento - e eu fui um deles - pegaram trinta dias de cadeia. Isso já foi às vésperas da Revolução de 32. Já estávamos mais ou menos em maio, junho, e o ambiente já estava muito agitado. Porque nessa ocasião - aliás o ano de 32 se caracteriza pelo Clube 3 de Outubro e pela agitação tenentista - o Getúlio já havia colocado interventores em todos os estados. Só não colocou nos estados onde houve levante: em Minas, Rio Grande e aqui no Rio, parece.³ Com isso, cada um deles tinha seus colegas de turma, tinha seus companheiros. Então, quando havia uma dificuldade eles interferiam: falava-se com o João Alberto; falava-se com o Filinto Müller;

³ Apenas o governador Olegário Maciel, de Minas Gerais, foi mantido no cargo após 1930.

com A; com B; com C para poder atuar. Então ficou um choque entre a hierarquia e os tenentes que formou um ambiente tremendamente difícil. E aí justiça o tempo tem que fazer aos chefes que, com tranquilidade, foram aos poucos...

[FINAL DA FITA 7-B]

A.M. - ... foram aos poucos pelo trabalho, pela capacidade de liderança, fazendo diminuir este estado de agitação. E entre os homens que atuaram, o Canrobert era muito ligado ao Estado-Maior, era um homem de grande capacidade, de grande firmeza; eram lá, na Vila Militar, os comandantes todos. Esse ambiente foi arrefecendo.

Mas já começava a haver os preparativos da Revolução de 32. Quando nós estávamos presos no CPOR.

L.H. - O senhor ficou preso no próprio CPOR?

A.M. - Não só nós como outros oficiais. Ficamos uns dez oficiais presos no CPOR. Estávamos lá quando fomos procurados já por companheiros que estavam ligados ao movimento de São Paulo e que vieram sondar sobre a possibilidade daquela prisão ser aproveitada para criar um clima e tudo isso. Aí nós nos reunimos e analisamos o problema.

L.H. - Quem procurou o senhor nessa época?

A.M. - Quem nos procurou foi um colega meu de turma, José... Eu vendo a relação... Eu e o meu clã:⁴ aqui eu, minha mulher, meu filho e minha nora. Do primeiro casamento. Aqui começa: neta, filho, filho, neto e por aí vai.

Mas foi um colega de turma que foi nos procurar e nós examinamos a questão e achamos que o problema de "rabanetes" e "picolés" era um problema intrínseco dos tenentes. Não era nem do Exército, propriamente, dos outros postos. Era um problema interno e não deveria ser, absolutamente, misturado com o problema nacional.

L.H. - Era um problema da corporação, não é?

A.M. - Era da corporação e desses tenentes.

L.H. - De uma patente específica.

A.M. - De uma patente específica.

Redigimos então um documento que perdi, não achei. Era um documento em que nós, que estávamos presos no CPOR, expúnhamos a nossa teoria contrária ao envolvimento do caso "picolés" e "rabanetes", e a nossa prisão com o problema do movimento que a gente sentia que estava sendo preparado..

L.H. - Quem estava preso com o senhor? O senhor se lembra? O senhor disse que eram mais ou menos dez.

⁴ O entrevistado começa a mostrar papéis e fotos.

A.M. - Mais ou menos dez. Que eu me recorde; eu, naturalmente; o João Manuel Lebrão, que era um grande oficial, foi um homem que sentou ao meu lado 12 anos, grande companheiro; o Custódio Espolidoro dos Santos; o Rubens dos Santos Paiva, que depois vai aparecer em São Paulo; assim de momento já não me recordo mais. Mas o fato é que o Canrobert, que era o comandante, sentiu que havia alguma coisa e apareceu. E nós fomos lealmente a ele e dissemos... E foi convocada uma reunião de representantes de todos os oficiais presos nas diferentes unidades, no Forte de Copacabana, em determinado dia. Nós redigimos um documento, o Canrobert sentiu que havia qualquer coisa, veio a nós e nós, lealmente, dissemos: "Está aqui, major (aliás não sei se ele já era tenente-coronel.) Está aqui o nosso ponto de vista." Ele leu, leu e disse: "Está certo. Muricy, você é quem vai representar os oficiais do CPOR."

Então eu fui encarregado de ir ao Forte de Copacabana, levar a nossa resposta. Quando eu cheguei ao Forte de Copacabana, havia bem uns quinze ou vinte oficiais, cada um representando um grupo de presos. E essas conversas moles, que não levam a nada. Comecei a me encher, chegou um momento em que eu disse: "Olha, eu vim aqui trazer a seguinte resposta." E li "Pan, pan, pan." Fechei, entreguei a quem estava dirigindo - se não me engano era o Antônio Bastos, de engenharia, se não me engano. Estava lá na reunião, pelo menos. Eu disse: "Entregamos aqui a resposta do pessoal do CPOR. É esta." E fui embora. Não ia ficar lá o dia inteiro. Então cheguei lá, comuniquei aos companheiros, comuniquei ao Canrobert e ficamos lá. Aí vem o ambiente brasileiro cada vez mais tumultuado, a gente sentindo que havia um preparativo de revolução, quando, um belo dia, Rubens dos Santos Paiva, tenente como nós, companheiro e amigo de turma, pediu uma reunião com aquele grupo mais chegado a ele e disse: "Em vocês eu confio 100%. Vai sair a revolução e eu vou. O dia em que eu não aparecer é que a revolução rebentou." Eu disse: "Não tenha dúvida nenhuma. Nós estamos do lado de cá. Você já sabe." Quer dizer, ele sentiu a lealdade. Quando havia só política, era diferente - é o que digo - do problema, quando entra a ideologia. Na política podia-se fazer isso. E mais: o próprio Canrobert, ele foi procurar o comandante dele Disse: "Major" - ou tenente-coronel - "eu estou com posição tomada de maneira que vim dizer ao senhor que estarei contra o governo."

L.H. - O Rubens foi procurar o próprio Canrobert?

A.M. - O próprio Canrobert. O Canrobert teve uma atitude discreta, aceitou aquilo e não abriu a boca para ninguém.

A.C. - Quer dizer, ali era um confronto político?

A.M. - Era um confronto puramente político.

A.C. - Não havia ideologia?

A.M. - Não havia ideologia nenhuma.

E aí vem o movimento de São Paulo, o qual eu vou combater, mas que era um movimento em que aparece de um lado um desejo, de São Paulo e outros estados, de modificar o estado de coisas, como a ditadura que estava implantada no Brasil. De qualquer maneira, o Getúlio assumiu, não havia Constituição, ele tinha a força. Então houve o que se chamou Movimento Constitucionalista. E dentro desse Movimento Constitucionalista havia também

o desejo de reação daqueles que tenham sido derrotados em 30. Queiram esconder ou não queiram esconder, a verdade é esta: não foi um movimento puro, de ordem ideológica, de sonhadores, não. Havia também um movimento de revanche. Tanto que todos aqueles que tinham tomado atitude contra os revoltosos foram convidados e muitos passaram para o outro lado.

Então vamos assistir... se nós analisarmos os comandantes militares de São Paulo, vamos ver que quase todos tinham tomado atitude contra os revolucionários em 30. Isto é um fato. Agora, havia também o desejo de constitucionalização para terminar a ditadura. Era mais o desejo de terminar a ditadura e um certo revanchismo do que, propriamente, o desejo de constitucionalizar o país. Em São Paulo havia também o espírito da revanche. Em 1930, São Paulo quase que foi teatro de uma batalha - a de Itararé, que não houve -, também estava louco para tomar uma atitude contra o governo.

A.C. - O senhor, como militar preocupado com esses problemas de ordem, de hierarquia, de volta à normalidade, teve simpatias pelo movimento paulista? Ou isso foi visto como uma contestação ao governo?

A.M. - Eu não tive simpatia, porque havia um fenômeno interessante: aos poucos o governo foi dando ordem ao Brasil. E o que nós queríamos era tranquilidade. Então, entre um Brasil desorganizado, que já estava começando a ser contido, e um movimento que nós não saberíamos até onde iria, eu, pelo menos, preferi ficar do lado do governo. E muitos companheiros. Então aí, em 32, também prevaleceu muito a disciplina e a ...

A.C. - Uma coisa muito curiosa: o senhor tem trazido, neste depoimento, informações que, num certo sentido, contrariam um pouco a nossa idéia de que a volta à normalidade dentro do Exército teria sido quase que um resultado da Revolução de 32. O senhor está insistindo muito que isso já começa em 31.

A.C. - Não... A revolução ajudou porque veio novamente colocar os chefes nos seus pontos, porque houve comando. Quando um chefe comanda em ação, ele adquire prestígio junto a seus subordinados. Tanto que, em 30, a tropa veio comandada por tenentes e capitães. Em 32 nós vamos ver a tropa comandada por generais e coronéis.

L.H. - Dos dois lados?

A.M. - Dos dois lados. Então houve uma retomada da disciplina em ambos os lados. Porque aí já a estrutura militar estava refeita, ou, pelo menos, estava com muitas cicatrizes, mas já estava mais ou menos...

A.C. - O Exército se cindiu, mas os seus princípios básicos de funcionamento estavam completamente repostos?

A.M. - Completamente. Então nós vamos ver, por exemplo, do lado de São Paulo, no levante vê-se Klinger, vê-se Vasconcelos, vê-se o coronel Palimércio, vê-se o Euclides Figueiredo - são todos coronéis ou generais de prestígio.

A.C. - O próprio Isidoro, que não é o caso...

A.M. - O Isidoro era da reserva mas não tinha prestígio dentro do Exército. Ele tinha no meio civil, porque era general, mas ele não tinha... não era um comandante. Mas o Klinger, o

Pereira de Vasconcelos, o Figueiredo, o Palimércio de Resende, todos estes eram chefes respeitados. O Taborda... Então, todos esses eram chefes que o Exército reconhecia. Esses homens eram coronéis ou ... Do lado de cá tinha uma força comandada por Góis Monteiro, que tinha no seu estado-maior um Pantaleão Pessoa, que já era coronel, que tinha uma porção de oficiais-generais. As unidades comandadas... Daltro Santos comandava o destacamento do vale do Paraíba.

A.C. - O Valdomiro Lima.

A.M. - O Valdomiro no Sul. Valdomiro veio comandando a tropa do Sul. A Revolução de 32 ensejou o enquadramento, novamente, dentro da hierarquia.

A.C. - Foi chefe contra chefe?

A.M. - Chefes e chefes. E os oficiais de menor posto foram para os seus lugares naturalmente. Esta é a principal característica. Não foi ela que ensejou; ajudou porque já vinha de antes.

L.H. - A ordem já vinha sendo restaurada paulatinamente?

A.M. - Já, já vinha, já vinha. É1 como eu digo: os comandos já eram de generais, que vieram com a tropa. O Newton Cavalcanti veio do Norte, era coronel, veio comandando. O Dutra, que era coronel, que tinha sido contra a revolução, em 30, ele já estava lá em Minas, entrando pelo norte de São Paulo - o destacamento Dutra. O Dutra era já quase general... era coronel ainda. Então a gente sente que aí já houve estrutura. A estrutura militar já começou a funcionar.

A.C. - A sua contribuição é muito importante, porque vemos bem que há dois níveis que se pode considerar: um deles é este que o senhor está vendo conosco, o problema do Exército dentro das guarnições, dentro dos quartéis; e o outro é o problema do Exército no plano nacional. Este é que só vai ser resolvido a partir da Revolução de 32. Porque em 32 temos o empastelamento do Diário Carioca, temos grandes manifestações de indisciplina, que estão contradizendo um pouco esse processo que o senhor descreve tão bem.

A.M. - Isso aí já são outros episódios. Estou contando a vida dentro do Exército, porque eu vivi como um tenente que viveu o Exército. Eu, durante uma fase da minha vida, eu vivi o Exército. Eu acompanhava os problemas nacionais, como todos nós, mas eu vivia era a vida militar.

A.C. - É muito importante que tenhamos esse aspecto da revolução, que é o mais difícil, talvez, de ser reconstituído.

A.M. - Porque o outro é de muita fachada. Mas o trabalho surdo dentro dos quartéis é muito mais difícil.

A.C. - Isto que o senhor nos mostrou hoje é muito difícil. Quer dizer: a disciplina retomada.

A.M. - A disciplina vai sendo retomada pouco a pouco. E é por isto que eu reverencio aqueles chefes militares que sentiam a reação, que fingiam que não viam mas caminhavam. Caminhavam sem acusar os golpes. Mas tocando para frente.

A.C. - Os mentores desse processo... Quem o senhor vê assim como os mentores desse processo, as pessoas mais típicas dessa consciência militar?

A.M. - Eu não sei. É difícil dizer, porque eu assisti a uma parte. Eu era tenente e o tenente tem uma visão limitada ao meio em que ele vive. Eu, por exemplo, vi a ação de homens como o velho Fontoura, na Vila Militar, o coronel Fontoura. Vi uma ação, no Grupo-Escola, digo o Pantaleão Pessoa e o Alcio, de uma disciplina... No CPOR, um Canrobert, de uma disciplina...

A.C. - O senhor presenciou a ação destes chefes?

A.M. - Esses são os ambientes em que eu vivia. Esses eu posso assegurar.

Mas a gente sente quando a coisa degradinga. Agora uma pausa. Porque, de vez em quando, surge. Durante o período em que nós estávamos de prontidão, antes de eu seguir para a frente, o Grupo-Escola deslocou uma bateria para o Grupo de Obuses, em São Cristóvão. E nós estávamos, numa noite, de prontidão dentro do CPOR porque ficamos logo de prontidão, quase ouvimos uma fuzilaria, nos preparamos para qualquer coisa que houvesse. No dia seguinte, tomamos contato: tinha sido uma tentativa de levante, dentro dessa bateria, feita por comunistas. Inclusive, um desses rapazes pegou a metralhadora, assestou contra os oficiais e deu uma rajada, mas na hora que ele sentou na metralhadora, o cano levantou, então passou por cima dos oficiais, que estavam dormindo.

L.H. - Quase que são todos fuzilados?

A.M. - Ah, sim! Se ele atira sem sentar na metralhadora, naquele dia teriam morrido, pelo menos, uns quatro ou cinco oficiais. Isto me veio à cabeça assim, de repente. É melhor dar uma interrupção.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

A.M. - Isso aí o que acontece é o seguinte: eu fui muitos anos instrutor.

A.C. - O senhor já ia procurar essas coisas, também, porque gostava, não é? Foi por acaso?

A.M. - Não... Toda a minha vida estudei, gostei... Olha, era um grupo de tenentes...

A.C. - Essa história de Canrobert ir buscar o senhor lá não sei onde, já é um desígnio.

A.M. - Isso aí é a vida que eu fiz no 1º. RAM. A gente constrói a vida. Eu sou um homem... não sou aquele que diz: "Ah, ..."

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

A.M. - Esse ambiente era o ambiente que estava no Rio de Janeiro, muito pesado.

L.H. - O senhor nos tinha dito que em 31, quando o senhor estava em Curitiba, a posição do Leite de Castro como ministro gerava uns bolsões de resistência. E o Leite de Castro sai do ministério justamente em junho de 32.

A.M. - Porque aí o clima contra ele foi gerado principalmente por causa da nossa posição. E aí vão chamar o Espírito Santo Cardoso. O Espírito Santo Cardoso era um homem de muito prestígio, reformado, mas muito equilibrado, muito tranqüilo. De maneira que, no meio daquela exaltação, a ida do Espírito Santo foi para poder dar tranqüilidade. Porque realmente o movimento dos tenentes tinha gerado uma situação de choque. E para tranqüilizar, o Getúlio, que nesse ponto, sempre foi um homem de muita habilidade política - ele era principalmente um político hábil - arrumou e trouxe a nós os fatos. Eu não estou a par, porque, como eu digo, vivia a minha vida.. Eu sempre procurei viver no meu meio. O meu meio eu conhecia bem. No meu meio eu era respeitado, mas era lá no meu cantinho. O que não era meu...

A.C. - Sobre o Leite de Castro, o senhor trouxe um dado extremamente importante, que é o fato de que havia grupos que estariam contestando o Leite de Castro, à sua esquerda. Porque nitidamente o gabinete Leite de Castro foi de cunho muito agressivo, muito combativo.

A.M. - E gente boa... Através da vida, eu vim a me tornar um dos maiores amigos do Ademar de Queirós. E através do Ademar eu conheci muita coisa do Leite de Castro. Adiante eu vou completar coisas de trás, fazer as ligações que eu não tinha feito.

L.H. - Então o Espírito Santo foi trazido pelo Getúlio para apaziguar um pouco a situação...

A.M. - O ambiente, que estava muito pesado. Eu não sei se nessa ocasião é que houve o empastelamento do Diário Carioca. Foi com o Leite de Castro. Eu me lembro. E eu me lembro de sair do CPOR e ir ao quartel-general e ainda ver o empastelamento de longe.

A.C. - Ah, o senhor viu?

A.M. - Eu vi a movimentação e tomei conhecimento a posteriori. Eu não tive nenhuma participação antes e nem depois. Apenas fui um observador, de ver aquele tumulto de longe. E depois, pelas informações que me trouxeram, que tinha sido dirigido por aquele rapaz... pelo tenente Renato Imbiriba Guerreiro e outros que eram exaltados. Era o pessoal ligado ao 3 de Outubro, esse pessoal do qual eu não me aproximava. Eu tinha sido contra a revolução. Embora amigo deles, eu não me aproximava.

Por exemplo, nesse período nós fomos procurados pelo Agildo Barata no CPOR, também preparando a revolução. Ele estava preso não sei onde e queria assaltar o corpo de bombeiros. Porque o Agildo era de ação. Era um homem capaz de fazer mesmo. Era capaz de pegar um grupo de uns três ou quatro e atacar o corpo... Ele foi lá para convidar um grupo para fazer o ataque ao corpo de bombeiros.

A.C. - Isso foi quando? Em 31 ou 32?

A.M. - Em 32.

A.C. - Os tenentes estavam muito inflamados ainda, não é?

A.M. - Muito. No CPOR não havia isso, porque o Canrobert tinha uma ascendência. Canrobert era outro chefe. Eu tive a grande sorte na vida: ter tido chefes. Chefes, com C grande. Porque quem teve os oficiais que eu tive, e depois o Canrobert... O Canrobert e o Alcio influem no resto da minha vida. Principalmente o Canrobert. Ainda vou servir mais três vezes com ele.

A.C. - Sobre o CPOR, eu gostaria de perguntar ao senhor: por que essas pessoas eram voluntárias? Há um lado surpreendente nisso, porque, em geral, não havia muito interesse em servir. As pessoas sempre tentaram escapar da vida militar.

A.M. - Esse é o trabalho de um homem: Correia Lima. O Correia Lima partiu da premissa de que num caso de guerra o Exército tem que se expandir. O Exército de paz tem um efetivo muito inferior ao de guerra. Os americanos, por exemplo, nessa guerra, partiram de um Exército de duzentos ou trezentos mil homens para seis milhões. Então entra aí um problema, que depois vou sentir de perto, lá nos Estados Unidos, quando vou fazer o curso: como eles conseguiram organizar o que nós chamamos os quadros de oficiais, de tropa e de Estado-Maior. Mas, então, o Correia Lima, sentindo que os efetivos de guerra eram muito maiores, e que havia necessidade de fazer a convocação... A convocação de praças já existia, o trabalho de mobilização. Quando o soldado dá baixa, ele fica arrolado com a especialidade, com a função que ele fez, o que ele pode ser aproveitado. Tudo isto a gente organiza nos cadernos de mobilização. Entretanto, havia um claro: os oficiais de reserva. Como completar os quadros de oficiais? Vimos, por exemplo, que, na FEB, que foi uma divisão, nós fomos obrigados também a levar um grande número de oficiais de reserva. Aliás, foram excelentes comandantes de pelotão, de seção e mesmo de companhia. Então esses homens precisavam ser recrutados num meio mais elevado. Só podia ser no meio universitário. E como o Correia Lima era de artilharia, ele achou que os homens para artilharia deviam ser os universitários ligados à matemática. Porque nós, na artilharia, somos obrigados a trabalhar muito com a matemática: temos que utilizar tábuas de logaritmos; elementos de topografia mais desenvolvidos; a parte de levantamento astronômico; temos que conhecer cálculo de probabilidades e por aí afora. Então, naturalmente, ele pensou na artilharia. (E eu vou fazer um intervalo, uma pausa. Isto que acabei de dizer me faz voltar ao meu tempo... Não, não, é para o futuro. Toma nota aí: Lima Câmara e Paulo Lopes - ESAO. Quando chegar lá, quero falar sobre isso. Põe aí: frases. Esses homens eram muito interessantes.)

Mas, então, o Correia Lima saía, diariamente, do quartel-general onde ele servia, no fim da tarde, ia para a escadaria da Escola Politécnica e fazia verdadeiros *meetings*. Inclusive um cunhado meu, que era aluno da Escola, ia assistir - naquele tempo ele era só namorado de minha irmã, Carlos Herman Otto Nielsen Koptcke -, se entusiasmou, entrou para o que ele chamava curso de comandante de seção. Foi o começo do CPOR.

L.H. - Foi pelo entusiasmo mesmo?

A.M. - Entusiasmo. Ele pegou um pequeno núcleo, se não me engano a primeira turma foram uns seis alunos, levou para dentro do grupo de obuses, e lá dentro, com um conjunto de oficiais, entre os quais estava esse meu querido amigo Lebrão, ele organizou uma instrução efetiva aos domingos. Então, aos domingos, esse grupo de oficiais, com esse grupo de alunos fazia a instrução, e ele dava aulas e se entusiasmou. No outro ano aumentou o número, foi aumentando e no fim de algum tempo ele conseguiu do ministro que fosse dado um diploma de oficiais de reserva para os que tinham curso de comandante de seção.

A.C. - Foi uma coisa extra-institucional, foi uma coisa paralela?

A.M. - Inicialmente. Mas com a autorização dos chefes. Ele fez isso num caráter experimental. Isso foi feito não só na artilharia, como na infantaria. Eu me lembro que o Matos e um outro, não sei se o Tamoio, também iam para a parte de infantaria. Como eram verdadeiros cursos de comandante de pelotão, de comandante de seção, para os estudantes, aí é que criou, e, se não me engano, em 28, 29, por aí é que se criaram os CPORs. Ainda numa forma muito embrionária. Nas guarnições onde havia um conjunto estudantil muito forte, foram criados os CPORs.

A.C. - E essa ligação com a engenharia se mantém pela vida afora?

A.M. - Mantém. Agora vem o lado que ela falou do voluntariado. Inicialmente voluntariado. E o voluntariado trazia os melhores alunos da Escola Politécnica. Eu tive alunos brilhantes, que são hoje grandes engenheiros e que eram excelentes alunos.

A.C. - O que os movia a procurar o treinamento militar?

A.M. - Patriotismo e o convencimento de que o Brasil tinha que ser grande e que precisava ser defendido pelos seus filhos. O sentimento do homem de patriotismo é muito maior do que se imagina. Eu tenho tido contato neste Brasil e sei como se arrastam homens só gritando: "O Brasil precisa!" Quando a gente é sincero, a gente encontra apoio. Agora, o povo tem uma sensibilidade para sentir o falso... Muita gente não levanta ninguém. Muita gente não levanta ninguém.

[FINAL DA FITA 8-A]

A.M. - Mas, então, o CPOR, como eu ia dizendo, começou a selecionar esse pessoal e inicialmente só havia voluntários. Mais tarde, principalmente já próximo à Segunda Grande Guerra, as coisas foram mudando. Depois houve uma campanha muito grande contra as

Forças Armadas, que ainda perdura, e tudo isso fez com que o voluntariado fosse deixando de ter a primazia para ser a compulsão. A compulsão levou a uma diminuição da qualidade. E mais ainda: como as classes - nós chamamos classe os indivíduos da mesma idade - eram muito acima das necessidades do Exército, o número de excedentes muito grande, também começou a haver a fuga. E acontece o seguinte: a idade de convocação para o serviço militar é uma idade drástica, porque pega o menino, geralmente, no fim do curso secundário ou no começo do universitário...

A.C. - E corta muito o processo profissional...

A.M. - E vem o choque entre a carreira que o indivíduo deseja e a obrigatoriedade de parar para servir ao Exército. Então, começa a haver a tentativa de escapula. No nosso tempo, por exemplo, nós dávamos aula de seis às oito, para permitir que o aluno depois de oito fosse para a escola ter as aulas. Aos domingos ele não tinha aula, então vinham trabalhar. Mas eles vinham com vontade! Depois, mais tarde, procurou-se fazer o CPOR nas férias. Foram feitas várias tentativas. Nunca haverá uma solução perfeita, mas tem-se que fazer aquela que, nas circunstâncias, traga melhor resultado.

L.H. - Quanto tempo durava o curso de CPOR?

A.M. - O curso de CPOR eram dois anos.

L.H. - De instrução diária e aos domingos?

A.M. - Instrução diária de manhã e aos domingos, durante dois anos. Era pesado mesmo. Agora, como era um pessoal de nível elevado, certas instruções nós passávamos por cima, muito rapidamente, para dar aquelas que eram fundamentais. Nós fazíamos acampamentos - eu tenho fotografias de acampamentos com alunos. Rapazes de um valor! Inclusive esse Amarante, que me escreveu. O Amarante era muito amigo meu, magrinho... Ele pegava o queixo do burro e saía com o queixo do burro, e era agarrado ali... Nós tínhamos um célebre burro que chamávamos Burro Cor-de-rosa, porque na hora que se colocava o fardo...

Aí vou fazer uma pausa. A Artilharia de Montanha, como eu disse, era uma artilharia que se decompõe em fardos que são colocados em cima do lombo do burro. A Artilharia que tinha no CPOR era deste tipo, era de montanha. A garotada que vinha tinha que aprender a arrear o burro, colocar a carga em cima do burro e depois conter o burro. Havia homens e rapazes de um valor! Esse Cordeiro Guerra, quando ele pegava um queixo de burro não largava mesmo, de jeito nenhum! Ele era firme, muito firme! Mas isso aí só para vocês sentirem... Esse é o problema do voluntariado.

L.H. - Os seus alunos, em 32, se envolveram com a questão da Revolução de 32?

A.M. - Não. Eles, naturalmente, estavam voltados para os seus estudos e para o CPOR, e nós tínhamos o cuidado de não tratar problemas políticos com aluno. A Revolução de 32, que levou ao esvaziamento da Escola Militar, trouxe uma consciência de que não se deve envolver os alunos nos problemas fora do seu âmbito. E no CPOR ainda menos, porque no CPOR eles não são militares, eles são presuntivos, [riso] digamos assim. Como dizem os

castelhanos, são presuntos. Então, nós tínhamos muito cuidado de não tocar nos problemas políticos com os alunos. Naturalmente que eles acompanhavam, cada um com a sua idéia. Nunca procurei saber o que cada um pensava de um lado ou de outro. Não só não influenciava como também não permitia que eles viessem... Isolava-me do assunto político.

L.H. - Instrução neles?

A.M. - Instrução neles.

L.H. - Nesse período que o senhor ficou preso, nesses trinta dias de cadeia que o senhor pegou por conta dos "rabanetes" e "picolés", como era a situação? O Canrobert ficou agastado com vocês por causa disso? Como era a relação de vocês com o pessoal do quartel?

A.M. - Não! Nós dávamos a instrução diariamente, da mesma maneira. Os alunos iam lá, nós trabalhávamos o dia inteiro; quando acabava a instrução nós íamos preparar outros assuntos. O Canrobert continuava... A única coisa é que nós não saíamos do quartel.

L.H. - Era apenas um confinamento dentro do quartel?

A.M. - Ah, sim, dentro do quartel e com toda a liberdade.

A.C. - Não pararam de trabalhar por causa disso. [riso]

L.H. - Dentro do quartel plena liberdade, a rotina continuou...

A.M. - O oficial que tem o quartel por *menage*, como era o nosso caso continua na tarefa normal, normal: Nós não tínhamos a menor modificação. A única coisa é que quando acabava o expediente, nós ficávamos lá. Naquele tempo, até o rádio era deficiente. Então nós ficávamos conversando.

L.H. - Então não foi cadeia que vocês pegaram? Foi quartel por *menage*?

A.M. - É cadeia, minha filha, cadeia. Com quartel por *menage*, mas é cadeia. De vez em quando minha mulher ia lá me visitar, com meu filho pequeno ainda... Era cadeia.

L.H. - Isso atrasou promoção? Teve alguma conseqüência?

A.M. - Nada. Porque agora vai haver a revolução, e, quando há a revolução, muda o quadro.

A.C. - O senhor sabe quem foi o autor, o mentor dessa solução do quadro paralelo? Terá sido o Góis Monteiro?

A.M. - Não me recordo mais. O grupo nosso que dirigia eram aqueles mais chegados ao movimento de 30. Então, quem pode dar informação é o Juraci, principalmente o Juraci, que depois foi ficar inteiramente político. Ele era realmente, do pessoal da revolução que

veio do Norte, um dos líderes. Depois do Juarez era ele. O Juraci pode dar informações; o Mamede pode dar informações. Eles eram muito chegados ao Juarez, e o Juarez era, nessa ocasião, o homem que tinha mais ardor a favor dos "picolés". Porque ele tinha sido um dos responsáveis pelo levante na Escola Militar.

L.H. - Mais responsabilidade.

A.M. - É.

A.C. - O senhor mostrou muito bem isto: que cada um defendia aquele que lhe estava mais próximo.

A.M. - Exato. A gente começa a generalizar e começa a errar, começa a dar interpretações... Eu prefiro não interpretar.

A.C. - Mas o senhor mostrou muito bem que isso fazia parte do conflito político. Não era ideológico, era político. E então, na política, cada um defende os seus, não é isso?

A.M. - Exato... O problema era puramente político.

Mas, então, nós estamos agora às vésperas da Revolução de 32. A instrução, o 3 de outubro, as agitações... Chega um momento, vamos dizer assim, em que o meu amigo Rubens Paiva não aparece no quartel.

L.H. - Era a senha.[riso]

A.M. - Quando ele não aparece no quartel - isso devia ser o dia 8 ou 9 de julho - , sinal de que a revolução... E de fato. Imediatamente nós fomos avisados, todo mundo entrou de prontidão, e ficamos então acompanhando os fatos. Imediatamente o governo começou a tomar as medidas para enfrentar o movimento, que veio com grande força. São Paulo se levantou completamente. E, mais do que São Paulo, inúmeros oficiais foram para São Paulo. Uns, com tempo, puderam ir diretamente; outros, que nos dias subseqüentes tiveram que ir até Parati e de lá tomar embarcação para ir por mar para descer em São Paulo. Com a maior dificuldade. E assim foram organizando a resistência.

São Paulo era o estado que tinha a maior estrutura industrial no Brasil - como ainda hoje - e tinha, portanto, capacidade de armar a tropa. O governo, por sua vez, tinha capacidade de juntar a tropa de todo o Brasil. E houve uma mobilização que hoje, passado o tempo, a gente diz: "Como foi feita...?" Eu creio que se reuniram tropas de um lado e de outro: uns trinta mil homens de um lado e uns vinte ou trinta do outro, num total de cinquenta ou sessenta mil homens em choque. Isto representa alguma coisa. E houve muita gente que morreu.

L.H. - Os efetivos de São Paulo eram quase tão grandes quanto...

A.M. - Não, não. Os do lado de cá eram maiores e começaram... Também tinha de todo o Brasil. Porque o governo começou a juntar tropas. Não só as tropas do Exército, como as tropas das polícias e mais as tropas provisórias do Rio Grande. Os provisórios vão aparecer, principalmente, na coluna do João Francisco, o "Leão do Caverá", que vai aparecer por lá,

fazendo uma grande manobra. Eu estou do lado de cá, no Rio de Janeiro. Depois eu posso dar outras informações, porque os companheiros meus, não só eu estava então em ligação com eles, como depois da revolução eu estive em ligação com eles. Veio o movimento, aquele momento de estupefação, a reação imediata do governo, organização de um comando, que foi entregue ao Góis Monteiro, o lado daqui, do vale do Paraíba, estado do Rio. O Valdomiro Castilho de Lima, o lado do Sul; do lado de Minas, se não me engano, aí ou pouco depois, veio o Dutra. E as tropas começaram, então, a ser deslocadas imediatamente.

E há um fato, que depois vai ter repercussão comigo em 64. A primeira unidade paulista que se deslocou em direção ao Rio de Janeiro, foi uma célebre companhia, comandada pelo capitão Novais. Um bom chefe. Mas, como foi jogado muito à frente, ele não quis vir sem apoio. Parou na cidade de Cruzeiro. E todos nós ficamos convencidos de que, se ele tivesse avançado até Barra do Piraí, ele teria estrategicamente cortado a ligação principal Rio-Minas e teria causado pânico, porque numa revolução como essa, nos primeiros momentos, principalmente, há uma fase de desconhecimento completo da situação. Ninguém sabe quem é o adversário, ninguém sabe quem é que realmente está a seu lado. A tropa que está a seu lado, a qualquer momento, pode se passar para o lado de lá. E a tropa que está do lado de lá, a qualquer momento, pode vir para cá. E, ao mesmo tempo, você não sabe se o homem que está a seu lado está 100% leal, porque... Então, essa fase inicial é uma fase de indecisão, é uma fase de indefinição, de tal maneira que - eu estou convencido - se o capitão Novais tivesse vindo com a companhia à Barra do Piraí, talvez a situação tivesse mudado. Para o governo, foi muito bom que ele parasse em Cruzeiro. Deu tempo para que as tropas do governo saídas do Rio de Janeiro e levadas, inclusive, por ônibus da Light...as unidades de infantaria que seguiram a estrada Rio-São Paulo - antigamente era a que passava por Bananal, pelo "Clube dos 200" e...

L.H. - Passava por dentro daquelas cidades todas, não é?

A.M. - É. Hoje é uma região turística, mas só com o turismo, porque a estrada é péssima. Naquele tempo não era; era uma estrada boa.

Ali foi jogada tropa em ônibus da Light. Ao mesmo tempo, ao longo da via férrea, foi jogada tropa também para a altura de Resende. Então, naquela frente, foi organizado o destacamento do general Góis, para poder ir enfrentando os paulistas. Com o Novais já de posse da região de Cruzeiro, também eles se articularam, e essa frente foi entregue ao general Pereira de Vasconcelos, que era o comandante paulista da frente de cá. Eu era muito amigo dele e do Armando. Vejam como as revoluções são trágicas, que a gente combate o próprio amigo. Sabendo que é um amigo, mas está combatendo.

A.C. - Daí essa indefinição também geral, não é? Porque as lealdades são muito fortes.

A.M. - Passa um período em que o indivíduo fica em luta entre a disciplina e o dever militar e o pensamento sobre os problemas nacionais. Esse foi um drama, em 64.

A.C. - Não se pode evitar a política, não é?

A.M. - O Cordeiro, nesse ponto, foi um grande batalhador, para fazer essa modificação de mentalidade. Isto é difícilimo, difícilimo.

A.C. - Em que sentido o senhor diz? No sentido de preservar...?

A.M. - Porque eu, por exemplo, estou convencido de que preciso lutar contra o governo. Mas, militarmente, eu não devo me levantar. Então, nesse momento, que posição eu tomo? Ficar com o governo ou ficar contra o governo? Ficar no meio do caminho, eu não posso. O ideal seria ficar, como nós chamamos, em cima do muro. Mas não é possível, eu tenho que ir para cá ou para lá. Essa é a hora da decisão. Dificílimo. E houve companheiros indecisos quase que até o fim. Daí o 13 de março ter sido uma coisa formidável! Mas isso é para o futuro.

Mas, então, dá-se esse momento e a frente leste, logo adiante de Resende, para na região de Queluz.

L.H. - É a divisa do estado, não é?

A.M. - Ali é que se dá o primeiro encontro entre paulistas e governistas. No vale do Paraíba.

No lado Sul, a região lá de Buri vai, avança, os paulistas conseguem fazer. No Sul eles vão até Santos e se entrincheiram lá, em Santos. E no Nordeste e no Norte eles não estavam muito preocupados, porque Mato Grosso tinha vindo com o Klinger, e, ao mesmo tempo, em Minas Gerais, não havia massa de tropa, que vai ser reunida depois, pelo Dutra, para fazer a coluna que entra pelo Norte e vai até Campinas.

Agora entro eu no problema do vale do Paraíba. Logo de saída, as tropas governistas avançam, como eu disse, até a região de Queluz. E havia uma completa dificuldade de informações sobre o movimento dos paulistas. E o governo lança a aviação em reconhecimento.

O Eduardo Gomes era comandante do 1º. Grupo de Aviação, aqui no Rio. Meu irmão, José Cândido, era instrutor da Escola de Aviação e era não só muito amigo do Eduardo, como também era um dos melhores aviadores que tínhamos naquela ocasião. De maneira que meu irmão foi jogado, imediatamente, para o campo de Resende, para de lá levantar vôo e fazer incursões de observação, de reconhecimento e também de bombardeio contra os grupos militares que encontrasse. Logo de saída, numa das primeiras escaramuças havidas, eu recebo a notícia de que o avião de meu irmão havia sido metralhado e ele não tinha tido um arranhão. Eu procurei me ligar com ele, ele veio de Resende e então estive me contando que levantou vôo, sobrevoou, para mandar informações, em seguida sobrevoou a região de Taubaté, o campo de lá, viu que havia vários aviões paulistas pousados. Então ele desceu para bombardear e do campo saiu uma saraivada de balas: 23 furos no avião dele. Um deles na nacelle. Ele devia estar com o corpo para a frente, porque se ele tivesse apoiado, seria atravessado. Não teve um arranhão. Além dessa ação, ele tomou parte em várias ações de combate aéreo, contra o Lísias Rodrigues. Aliás, do lado de cá, se destacaram o meu irmão, o Melo, o Araripe, o... aquele que foi ministro também...

L.H. - Nero Moura?

A.M. - Não o Nero naquele tempo era menino.⁵ Ninguém sabia que ele existia, porque ele não era nem oficial. Isso é 32! O Nero aparece como capitão em 45. Eu vou me lembrar.

L.H. - O Dante de Matos não estava?

A.M. - Não. O Dante de Matos não estava não...

L.H. - O Dante que era irmão do Fernando Matos, que era aviador também.

A.M. - Eu não me lembro mais. Tinha o Wanderley... outros companheiros. Uma porção de aviadores e meu irmão começa a fazer esse trabalho. Mas isso aí foi esporádico, porque depois ele vai ser promovido por bravura. As promoções, no fim da revolução, também têm coisas interessantes. Lembrem-me quando chegar na hora.

O Melo ainda me dizia: "Olha, Muricy, tudo que eu faço, dizem que é teu irmão! O Muriçoca." Ele só chamava de Muriçoca, porque era o vermelhinho, o célebre avião vermelhinho da revolução, era o meu irmão. E, às vezes, o Melo era também um vermelhinho, que diziam que era o meu irmão. [riso]

Do lado de lá havia o Mota Maia. Bom, de repente sai ou não sai. O que importa é que começou o ambiente também de revolução, de luta. Começaram a se definir as posições. Quando as posições se definiram, realmente o governo estava na maioria e São Paulo era condenado: não tinha solução. Uma revolução desse tipo, ou se vence nos primeiros momentos ou nunca mais. Ou nunca mais. Porque depois que se cristaliza, o governo tem outros recursos. E foi o que aconteceu. Ele começou a chamar tropa de todo Brasil. Vieram tropas do Nordeste, -unidades do Exército, polícia, munição e organizou-se uma operação militar perfeita. Não foi uma guerra de ... como nós chamamos "cerca Lourenço". Foi uma guerra mesmo bem organizada. O Estado-Maior do Góis funcionava perfeitamente. Neste Estado-Maior estava o meu primo Magalhães, que tinha sido meu instrutor na escola; estava o chefe do Estado-Maior, que era o Pantaleão Pessoa; estava lá o Canrobert, que tinha deixado o CPOR. Depois eu também deixei o CPOR, fui para uma bateria. E vou falar nessa bateria já.

L.H. - O senhor foi convocado?

A.M. - Fui. Então, nós estávamos tomando posição, quando o governo resolve organizar uma bateria utilizando... a artilharia 120, do Minas Gerais, que estava fazendo conserto aqui no Arsenal de Guerra.

L.H. - O senhor vai explicar para nós o que é esse negócio de artilharia 120.

A.C. - Acontece o seguinte: o navio Minas Gerais, que era capitânia da esquadra, tinha a artilharia de 305, que eram os canhões principais, e tinha as baterias secundárias de canhões 120mm, quer dizer, a distância entre as raias opostas, 12cm - então 120mm. Então, esses canhões da Marinha, do Minas, estavam no Arsenal de Marinha. A idéia foi a seguinte: pegaram-se truques de estrada de ferro carros de carga, instalaram-se em cima desses carros cinco canhões 120. A guarnição era de marinheiros e suboficiais da Marinha. Havia ainda

⁵ Nero Moura participou da Revolução de 32

necessidade do pessoal de comando. O pessoal de comando era do Exército, arrebanhado na Artilharia de Costa - sargentos, soldados da Artilharia de Costa faziam a parte de comunicações, de transmissão, de cozinha, disso tudo. E mais: tinha ainda o pessoal da Central do Brasil, que pegava a composição, que operava os vagões para frente e para trás, e tinha ainda o que nós chamávamos "o grupo de infantes pioneiros", que era um grupo de garotos de Alagoas todos de 18, 19 anos, que era a mão-de-obra. Para fazer desvios, para fazer não sei o quê mais, pegar na picareta. Era uma bateria *sui generis*. Nunca houve uma maior mistura.

Nessa mistura, o comando da bateria era o capitão Henrique Ricardo Holl, que era um dos grandes revolucionários de 24, que esteve em Foz do Iguaçu, que fez aquela retirada de São Paulo. Um homem inteligentíssimo. O Filinto Müller ficou servindo na bateria. O João Alberto, que era chefe de polícia, deu o que pôde de material, e ia constantemente à bateria. O João Alberto era muito amigo do Holl, desde as lutas de 1924. O João Alberto deu uma série de material de que precisávamos. Como havia canhões de Marinha, quem ficou encarregado disso foi o Herculino Cascardo. E como era preciso que alguém entendesse de artilharia, pegaram o tenente Muricy, do CPOR.

L.H. - O senhor tem razão, essa bateria é a maior mistura que eu já vi na vida...

A.M. - Não é só a senhora, eu também. Foram buscar depois um outro rapaz, também muito bom artilheiro, o Rebelo, que tinha estado comigo no 1º. de artilharia. Veio o Rebelo. Foram pegar um ex-aluno, que era de engenharia, para comandar os infantes pioneiros, porque ele era o homem que ia fazer os trilhos. O Filinto Müller, então, resolveu aderir à bateria e também veio ser tenente na bateria. E mais ainda: de vez em quando, tínhamos a visita do então major Estillac Leal. Essa era a bateria 120.

Em primeiro lugar, eu já recebi a bateria, os canhões... eu só fui chamado no CPOR, quando os canhões já estavam montados. Eu não tive participação na organização das baterias. Recebi e fui fazer as primeiras experiências de tiro com o canhão, lá em Mangaratiba. Nós fomos com o trem, ao longo da via férrea, paramos na altura de Mangaratiba e atiramos por cima da restinga de Marambaia. Nós fizemos toda a experiência de verificação de tabela. Porque aí entra um problema técnico, mas que é preciso esclarecer. Os canhões de Marinha são canhões de tiro tenso. Canhões de grande velocidade inicial. Resultado é que o tiro é muito tenso. Tem, portanto, um alcance limitado; se não me engano, em números, 9 mil metros para os canhões desse tipo, da Marinha. E precisávamos de canhões de maior alcance e trajetória mais curva, quer dizer, com maior ângulo de tiro.

[FINAL DA FITA 8-B]

A.M. - Então tivemos que fazer um cálculo para extrapolação da tabela de tiro. Isto era feito principalmente pelo Cascardo, que era um grande matemático e, nas horas vagas, por mim e pelo Rebelo. Nós sentávamos e ajudávamos o Cascardo a extrapolar a tabela de tiro de canhão 120 da Marinha. Esta era a bateria. Mês de julho ainda fiquei aqui no CPOR. Em agosto é que nós seguimos para a frente. Quando chegamos em Engenheiro Bianor, pouco depois de Resende, estávamos parados na estação e os paulistas souberam que estava vindo bateria diferente. Então mandaram nos bombardear. Vieram três aviões e nos

bombardearam. Eu me lembro de certos episódios da reação. O Miranda Correia tinha sido um dos organizadores da bateria. Não ficou lá, mas foi nessa viagem inaugural. Era uma mistura engraçadíssima...

L.H. - Quer dizer que antes de entrar em combate, vocês já foram bombardeados?

A.M. - Já, em Engenheiro Bianor. Eu me lembro ainda de que um soldado se jogou dentro do Paraíba e ficou só com a cabeça de fora. Morre como um peixe, se estourar uma granada dentro do rio... Em seguida fomos para Queluz. As tropas já estavam adiante de Queluz. Já tinha a Coluna do Daltro sobre a via férrea e havia o destacamento do Zenóbio. O Zenóbio foi meu instrutor na Escola Militar. O Zenóbio era um homem de grande liderança. Um homem que não era muito de muitas luzes, mas era da frente. Para levar tropa para a frente era com ele. Uma coragem pessoal! E esse destacamento dele, que tinha um batalhão, não me lembro de quê, onde o Sousa Aguiar depois foi aprisionado, e tinha uma bateria que era do Ernesto Geisel. Corria ao norte do rio Paraíba. O destacamento do Daltro corria ao sul do Paraíba.

E nós estávamos apoiando tudo isso. A missão nossa era, de uma maneira geral, fazer o que se chama os tiros de inquietação e interdição. São tiros que a gente faz sobre pontos onde há muito movimento de tropa ou onde há muito movimento de carga e descarga, para prejudicar essas reuniões, dificultar a passagem. Então dificulta a vinda de tropas ou a vinda de suprimentos de toda a natureza. Então nós fazíamos isso.

Agora, no ataque a Volta Redonda... não naquela região de Volta Redonda de hoje, mas lá adiante de Queluz, tomamos parte no apoio, aí nós atiramos contra as trincheiras paulistas. Foi um combate onde houve, talvez, na frente Leste, o maior de mortos. Naquele dia, tivemos que recolher feridos e mortos. E como tínhamos uma estrada de ferro à nossa disposição, pegamos os vagões de carga e pusemos lá na frente e trouxemos então mortos e feridos. Fizemos a evacuação. Eu me lembro de que tinha muitos feridos. Não sei dizer quantos, mas eram muitos feridos e muitos mortos, no ataque a Volta Redonda. Só neste ataque morreram, se não me engano, seis ou sete oficiais. Inclusive o irmão do Góis Monteiro... o irmão do Lott, que era tenente. O Irmão do Góis morreu mais ao sul. Levantou-se, pá, veio uma bala, e ele caiu morto. Morreu um rapaz que estava conosco no 1.º de artilharia, em 1930. Quem fez a evacuação fomos nós.

L.H. - O senhor, nessa época, tinha 26 anos. Como o senhor enfrentava esse tipo de coisas? Como a guerra batia assim no senhor, como pessoa? Esse problema dos feridos, pegar os mortos?

A.M. - É sempre constrangedor a gente pegar companheiros feridos, alguns mortos, alguns até... A gente tem que fazer. Por exemplo, houve um dia em que estávamos levando um carro, um vagão, cheio de soldados e sargentos telefonistas, que iam levar para a frente. Eu era bom de estrada de ferro, levava esse carro quando um vagão chocou-se com um carro e um vagão de outra, que estava parado na via. O vagão ficou imprensado. Vinte e tantos homens feridos naquele emaranhado de ferros. E lembro que corremos para atender. Quem era pouca coisa, vai, separa, quem era maior... E eu me lembro do caso de um sargento que, quando me viu, disse: "Tenente, a minha perna?" Eu olhei, o osso dele estava com quase três centímetros. Uma fratura exposta feíssima. E a gente tem que atender. Ele disse: "Tenente, me ajude!" Então nessa hora a gente vira tudo e faz. E não fiz mais do que os

outros fizeram. Mas aquele foi comigo. Eu peguei uma perneira, naquele tempo, enchi de capim, fiz uma tala como pude, amarrei e mandei evacuar esse homem. Esse homem, acabada a revolução, eu fui visitá-lo no Hospital Central do Exército. E o dr. Humberto de melo, que era um grande cirurgião, estava dizendo: "Olha, tenente Muricy, estou fazendo tudo para salvar a perna. Agora, se salvar, foi o senhor que salvou. Porque, se não fosse aquela contenção feita lá, ele não tinha solução".

Então a gente, nessa hora, não tem solução - é fazer. Quando a gente vê um ferido, vê um morto, a gente vai fazer e faz mesmo. O que não pode é deixar uma pessoa humana ali, de qualquer jeito.

L.H. - E o serviço médico, como é que funcionava?

A.M. - De acordo com o que nós chamamos o regulamento militar, quer dizer, na primeira vez vão os padioleiros tirando os feridos, os mortos, levando para os primeiros pontos de reunião; depois, outra turma pega dos pontos de reunião e leva para os lugares onde tem mais apoio. E aí, onde tinha mais apoio era... Nesse ataque de Volta Redonda, encostamos dois vagões ali na frente, para poder ajudar a retirar. De maneira que isso foi o ataque de Volta Redonda. Foi o mais importante. Foi o dia em que, por exemplo, nós, do observatório, vimos a infantaria subir o morro, os paulistas entrincheirados na parte superior; e o batalhão do Matos, aquele que eu disse que era preto... Ele era comandante de uma companhia. A companhia dele subiu o morro, e, quando chegou a uma distância talvez de uns 10 m., os paulistas que estavam em silêncio começaram a jogar granadas de mão e foram arrebatando no meio do pelotão que subia. Eles foram ficando ali mesmo, ficando, ficando, ficando e ficaram um dia e uma noite. Só no outro dia é que se pôde tirar tanto os feridos como os mortos. Os que puderam fugir...

São coisas que a gente tem que enfrentar. Na vida militar a gente se prepara para isso. Tem que enfrentar e, principalmente, não ser impressionável. Tem que agir, principalmente, com o raciocínio frio, e dominar os nervos. Porque esse negócio de medo, dá medo mesmo. O que a gente precisa é vencer o medo.

L.H. - O senhor tinha casos, por exemplo, casos comuns que acontecem, de soldados que tinham ataques?

A.M. - Na revolução não senti muito. Na guerra... Eu também não fui à guerra, mas conheci vários casos de pessoas que ficaram traumatizadas. Na revolução não senti assim, talvez por causa dos efetivos muito mais rarefeitos, frentes muitos maiores, as ações de fogo não eram tão intensas. Nós tínhamos que economizar munição, porque a munição, em grande parte, principalmente de artilharia, não era fabricada no Brasil, então a gente tinha que saber economizar. Não havia a densidade de fogo que havia na Europa. São coisas diferentes, atuam de maneira diferente. Atuam de maneira diferente.

L.H. - São os comandantes das frentes? Vocês recebiam, por exemplo, do Góis.

A.M. - Eu ia muito ao quartel-general. Primeiro, porque tinha um trem...

Eu me deslocava da frente, nós ficamos em Queluz, íamos muito, primeiro a Resende e depois mais para frente. Lá eu tinha, como eu disse, o Canrobert no quartel-general, o Pantaleão Pessoa, tinha esse meu primo, tinha o "Cabecinha".

A.C. - Tinha o Alcio?

A.M. - O Alcio não. O Alcio não sei onde é que estava nessa ocasião. Creio que ele ficou comandando o Grupo-Escola para ter uma tropa no Rio de confiança. Eu ia muito e via o Góis, mas...um tenente para o general...

A.C.- Uma distância enorme.

A.M.- Ali, uma distância enorme. Mas eu me dava com todos eles. Eram todos amigos do Magalhães e, portanto, sabiam que eu era primo... Meu irmão estava muitas vezes lá, também, porque o campo de aviação... E naquele tempo falava-se muito no tenente Muricy, no vermelhinho, de maneira que havia...

A.C. - Ser aviador era um prestígio enorme, não é?

A.M. - Era um prestígio enorme. Era um prestígio enorme.

A.C. - Era uma notoriedade.

A.M. - Era notoriedade. E os outros companheiros também lá.

Ao mesmo tempo, na frente, eu tinha muito contato com o Daltro, que tinha sido Comandante do Magalhães e cujo chefe de Estado-Maior era o Segadas - Segadas, que tinha sido instrutor na Escola de Aperfeiçoamento e eu já conhecia. Então o Segadas tinha muito contato, ficava ali do lado e dizia: "Você não deixa a gente dormir!" Todo mundo tinha raiva da bateria 120, porque de noite dava tiro, para fazer tiro de inquietação. O pessoal tinha uma raiva da bateria 120 muito grande... Então o Segadas reclamava muito dos tiros da bateria 120... Mas era também um bom companheiro, eu me dava também muito.

Ao mesmo tempo o Zenóbio, no destacamento Norte, que era um pequeno destacamento, eu me dava com ele porque tinha sido aluno dele principalmente era amigo do Ernesto, que comandava a bateria.

Por sinal que há um episódio... As coisas, a gente vai lembrando, é engraçado...

O vale do Paraíba é muito dobrado, elevação atrás de elevação, e o tiro de artilharia se faz com observação terrestre ou aérea. O mais seguro é a observação terrestre mas para isto precisa ter um observatório. Então, eu precisava de um observatório terrestre, como o Ernesto precisava também. E um dia combinamos nós dois de ir procurar um observatório, numa região muito dobrada. Então, cada vez que a gente subia um morro, via um morro na frente e dizia: "Bom, lá deve ter vista." Subia, não tem vista, tem outro morro na frente. Então desce, sobe, outro morro na frente. De repente ... uma fuzilaria em cima de nós dois... Estávamos dentro das linhas paulistas! [risos] Nós éramos um grupo: eu, ele, tenentes, e mais ainda uns cinco sargentos, soldados, conosco, cinco ou seis. De maneira que foi só meter o pé para trás... Só ouvimos o barulho da bala, que não é agradável não... A bala de fuzil faz um barulho esquisito... [risos] Mais adiante os paulistas, com os canhões do Forte de Itaipu, também fizeram artilharia sobre vagões, sobre truques. E atiraram então contra nós. A coisa avançou e chegamos à região de Lorena, ali fomos bombardeados pelo canhão, que era 150. Era calibre maior. Mas só explosão, barulho, não houve ferimentos nem coisa

nenhuma, foi tudo só a gente ficar... ouvi o barulho, se abrigar, deixar passar, estourou, a gente sai de novo, de acordo com o que diz o regulamento.

L.H. - Vocês tinham notícias das outras frentes? Como estavam evoluindo?

A.M. - Tínhamos. Principalmente havia duas coisas interessantes: como nós estávamos em cima da estrada de ferro, existia a linha telegráfica e mais, havia o que se chama... um dispositivo para controle da estrada de ferro, que é uma linha que liga todas as estações e onde os conferentes e os agentes falam uns com os outros. É nós ali usávamos um gancho, pegávamos a linha e falávamos para casa... Telefonávamos da bateria para casa, para o Rio de Janeiro. E assim nós tínhamos toda a ligação fácil. Eu e o Filinto éramos os dois que mais falávamos no telefone. O Filinto com a Consuelo, e eu com a Ondina... O Filinto era um homem alto, tinha um braço imenso, e em vários trabalhos topográficos, eu o fazia pegar um lenço em cada mão, um gancho, abrir os braços e servir de estadia para poder medir distância.

A.C. - O senhor era muito ligado a ele?

A.M. - Muito! Eu me liguei muito, queria muito bem ao Filinto. Eu me liguei com gente na vida, uma porção. A minha vida me aproximou de muita gente.

L.M. - Como era o Filinto, como oficial?

A.M. - O Filinto teve a carreira como militar prejudicada, como quase todos os que perderam o período de 22 a 30. Eles tiveram um hiato na vida militar muito grande, de maneira que nem todos recuperaram. O Filinto nunca recuperou, porque foi logo usado para cargos civis, cargos políticos. Então ele, como oficial, tinha aquelas noções, que ele aprendeu na Escola Militar e nos primeiros tempos da carreira de tenente, porque foi tenente também no 1. de artilharia. Então, como, oficial, faltou formação.

A.C. - Não na sua época?

A.M. - Não, muito antes. Foi 22, eu fui para lá em 26. De maneira que ele não teve, como oficial... Agora, um bom amigo, muito sério, acusado de coisas que ele nunca fez, porque ele era um homem muito bom. Agora, os excessos, dentro de uma estrutura, eu posso garantir que ninguém segura. Ninguém; ninguém; ninguém. Porque eu, mais tarde, fui ter o problema e vi. Escapa pela malha. A gente quer e escapa pela malha.

L.H. - Quer dizer, há uma certa autonomia aí?

A.M. - É... Agora, ele era um homem muito bom, e principalmente se mostrou um político muito hábil.

L.H. - O senhor teve mais contato com ele nesse período?

A.M. - Nesse período. Eu já o conhecia da Vila Militar, porque ele estava preso, estava fora do Exército, mas ele tinha um cunhado que servia na Vila, de vez em quando eu viajava de

trem com ele. Mas nesse período ficamos dois meses, dia e noite, dia e noite, um ao lado do outro. De maneira que eu fiz muito boa camaradagem e continuei a vida inteira, até a morte.

A.C. - Aproximação maior é nesse período?

A.M. - É nesse período. Depois desse período cada um vai para um lado, mas continuamos muito amigos e, principalmente, confiando muito um no outro.

Meu irmão sai dali e vai para a frente Sul. Pega um grupo de aviação, uma esquadrilha, tiram de Resende e jogam na frente Sul. Ele vai e termina a revolução na frente Sul. É a revolução vai, vai, vai até que vem a rendição dos paulistas, e aí há um fenômeno que vem corroborar o que eu disse: logo que o Coronel Vilabella veio, como representante dos paulistas, trazer o pedido de rendição ao Góis Monteiro, naturalmente que nós vimos. E quando chegou a notícia de que os paulistas tinham se rendido, a primeira preocupação nossa foi sair perguntando pelos amigos que estavam do outro lado. Para procurá-los para ir dar um abraço. E eu me lembro que um dos primeiros que eu encontrei foi o Paiva, o Rubens Paiva. E nessa ocasião eu soube da morte de um colega meu, de um amigo de Colégio Militar, o Sílvio Fleming. a confraternização foi absoluta. Mais tarde, quando eles recuaram presos, e foram depois, mais tarde, exilados, nós mandávamos dinheiro para eles, que eles não tinham como viver no estrangeiro.

L.H. - Cessando as hostilidades, a confraternização começou?

A.M. - Começou.

A.C. - É a sua tese da confraternização política...

A.M. - A política não cria ódios; a não ser num momento, ou a não ser nos pequenos núcleos, porque depois vou encontrar o ódio político nos municípios, nos estados, em Alagoas principalmente. Eu tive problemas em Alagoas. Vi lá coisas impressionantes.

A.C. - É coisa de vida ou morte.

A.M. - Vi coisas tremendas. Mas , então, dentro dos militares, nunca vi divisão depois de acabada a luta política; pelo contrário: contato para rememorar tal fato. "Como é que foi, você estava aqui, o que aconteceu." Aliás, isso se dá na guerra também. Depois da batalha de El Alamén, os generais italianos e os ingleses sentaram para reconstituir a batalha, jantando juntos e tomando café. Café ou chá ou coisa que o valha. Um drinque.

L.H. - O senhor teve alguma notícia, enquanto estava na frente, de um choque que houve entre o Guedes da Fontoura e o Góis Monteiro?

A.M. - Não, não tive.

L.H. - Porque há poucos dados a respeito disso, mas já ouvi dois ou três relatos.

A.M. - Não tive, de jeito nenhum. De maneira que não tenho como ajudar. E por aí vamos acabar a nossa conversa de hoje. Mas, então, estamos no fim da Revolução de 32. Há esse movimento de confraternização. Depois vem a parte política, que aí fica muito sério. Aí é que começa a parte política grave e os preparativos de 35.